



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

Bruno Rodrigues Ganem

Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade

Rio de Janeiro

2025



Bruno Rodrigues Ganem

Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UniRio, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Ivan Amaro. Linha de pesquisa: práticas educativas, linguagens e tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Amaro

Rio de Janeiro
2025

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

G195 Ganem, Bruno Rodrigues
 Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da
 cisgeneridade / Bruno Rodrigues Ganem. -- Rio de Janeiro
 : UNIRIO, 2025.
 150f

 Orientador: Ivanildo Amaro de Araújo.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

 1. Educação. 2. Travestilidade. 3. Cisgeneridade. I.
 Araújo, Ivanildo Amaro de , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH
Programa de Pós-Graduação em Educação

TESE DE DOUTORADO

Bruno Rodrigues Ganem,

“Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade”

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 28/01/2025

Documento assinado digitalmente



IVANILDO AMARO DE ARAUJO
Data: 31/01/2025 09:14:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ivan Amaro de Araújo
(orientador)

Documento assinado digitalmente



JAQUELINE GOMES DE JESUS
Data: 30/01/2025 07:01:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Gomes de Jesus
(avaliadora externa)

Documento assinado digitalmente



LETICIA CAROLINA PEREIRA DO NASCIMENTO
Data: 30/01/2025 18:17:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Leticia Carolina Pereira do Nascimento
(avaliadora externa)

Documento assinado digitalmente



ANDREA ROSANA FETZNER
Data: 30/01/2025 16:19:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Andréa Rosana Fetzner
(avaliadora interna)

Documento assinado digitalmente



DIOGENES PINHEIRO
Data: 30/01/2025 17:23:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Diógenes Pinheiro
(avaliador interno)

Para Ágata Pauer, Amiel Vieira, Caio Porã, Isadora Ravena, Lucas Dantas, Julia
Dutra e Sirius Ferreira.

À Cristiele de Araújo Soldá, companhia das primeiras possibilidades de afetos por nossas existências corajosas, diferentes e tão verdadeiras.

À minha mãe, Ana Madalena Rodrigues, que tanto compõe as linhas afetuosas que traçam essa escrita.

Ao meu pai, Dalton Felipe Ganem, por sua gigante devoção e grande amor.

À minha avó, Geórgia Januário Rodrigues, pela poesia de me sentir na multiplicidade e em liberdade.

Ao meu amor, Henrique Guilherme Cyrillo, por ser companhia, calma, paixão e certeza de vitória em todos os momentos.

Ao meu irmão, Felipe Rodrigues Ganem e minha irmã Stella Rodrigues Ganem, partes de mim e amores eternos.

À Liliana Secron, por sua presença genuína, autêntica, verdadeira e constante que movimenta nossas existências todos os dias, sem cessar.

À Rafaela Goltara, amiga, incentivadora e presente da vida.

Ao meu orientador, Ivan Amaro, por acreditar nos meus sonhos e dar vazão às nossas lutas.

À Roseclair Site, por tantas conversas, pelo sorriso sempre largo e o carinho entre nós.

À Carolina Romanazzi Freire, por tanto apoio e orientações tão valiosas.

Ao André Storino, guerreiro forte e grande parceiro.

À Jaqueline Gomes de Jesus, por um processo cheio de encontros e bonitezas por longos anos.

À Sara York, amiga de outras vidas e coragem que me refaz a cada dia.

À Leticia Carolina Nascimento, por tanta generosidade e confiança.

À Carmen Sanches e Adrianne Ogêda, leitoras dedicadas e tão sensíveis.

A Deborah Bapt, Janaína Russeff, Ana Paula Lopes, Simone Debet, Monique Marques, Carlos Gracie, Paulo Fracassi, Juliana de Moraes, Carla Amorim, Nayamara Bomfim, Hellenice Ferreira e Carla Romão: porto seguro de nós!

À Regina Carla, com quem me fiz educador.

A você que me lê!

Para mim, de todas as formas que há de amar é o compartilhar a mais nobre de
todas.

Quando se compartilha a coisa feita, a ourivesaria, a elaboração sagrada,
se invoca, involuntariamente, o espírito da doação.

Coexistência imediata! Transforma-se!

Quando se compartilha a coisa feita,
vai-se o que é sagrado em outras mãos.

Confunde-se a vaidade em coisa outra.

Menos desigual e mais humana.

Perde-se o jugo próprio.

Põe à mesa, dá de comer.

Transborda-se!

Quando se compartilha a coisa feita a alma se alimenta.

Inexiste a solidão.

Ganha cores a escrita de solitárias mãos!

Trans(torna)-se!

Em voz alta, quando se compartilha a coisa feita, escutam-se os pensamentos,
espelha-se em “profanía” a profunda empatia.

Quando se compartilha a coisa feita...

Surpreende-se!

Desvergonha-se!

Respira-se sem ar,

perdoa-se sem falhas,

navega-se sem velas!

Atravessa-se e vai além,

transcende!

(GANEM,2020)

Me lembro de aos 11 anos escrever minha primeira redação na escola. Era a sexta série do primeiro grau, em 1990. Ali, entre anseios e medos, vislumbrei uma possibilidade de existir de outra forma, acho que mais encorajadora. Sem precisar necessariamente arriscar qualquer interação com as pessoas eu rabiscava para além de mim. Forjava outras existências, mais próximas em afeto e amizade. Lá naquele lugar de intensas emoções e poesias - a escrita - eu descobria caminhos sobre dizer de mim e do que me rodeava. Aprendia que era possível habitar por outros caminhos e insurgir, talvez! Por ser um exercício que se dava quase sempre na escola e sob a orientação de alguma professora, era com elas que se estabelecia uma conexão de confiança e coragem para enfim aventurar-se com os lápis de escrever. Lembro-me com saudade de uma dupla imbatível: Rita e Zezé ! Rita há tempos que nos deixou e virou flores que voam no céu. Zezé deve continuar em pé em cima de alguma mesa entregando esperança e um tanto de revolução pra quem às vezes de longe, cheio de expectativas sobre o mundo, observa e guarda no profundo do coração, como eu fiz.

Veio de lá toda a inspiração para o mergulho que fiz por aqui.

Enquanto uma me oferecia poesias e acontecimentos, a outra me abastecia de
querenças.

É pra vocês, doces guerreiras, meu primeiro e mais sincero agradecimento!

***"Li várias teorias, pouquíssimas fizeram consonância a minha história na rua,
na noite e na vida ."***

Sara York

"É a última vez que falo sobre isso: o mundo tá acabando. De novo."

Jota Mombaça

***Começo este texto pelo fim, tomo esta liberdade de anunciar a conclusão
antes de qualquer outro enunciado discursivo. Eu não vou morrer! Este é o
único veredito possível. É meu clamor e profecia. Eu não vou morrer! É um
grito que ecoa lancinante, movimentando as estruturas
cis/hetero/branco/magro/normativas. Precisamos ecoar com força: eu não vou
morrer!***

Letícia Carolina

***O processo de escrever é feito de erros – a maioria essenciais – de coragem e
preguiça, desespero e esperança, de vegetativa atenção, de sentimento
constante (não pensamento) que não conduz a nada e de repente aquilo que se
pensou que era ‘nada’ era o próprio assustador contato com a tessitura de
viver – e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser
recebido com a maior inocência, com a inocência de que se é feito.***

Clarice Lispector

GANEM, Bruno Rodrigues. **Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade**, 2025, f. 151. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO, 2025.

RESUMO

Por uma transeducação: do pacto narcísico a traição da cisgeneridade. Inscrita na concepção pós-estruturalista, e, mais especificamente, nos estudos sobre gênero e sexualidade, teorias transfemistas e, em especial, epistemologias trans e travestis, a presente tese propõe um exercício de reflexão que busca afirmar a possibilidade de uma educação outra, aqui chamada transeducação. Com base em experiências de travestis e pessoas trans na/da/com a educação e que revelam, para além de trajetórias potentes, um cenário de expulsões e violências, o estudo reforça a aproximação das categorias 'educação', 'travestilidade' e 'transexualidade', numa perspectiva de coexistência e transformação, na luta por legitimar a garantia de experiências de afeto, equidade e inclusão para todas as pessoas. Ao anunciar uma Transeducação, intenta fazê-lo sob a hipótese de que é condição necessária a percepção e consequente traição de pactos cisgêneros que perpetuam a performance cisgênera como hegemônica em relação à performance transgênera, fabricando expulsão e violências cotidianas. Em conversa com travestis e transexuais a tese pretende investigar possibilidades outras de produção de um fazer educativo trans e travesti. O que se aprende com a educação travesti? O que se aprende com pessoas trans na educação? A pesquisa tece com a cartografia e as conversas o seu caminho metodológico inventivo que (des)organiza o rigor estilístico de um texto padrão fazendo emergir uma escrita densa e poética que reverbera dinâmicas de sobrevivência em meio ao caos pandêmico sob os fluxos de experiências em/na/com/sobre educar, seus múltiplos sentidos e os caminhos como vamos nos relacionando e nos constituindo. Movimentos compostos pela multiplicidade de conexões, confluências, rompimentos, explosões e contrafluxos que a própria ação de *pesquisarviver* vai detonando e, curiosamente, suturando em nós.

Palavras-chave: Educação, Travestilidade, Transexualidade, Arte

ABSTRACT

Towards a trans-education: from the narcissistic pact to the betrayal of cisgenderism. Inscribed in the post-structuralist conception, and more specifically in studies on gender and sexuality, transfeminist theories and, in particular, trans and transvestite epistemologies, this thesis proposes an exercise in reflection that seeks to affirm the possibility of another education, here called transeducation. Based on the experiences of transvestites and trans people in/of/with education, which reveal, in addition to powerful trajectories, a scenario of expulsions and violence, the study reinforces the approximation of the categories 'education', 'transvestility' and 'transsexuality', from a perspective of coexistence and transformation, in the struggle to legitimize the guarantee of experiences of affection, equity and inclusion for all people. In announcing a Transeducation, it attempts to do so under the hypothesis that it is a necessary condition for the perception and consequent betrayal of cisgender pacts that perpetuate cisgender performance as hegemonic in relation to transgender performance, manufacturing expulsion and daily violence. In conversation with transvestites and transsexuals, the thesis aims to investigate other possibilities for producing a trans and transvestite educational performance. What can we learn from transvestite education? What can be learned from trans people in education? The research weaves cartography and conversations into its inventive methodological path that (de)organizes the stylistic rigor of a standard text, bringing out a dense and poetic writing that reverberates survival dynamics in the midst of pandemic chaos under the flows of experience.

Keywords: Education, Transvestility, Transsexuality, Art

RESUMEN

Hacia una trans-educación: del pacto narcisista a la traición del cisgenderismo. Inscrita en la concepción post-estructuralista, y más específicamente en los estudios sobre género y sexualidad, en las teorías transfeministas y, en particular, en las epistemologías trans y travestis, esta tesis propone un ejercicio de reflexión que busca afirmar la posibilidad de una educación diferente, aquí llamada transeducación. A partir de las experiencias de travestis y trans en/de/con la educación, que revelan, además de poderosas trayectorias, un escenario de expulsiones y violencias, el estudio refuerza la aproximación de las categorías «educación», «travestismo» y «transexualidad», desde una perspectiva de convivencia y transformación, en la lucha por legitimar la garantía de experiencias de afecto, equidad e inclusión para todas las personas. Al anunciar una Transeducación, procura hacerlo bajo la hipótesis de que es condición necesaria percibir y consecuentemente traicionar los pactos cisgénero que perpetúan la performance cisgénero como hegemónica en relación a la performance transgénero, fabricando la expulsión y la violencia cotidiana. En conversación con travestis y transexuales, la tesis pretende investigar otras posibilidades de producción de una performance educativa trans y travesti. ¿Qué podemos aprender de la educación de los travestis? ¿Qué podemos aprender de la educación travesti? La investigación entreteje cartografía y conversaciones en su inventivo recorrido metodológico que (des)organiza el rigor estilístico de un texto estándar, haciendo emerger una escritura densa y poética que reverbera dinámicas de supervivencia en medio del caos pandémico bajo los flujos de la experiencia.

Palabras claves: Educación, Travestismo, Transexualidad, Arte

Lista de Ilustrações

Figura 1: Pequeno caderno de anotações.	43
Figuras 2 e 3: Composi(a)ção - registros sobre computaDORES.....	65
Figuras 4 e 5: Composi(a)ção - registros sobre fabulAR Fonte: Acervo Pessoal.....	66
Figuras 6 e 7: Composi(a)ção - registros sobre aMORTE-ser.	67
Figura 8, 9 e 10: Composi(a)ção - registros sobre ComputAÇÃO.....	70

Lista de siglas e abreviaturas

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexo

ABRAI - Associação Brasileira de Intersexos

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais

ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados

CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças

CFM - Conselho Federal de Medicina

CNCD - Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos

ENAHT - Encontro Nacional de Homens Trans e Pessoas Transmasculinas

FONATRANS - Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAT - Instituto Brasileiro de Transmasculinidades

IBTE - Instituto Brasileiro Trans de Educação

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostras de Municípios

MEC - Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial de Saúde

REDETRANS - Rede Nacional de Pessoas Trans

RENATA – Rede Nacional de Travestis

RENTAL - Rede Nacional de Travestis e Liberados

SINAN - Sistema de Informação de Agravos de Notificação

SUS - Sistema Único de Saúde

STF - Supremo Tribunal Federal

TULIPA - Travestis Unidas Lutando Incansavelmente pela Prevenção da AIDS

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFC - Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

O mundo é meu trauma e minha trama!	18
1 Porque a Educação não é Travesti?	26
1.1 (Auto)carto(coreo)grafias de si: 'teorias que dançam' outros modos de fazer pesquisa, "monstra-florescer" e cartografar	46
2 "Ñ vão nos matar agora": <i>Pesquisapoesia</i> por entre fric(a)ções pandêmicas e escritas que performam cartografias	57
2.1 Fric(a)ções Pandêmicas	63
2.1.1 Fric(a)ção 01 - Março de 2020	69
2.1.2 Fric(a)ção 02 - Última semana de Abril de 2020	73
2.1.3 Fric(a)ção 03 - Maio de 2020	74
2.1.4 Fric(a)ção 04 - Junho de 2020	76
2.1.5 Fric(a)ção 05 - sobre os últimos dias de junho de dois mil e vinte	77
2.1.6 Fricção 06 - quase (A)gosto de dois mil e vinte	79
2.1.7 Fric(a)ção 07 - Último mês de dois mil e vinte	81
2.1.8 Fric(a)ção 08 - Janeiro de 2021	83
2.1.9 Fric(a)ção como fa(bur)lação do fim! Março de 2021	86
Interlúdio: Tramar na fronteira o deslocamento!	92
3 Do pacto à traição: processos de (cis)são e reinvenção dos imaginários	96
3.1 Trair a cisgeneridade como ruptura transfóbica e de expulsão	98
4 Transvivências, Transepistemologias e Transeducação: fabulando outros modos de educar	106
4.1 O movimento de travestis e pessoas trans no Brasil como <i>práxis</i> educativa: por onde andou a transeducação?	106
4.2 Conversas sobre transeducar: práticas de encantamentos e reinvenções	117
4.3 Ancestralidade Travesti e Transeducação: que fios tecem a nossa história?	123

Por uma transeducação: um manifesto pela reinvenção do imaginário num tempo presente e possível!	135
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE	150

O mundo é meu trauma¹ e minha trama!

Eu acho incrível! Eu fico muito feliz de ouvir que você está nesse processo. Seja bem-vindo e bote fogo nisso. A cisgeneridade também é compulsória, né? Ver a si, isso é um processo lindo. De ir fabricando uma escrita que desconstrói ou uma escrita que destrói aquilo que há de norma em você.

(Conversa com Isadora Ravena, participante da pesquisa, 2024)

Antes de mais nada é bom ter você aqui! Não saberia dizer exatamente o que te fez encontrar essas enTESEadas reflexões, mas espero que te sirvam de acolhimento ou alguma dose de transformação - o mundo anda carecendo delas! Fazer dos traumas minhas tramas foi a maneira mais coerente que encontrei nesse recorte de tempo-vida-pan(pós)dêmico que pudesse, para além-texto, “politizar a ferida: um indício de uma coletividade áspera e improvável”.²

Ao longo de mais de 40 anos pude experimentar em meu corpo infinitas sensações, sentimentos de discordância e inadequação, alguns ainda por aqui, mas ecoando e produzindo resistências.

(viva!)

Talvez você sinta na pele - pelo corpo - por algum motivo, o que estou querendo dizer, quem sabe! Talvez você se reconheça na diferença ainda como desigualdade e não como potência, como fiz por muito tempo. A escritora feminista bell hooks se coloca como uma pensadora crítica que preconiza um estado de cura por meio da teoria, onde o conhecimento se estabelece como elo da experiência vivida com a produção de saberes ligada a processos de libertação. Desejo que minha experiência aqui compartilhada possa estimular movimentos criadores, criativos e de liberdade.

Torço para que essa leitura seja para você uma explosão de sentidos diversos.

Desde a infância até a vida adulta, percorrendo uma trajetória de árdua (des)elaboração de minhas vivências fora da normatividade, fui aprendendo e sendo

¹ Inspirado em Jota Mombaça.

² Jota Mombaça, 2021 p. 26.

apreendido por uma dinâmica veloz e perversa costurada por fugas e táticas para não sucumbir. As relações dentro e fora de casa, na escola e nos diversos espaços por onde transitei eram marcadas por padrões hegemônicos que ainda hoje insistem em ser naturalizados, como se fossem o padrão comum a todas as pessoas; a ideia de que um sujeito universalizado - heterossexual, branco, sem deficiências, magro - numa posição superior e de privilégio social pudesse dar conta de representar todas as nossas vidas.

Nessa régua normalizante, durante quase toda a minha existência, e principalmente nas escolas por onde passei, a sensação de não pertencimento foi constante. Era preciso, de algum modo, atender às expectativas estruturais: ser menino e comportar-se como se esperava de um menino e ao menor sinal de ruptura com a masculinidade, voltar para o eixo.

Não deslizar, não deixar saber: não ser!

Esse modo imposto como única possibilidade de existência foi o que mais tarde, eu viria a perceber como heteronormatividade, uma estrutura de compreensão que faz a heterossexualidade parecer não apenas coerente, mas também privilegiada. Dar-se conta deste fato através de um movimento de busca pessoal por conhecimentos e percebê-lo como mantenedor de poder entre as relações que nos permeiam foi ao mesmo tempo, desolador e libertador. Reconhecer-me a partir dessa constatação tornou-se primordial para empreender giros na/da/com a educação, uma vez que a escola, sob essa estrutura, veio me constituindo desde a infância até os dias de hoje como professor:

Eu não cabia entre os muros da escola!

Desde lá, venho procurando e encontrando maneiras de transformar práticas educacionais reguladoras e disciplinadoras em ferramentas estratégicas de invenção pela garantia de acesso e permanência de identidades que, de acordo com o que nos fazem acreditar ser o padrão, “escapam” à chamada heteronormatividade. Os 21 anos de dedicação ao ensino público, como professor de Artes Cênicas, com crianças e adolescentes, vieram provocando, ao longo do tempo, confluências³

³ Antonio Bispo dos Santos, 2023.

como atos de despatuação contrahegemônicos, onde nossas experiências e vivências com a escola, pudessem também ser “desobediência a atropelar a lógica do silêncio que nos foi imposta”⁴.

Gerar espaços pluridiversos nas escolas para as nossas corporalidades, tornava-se desafio em meio às durezas de um cotidiano marcado pelo preconceito. Conviver com a diferença demandava organizar-se política, epistemológica, ética e esteticamente. Buscar a formação docente com foco nas relações de gênero, sexualidades e educação foi tramar de sonhos a luta:

Tática poética de guerra contra o trauma!

Experiências que farei próximas a você, leitora(a), e que virão à tona logo no início desta tese.

Os conhecimentos e saberes advindos da prática como professor e encharcados por leituras em diálogo, principalmente com autorias trans e travestis, aproximaram-me do conceito de cisgeneridade que expandiu a discussão sobre uma educação outra, para além da adequação a uma escravidão governamental⁵, como efeito desse sistema. Jaqueline Gomes de Jesus, Letícia Carolina Nascimento, Sara Wagner York, Hailey Kass, Viviane Vergueiro, Beatriz Bagagli, entre outras intelectuais trans e travestis, foram responsáveis por complexificar o entendimento introdutório atribuído à cisgeneridade.

Colocar esse conceito sob análise é fundamental para que, urgentemente, combatamos as injustiças e possamos desnaturalizar as desigualdades que atingem “pessoas trans antes referidas como versões falsas, artificiais, daquelas que eram anunciadas como biológicas, normais, verdadeiras.”

Agora entendidas como pessoas cis, ou cisgêneros, esse grupo de pessoas passava a ser apresentado à noção de alteridade. Esse foi e permanece sendo um dos grandes giros epistêmicos protagonizados pelo transfeminismo, com a capacidade de adicionar à gramática social outro ponto de vista sobre a transexualidade. Menos estigmatizado, excludente. ”⁶

⁴ Thiffany Odara, 2020, p. 13.

⁵ Sara York, 2020.

⁶ Sofia Favero, 2022.

O termo “cisgênero” é utilizado para definir pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascerem. As pessoas que não se identificam com o gênero designado de nascimento, reconhecemos como transgêneras. No entanto, compreender a cisgeneridade como conceito e categoria de análise a partir dos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais⁷ nos implica a perceber modos de organização de privilégios que atuam pactuados também e, principalmente, nos espaços de educação formal como silenciadores de vidas trans, cada vez mais estigmatizadas e expulsas. Nesse sentido, a importante constatação outrora de uma estrutura heteronormativa que desolava, mas libertava, somava-se ao conceito de cisgeneridade produzindo o entendimento de um sistema então cisheteronormativo como possibilidade única de existência e política de extermínio de travestis e pessoas trans. A compreensão das corporalidades que performamos a partir dessa noção de alteridade fez-se imprescindível para a processualidade do que eu viria a propor com essa escrita.

Se são os sistemas que querem nos regular constituídos por poderes discursivos e políticos e enunciados massivamente por um “humano universal e animal necropolítico”⁸ (Paul B. Preciado, 2022), em sua grande maioria branco e cisheterossexual, que corpos, então, cabem entre os muros da escola? Que relações podemos perceber entre o fazer educativo cisgênero e as influências das práticas educativas travestis? Como as travestilidades e transexualidades refletem na constituição de uma educação outra? O que se aprende com a educação travesti? O que se aprende com pessoas trans na educação?

“Tenho escrito, desde os primeiros rascunhos, que os/es/as trans/travestis são os corpos mais deslegitimados da/na escola, mas que serão também os responsáveis pela atualização deste lugar, que persiste em caminhar por novos trilhos, muitas vezes sem apoio e sem atenção por parte do Estado, mas com iniciativas comunitárias de pessoas comprometidas com a escola pública, laica, gratuita, de qualidade e para todas/os/es/xs. Eu arriscaria afirmar que sendo, boa parte da população mundial transgressora das regras e normas do

⁷ Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2023.

⁸ Paul B. Preciado, 2022.

sexo e/ou do gênero (ainda que microevidentes), aquelas que mais destoam no recorte, serão as mais necessárias, para atualização de uma nova sociedade.

Se uma vez vistas, lidas e ouvidas, não há volta, será revolucionário.”⁹

A escrita desta tese, gestada desde o advento pandêmico e atravessando os anos de impacto que se seguiram, desde março de 2020 até 2024, tem sido uma forma de fraturar o sistema, “talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda executar um gesto de teimosa esperança”¹⁰.

A forma como escrevemos também demarca uma posição política de resistência. Por isso, este texto será apresentado da seguinte forma: sem marcação inicial de parágrafo em composição com frases em negrito e centralizadas, que se apresentam como linhas de força da tese; com citações que virão compondo os parágrafos e serão referenciadas em notas de rodapé; e os trechos de conversas transcritos e destacados em itálico. O intuito desse modo de operar é afirmar uma proposta ético-estético-política rítmica coerente com a temática desenvolvida.

Em relação às citações, corroboro com Judith Butler¹¹ “em uma linguagem difusamente masculinista, uma linguagem falocêntrica, as mulheres constituem o irrepresentável”. Creio que o uso do primeiro nome colabora para um processo cujo objetivo é que mulheres transgêneras e cisgêneras e demais minorias de direitos sejam identificadas como sujeitas produtoras de epistemologias. O uso de nome e sobrenome das mulheres funciona como uma estratégia de tornar visíveis e ressaltar a importância de suas produções para o campo.

Os quatro capítulos, mais a conclusão, desafiam reverberar uma produção textual em aliança e com múltiplas vozes, uma dança da escrita, tecendo reflexões com as conversas realizadas e analisadas sob a luz de escolhas referenciais, temáticas, estéticas e temporais de pesquisa, “a fim de encontrar sonoridades nas experiências, escapando das generalizações que silenciam as diferenças, onde as subjetividades de quem escreve anuncia que a escrita tem nascedouro no âmago: sempre atravessada, riscada, marcada, ao avesso, forjada”¹²

⁹ Sara Wagner York, 2020 p. 147.

¹⁰ Conceição Evaristo, 2003, p.2.

¹¹ Judith Butler, 2018 p. 28.

¹² Adrienne Ogêda Guedes, 2022. p. 4.

Os capítulos 1 e 2, elaborados em tempos de confinamento social, compõem o que, ao longo do percurso, instituiu-se TESEdiário, uma escrita enTESEada, tecendo com a cartografia e as conversas com textos de autorias trans e travestis, principalmete, o seu caminho metodológico inventivo que (des)organiza o rigor estilístico de um texto padrão fazendo emergir uma escrita densa e poética que reverbera dinâmicas *pandêmicarizomáticas* de sobrevivência sob os fluxos de experiências em/na/com/sobre educar, seus múltiplos sentidos e os caminhos como vamos nos relacionando e nos constituindo. O atrito entre corpo/escritura “e o artista/pesquisadora (o) de f(r)icção, uma espécie de cartógrafa(o) que traça paisagens na relação eu/alteridade, gerando momentos eletrizantes de uma escrita acadêmica f(r)iccional.”¹³

O terceiro e quarto capítulos, elaborados numa etapa posterior aos dois primeiros anos da pandemia, constituem-se a partir das conversas, encontros finalmente presenciais com pessoas trans e travestis, em partilhar nossas reflexões sobre os efeitos da cisgeneridade na produção de uma educação outra, a partir de nossas experivivências.¹⁴

“Porque a Educação não é Travesti?” narra movimentos marcantes de constituição e produção de si, desde a infância até a proposição desta tese. As experiências com a educação ao longo dos anos são entregues a quem lê como tentativa de compreensão da processualidade dos pensamentos elaborados em pesquisa e agenciados pelas atuações desde a criança estudante até o professor adulto.

Em **“Ñ vão nos matar agora: pesquisapoesia por entre fric(a)ções pandêmicas e escritas que performam cartografias”**, os caminhos *investigativosmetodológicos* e os modos de fazer pesquisa a partir de pistas cartográficas são contemplados enquanto tática de combate em meio ao caos pandêmico. As moviment(ações) de invenção em pesquisa, para não sucumbir, chamadas aqui de fric(a)ções, elaboram o cotidiano da escrita com a apresentação de uma TESEdiário, uma escrita enTESEada, mobilizadora das discussões principiantes e previstas ao longo do

¹³ Luciana de Fátima Rocha Pereira Lyra. 2020 p. 1.

¹⁴ Leticia Carolina, 2023.

texto: tornam-se assim uma dança da escrita, um caminhar (auto)carto(coreo)gráfico e uma ação performática. Ao acompanhar as agruras de um tempo ainda não conhecido ou vivido, as reflexões procuram dizer dos dias atravessados pela imprevisibilidade da crise mundial, costurados pelas ações de estabelecer, com a pesquisa e as dissidências de afeto e gênero, processualidade e rotas de fugas como potência de vida: tentativas de invenção de si e do mundo, permeadas pela arte em tempos pandêmicos.

“Interlúdio: Tramar na fronteira o deslocamento” é pausa em movimento, é transição da estrutura, é afirmação da vida. Na fronteira de uma *escritadiário* de solidez coletiva, tatuada pelo isolamento, fez-se partilhas em conversa, palavreanças do toque e esperanças à prova. Seis encontros, longas conversas e a insuspeitada alegria de conviver que desassossegaram a escrita tornada, em diante, gritarias epistêmicas.¹⁵

No terceiro momento, **“Do pacto à traição: processos de cisão e reinvenção do imaginário”** vem à tona a denúncia aos processos opressores de organização social e subjetiva que impuseram a normalidade da cisgeneridade como naturalidade nos corpos. Implicando na necessidade de reconhecimento da deslegitimação de existências trans e travestis que o pacto cisgênero estrutura, há que se colocar a norma sob análise, detonando a traição como um exercício de *cisão*, como ato mesmo de cindir, separar-se de dinâmicas segregadoras para com as transgeneridades, reiventando assim outras histórias e realidades.

Em **“Transvivências, transepistemologias e transeducação: fabulando outros modos de educar”**, quarto capítulo, refletimos como a partir de atuações, saberes e ativismos transtravestis, é possível afirmar e produzir uma transeducação como fabulação do agora, comprometida com a produção de presenças e lugar de encontro para todas as corporalidades. Entrecruzam às reflexões, um breve panorama do movimento de pessoas trans e travestis no Brasil e o reconhecimento de uma ancestralidade travesti que busca subverter narrativas de aniquilação de vozes para além da norma cisheteropatriarcal e reconhece os saberes ancestrais

¹⁵ Megg Rayara Gomes de Oliveira; Leticia Carolina Nascimento; Jaqueline Gomes de Jesus, 2022.

como contribuição para a formulação de práticas de liberdade através de uma transeducação.

“Por uma transeducação: um manifesto pela reinvenção do imaginário num tempo presente e possível” dedica-se a encerrar o texto, mas não a pesquisa e seus movimentos disruptivos, que foram estabelecendo com a dinâmica da escrita um exercício de aprendizagem que se deflagrou em ato próprio de educar.

As tramas em meio aos traumas de um regime cisheteronormativo percorrem um roteiro traidor das normas e profundamente educativo que clama por outros modos de atualização de um fazer educativo possível para a liberdade de todas as pessoas.

1 Porque a Educação não é Travesti?

Já nos disse Gloria Anzaldúa¹⁶ que escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. As palavras que desfilam a partir de agora para você, buscam costurar os sentidos que essa escrita pode representar sobre não sucumbir e sobre modos outros de reinvenção: dinâmicas rizomáticas¹⁷ de sobrevivência sob os fluxos de experiências cartografadas¹⁸ de dentro pra fora e de fora pra dentro, em/na/com/sobre educar, seus múltiplos sentidos e os caminhos como vamos nos relacionando e nos constituindo. Movimentos compostos pela multiplicidade de conexões, confluências¹⁹, rompimentos, explosões, e contrafluxos que a própria ação de *pesquisarviver*²⁰ vai detonando e, curiosamente, tecendo em nós:

Bulbo atômico - renovação!

A pergunta que dá título a esses primeiros escritos é um furacão! Se não fizer ventania, terá sido em vão.

É mais que um trovão! É travão! É confrontação!

Bomba atômica - lacração!

É sobre quebras, estilhaços, bricolagem²¹, montagem.

Desmonte! Bagunça não!

De lá pra cá, fez-se furacão, outrora tempestade!

Foi até o nome da tese: sempre em profusão!

Nasceu assim, feito vento, em meados 1980, quando fui aluno, pela primeira vez, de uma escola católica e de ensino privado, em Campinas, cidade do interior do estado de São Paulo, onde cresci e vivi até os 20 anos.

¹⁶ Gloria Anzaldúa, 2000.

¹⁷ Gilles Deleuze, 2012.

¹⁸ Eduardo Passos; Regina Benevides de Barros, 2009.

¹⁹ Antônio Bispo dos Santos, 2023.

²⁰ Ao longo do texto, combinações de termos aparecerão com a intenção de apontar a indissociabilidade de sentido.

²¹ Maria Léo Araruna, 2019.

Do tempo que permaneci naquela escola, cursando todo o primeiro grau - era assim que nos referíamos ao Ensino Fundamental I - oito anos foram na companhia da minha mãe, meu irmão e minha irmã. Com o vínculo de minha mãe com a escola, primeiro como professora e depois como coordenadora pedagógica, tivemos a oportunidade de nos frequentar diariamente, nas brechas do tempo possível. Dos três filhos, acredito ter sido o mais dependente de sua presença, de seu toque e da segurança que ele me proporcionava.

Por ser talvez ainda muito novo e, “vá lá”, um tanto choroso, foram muitas as visitas de minha mãe à sala de aula, onde nos abraçávamos e eu nutria toda possibilidade de sua presença. Por ali, o menino podia, sim, chorar - ao menos escondido dos olhares de fora - enquanto fazia dos soluços canções, entre os braços de sua mãe.

Por alguns momentos éramos eu, ela e nada mais.

Era ainda brisa o que seria vendaval!

Ao longo do tempo, não me recordo de ter sido afeito a muitas amizades, por certo colecionei algumas ao longo dos anos, porém poucas. Embora encontrasse por aquele ambiente algumas possibilidades de trocas e aprendizagens, também registrei em meu corpo um tanto de vergonha, medo e dor.

“Barriga pra dentro e peito pra fora!”

A voz, mansa e violenta, me tomava de sobressalto. Sem saber o que pensar e com pressa de atender ao quase comando de controle, eu me endireitava, meio torpe, aos solavancos, confiante de que era daquele jeito que o meu corpo habitava em mim... Por certo, algum tempo depois, me povoava pelas brincadeiras com as meninas da rua e esquecia quase tudo. Ali, entre elas, me refazia em outras, dançava com o tempo e maternava por dentro algo mais sutil, próprio de gente quando livre, entende? As mãos, fuçadeiras de nascença, meticulavam profundo o porta jóias de vovó e desenhavam lábios vermelhos cor de maçã com um batom quase no fim. Um broche de pedrinhas brilhantes, pesado e dourado, fazia unir dois tecidos, que abraçados criavam saias esvoaçantes. Era nelas que meu corpo ensejava uma dança audaciosa. Enquanto eu girava, as meninas dos olhos

sapateavam além, contornando outros futuros, costurando memórias da barriga pra dentro e do peito pra fora...

“Arruma essa mão!”

Era um tapa, certo, às vezes bem ardido, na parte de cima da mão, sabe? De outras vezes só um tapinha, pra acordar, ficar esperto, feito menino-homem... Menino homem? A expressão rasgante era engolida a seco, amarga! Menino homem não era um nome. Não era o meu nome! Em teimosia, as mãos do menino abraçavam-se em cumplicidade, atadas uma à outra: irmanadas pressionavam o ventre que doía que só. Corpo pra dentro e medo pra fora!

“Fala direito, ajeita essa voz!”

A vitrola vermelha, presente de aniversário, fazia preencher toda a casa com a voz do menino cantante, que pulava vez ou outra chacoalhando o quadril numa alegria desconcertante para quem, soturnamente, o espiava. As mãos ritmadas chacoalhavam os movimentos sob um corpo desejante de afetos.

Corpo-Baile! Corpo-Ensejo! Corpo-Cortejo!

Pra lá e pra cá... Pra cá e pra lá...

De barba e bigode aparecia o homem. Homem menino? – pensava o menino homem.

A voz minguava, as mãos molhavam e só restava o Corpo-Vazio!

Para além de ser quem eu era, apenas uma criança, foram as bricolagens, em meio à toda maquinaria²² e disciplinamentos²³ que me ensinaram a existir por ali entre a escola e a família: somos todos máquinas! “Máquinas que funcionam por toda parte! Máquinas que se acoplam e desacoplam, máquinas que cortam o fluxo uma das outras. Máquinas que aquecem, se desarranjam, crescem, criam. Peça por peça. Não é uma metáfora, não é uma maneira de pensar, as máquinas não estão em nossa imaginação, elas são reais”²⁴

Escola Máquina: pulsão desejante!

²² Gilles Deleuze & Félix Guattari, 1995.

²³ Michel Foucault, 2013.

²⁴ Helane Súzia Silva dos Santos, 2015, p. 77-79.

“No encontro com as normas de regulação do meu gênero, a infância foi um laboratório inventivo de outras corporalidades generificadas.”²⁵

Foi preciso estabelecer com as relações *dentrofora* da instituição, algo de subterfúgio, que me acompanhasse por todos os anos que ali estivesse: talvez uma forma de, sem saber, problematizar os processos de subjetivação, circulação de afetos, poder e potências postos em movimento pela educação escolar.

Fiz meu mapa das quebras!

Na quebra, em cena com as segregações anti-naturais de opressão e lógicas binárias de uma pedagogia *ciscentrada* decorei o texto da subversão:

Pedagogia da desobediência²⁶

Sob os impactos da cisnormatividade²⁷ na educação, onde a normatividade da cisgeneridade e da heterossexualidade é um processo social que vulnerabiliza performances para além de uma suposta inteligibilidade de corpos e corpos:

**Desmontei - como era possível - as artimanhas de um roteiro esperado
e me montei: ação política!**

Escola Potência!

Enquanto fui aluno, desde a infância até meados da juventude quando ingressei na universidade, foi preciso recorrer à montagem: modos outros de agência²⁸, performatividade²⁹ e produção de si como sobrevivência e estratégia às homotransfobias. A escola, mesmo com toda possibilidade de invenção, foi-me ainda assim desafiante espaço de convivência, muitas vezes violento e mantenedor de práticas opressoras às liberdades de existir de algumas de nós.

Por que a escola não era para todas as pessoas?

²⁵ Letícia Carolina Nascimento, 2021, p. 19.

²⁶ Thiffany Odara, 2020.

²⁷ Beatri Bagagli, 2013.

²⁸ Audre Lorde, et al, 2019.

²⁹ Judith Butler, 2018.

Se na escola, afinal, não poderiam coexistir possibilidades de ser diferente, como seriam então os processos educativos das pessoas que, em sua diferença, não podiam existir ali?

Nascimento da pergunta: Transmutação na educação!

Ventania!

Ao longo da infância e da adolescência, períodos atravessados pela escola em seus diversos contextos de socialização, partilhas, enfrentamentos e disputas, corri com o vento que se fazia ainda sopro. As percepções do que uma educação conservadora e tão distante dos debates em torno das questões das sexualidades e relações de gênero poderia proporcionar eram ainda gestadas sob concepções pouco ou quase nada efetivas. Foi a partir do final dos anos 80, despedindo-se dos “anos de chumbo” da ditadura militar, que movimentos feministas começaram a criticar a condição da mulher no Brasil e fazer principiar uma luta por condições equânimes entre os gêneros, fazendo repercutir discussões importantes que a longo prazo se desdobraram em oportunidades de combate, atuação e inserção na sociedade.

Naquele cenário, ser uma criança afeminada e expressão da diferença dentro de uma escola que não dialogava para além de uma perspectiva essencialista e biologizante de nossas existências, permitiu-me mais tarde ser também experiência catalisadora para o que agora venho expor, transpor e propor com essa escrita.

Desde lá a percepção do que seria um lugar para todas as pessoas não cabia entre os muros da escola.

Eu não cabia entre os muros da escola!

Durante muito tempo o exercício de ser quem sou precisou driblar preconceitos e arriscar rasgar as marcas do que estava imposto:

Táticas de resistência e invenção em emergência!

Corpos que povoam os cotidianos escolares, mas não estão presos a ele.

Estão atravessados pela docilidade³⁰ para não fugir do controle.

³⁰ Michel Foucault, 2001.

O cotidiano escolar povoado pelas vivências, histórias e acontecimentos fez-se encontro variado de táticas³¹ que se complexificaram na ocupação dos espaços e suas dinâmicas elaboradas pelo poder hegemônico. Vem de Nilda Alves e Regina Leite Garcia, a ideia de que “podemos nada ver, ouvir, cheirar, tocar, pois nossos sentidos também foram ‘educados’ para só ver, ouvir, reconhecer cheiros e sabores, aquilo que interessa aos poderosos: não aprendemos a reconhecer as dobras e menos ainda aprendemos a desdobrá-las, descobrindo o que está encoberto”³².

Adestramento escolar! (eu grito)

Castração colonial! (grito de novo)

Transformar a arte de denominar em uma arte de defesa: denominar também³³!

Feito vingança!

Contracolonização!

Mesmo assim, na operância de atrofiamentos disciplinares coloniais, dispositivos controladores e seus efeitos na formação de corpos e identidades, a escola foi-me palco de um movimento espiralar de resistências e produção de linhas de fuga como potência de vida³⁴: um convite à intensa reflexão de fazeres e práticas que vieram elaborando em mim tantos modos de atuação político-artístico-pedagógicos sobre transgressão, educação e arrebentação. Modos outros de pensar além-educação sob respiros abraçados pela arte:

**Desafoguei-me de pedagogias moralizantes para refazer-me nos pés das
gogias!**

**E venho conduzindo a caminhada, passo a passo, semeando palavras, como
quem enfeitiça a língua!**

Pajubeia-se!

³¹ Michel Foucault, 2017.

³² Nilda Alves, Regina Leite Garcia, 2000 p. 15.

³³ Antônio Bispo dos Santos, 2023.

³⁴ Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, 2018.

Há mais de 40 anos *entre muros* da escola, como aluno e depois como professor, quero ser também o furo nos muros - obrigado Sara York³⁵! Quero ser também *intramuros*³⁶, quero ser a transição de dois mundos, quero ser polifonia bojunguiana entre o real e a fricção, para você que me lê! (Ah...viva Lygia!)

Extramuros!

Extra! Extra! Educação Travesti!

Como a educação pode ser (trans)formadora numa perspectiva travestilizada?

Como explodir as normalidades como elementos de estabilidade pedagógica³⁷?

Como transcentrar o *aprenderensinar*?

Como transeducar?

As aproximações que me trazem à essa anúncio provocativa, proposital e carregada de silêncios enunciativos (de tantos anos) partem, para além das vivências enquanto aluno, das experiências como professor de artes cênicas há 21 anos em duas redes públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro e as trajetórias que se imbricaram desde então na tentativa de fazer da escola lugar de acolhimento e legítimo espaço de pertencimento para todas as pessoas, em todas as suas formas de existir.

Vestígios por onde me fiz: trincheiras da invenção!

Por essas caminhadas venho procurando reavaliar constantemente meu papel como educador na pluralidade de pensamentos, sentires e cosmovisões para além das cosmofobias³⁸, tal qual Nego Bispo - para quem todos somos cosmos - e como forma de (re)circulação de afetos, invento giras e crio gingas por entre flechas do tempo cisgênero colonial:

³⁵ Sara York é uma das principais vozes da luta pelos direitos da população LGBTQIAP+ no Brasil. Sua atuação se concentra na defesa da educação inclusiva e democrática, da equidade de gênero e da despatologização das identidades trans.

³⁶ Lygia Bojunga, 2016.

³⁷ Maria Clara Araújo dos Passos, 2022.

³⁸ Para Antonio Bispo dos Santos, a cosmofobia é o medo, a doença que não tem cura, apenas imunidade.

(Cosmo)Fabulação Travesti!

Não aceitar o fim da narrativa como o fio da narrativa³⁹

Fabular como *cisão* aos cotidianos de violação, expulsão e negação. Fabular com os conhecimentos produzidos por pessoas trans e travestis. “Fabular como potência da imaginação” e produção de encantamentos por *travecametodologias*⁴⁰ contra as coreografias do poder.

Fabular como pulsão de vida.

E se necessário for:

Fabu(r)lar!

Fabu(r)lar com narrativas outras em educação: narrativas trans e travestis!

Sopram daí as moviment(ações) que tenho procurado instituir desde que se fizeram então ventanias as reflexões que acompanham minhas giras pela educação, pelas pesquisas que escolho viver e pelos espaços de fruição artístico-educativa por onde venho me refazendo e forjando. É com essas experiências e suas possibilidades teóricas, críticas e práticas⁴¹ que venho compondo os *pensaresfazeres* que por aqui se tecem.

Confluência dos ventos: energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito!⁴²

Ser professor de Teatro para crianças e adolescentes em escolas públicas - e assim confluir saberes da cena - permitiu-me rememorar sensações e intuições “encharcadas de sentimentos de crença e descrença, esperança e desesperança, possibilidade e impossibilidade, permanência e transformação”⁴³, ainda vivas em mim desde há muito e que diziam enormemente dos acontecimentos com a escola, precariamente mediados nas tantas vezes em que as diferentes expressões de gênero e a pluralidade de identidades não podiam existir com liberdade por ali.

³⁹ Dodi Tavares Borges Leal, 2021.

⁴⁰ Isadora Ravena, 2022.

⁴¹ Jorge Larrosa, 2011, p. 04.

⁴² Salve Nego Bispo!

⁴³ Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, 2018, p. 27.

A qualidade dos contatos, através dos encontros e aulas com as alunas e os alunos, ressignificada pela prática educacional em artes cênicas, foi reveladora como possibilidade de percepção do outro em sua inteireza e ao mesmo tempo detonadora de metodologias do fazer artístico-docente, onde exercitar em grupo o ato de *imaginarcriar* com mais liberdade, também me aproximou de experiências constituidoras dessa escrita em TESEada que aqui se faz, agora em pesquisa. As *experivivências*⁴⁴ com a arte em suas estratégias de criação provocavam, para além do encontro teatral, o desmantelar de uma ordem naturalizada!

Ali ensaiávamosvivíamos o roteiro de nossas vidas com as personagens que nos legitimavam as existências que tanto almejávamos!

Primazia de um caminho que foi sendo traçado sem pré-determinações, enquanto constituição da própria ação de apreender, deixando-se constituir por ele⁴⁵, em campo, conhecendo-o passo a passo:

Invenção cartográfica?

Fazendo (pés)-quisa!

Em ação!

Fric(a)ção!

Por essas andanças, com pés em ação, foi determinante a realização de uma Especialização em Educação, Gênero e Sexualidade que me apresentou uma diversidade de leituras e referenciais teóricos que não tinham feito parte do currículo da licenciatura em Artes Cênicas; aspectos de uma formação à época ainda pouco reflexiva sobre tais questões, embora povoada de movimentos e deslocamentos latentes sobre tais questões.

Naquela ocasião, ainda em 2016, a elaboração de um trabalho de conclusão de curso que entrecruzou as aulas de teatro como espaços de diálogos, intervenção e acolhimento para com as tantas histórias de silenciamentos e preconceitos, vivenciadas pelas relações afeto/gênero dissidentes no âmbito escolar, abriu ensejo para, algum tempo depois, elaborar a pesquisa de mestrado, realizada na

⁴⁴ Letícia Carolina Nascimento, 2023.

⁴⁵ Eduardo Passos; Regina Benevides de Barros, 2009.

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), no Programa de Pós Graduação em Educação, Comunicação e Periferias Urbanas, sob a orientação do Professor Doutor Ivan Amaro.

A dissertação produzida e intitulada “Resistindo para (re)existir: identidades trans por entre experiências e memórias com a escola”⁴⁶, permitiu-me iniciar um movimento de reelaboração do exercício *prácticoteórico* de ser educador a partir do envolvimento com as trajetórias de alunas e alunos, travestis e transexuais, suas relações com as escolas e a expulsão a que foram forçosamente submetidas, procurando compreender como elas aconteciam. As conversas como metodologia de pesquisa⁴⁷, realizadas e analisadas no texto final tiveram como intenção refletir de que forma as experiências com a educação dentro da instituição escolar, através de um *císter*⁴⁸ educacional que interdita corpos e diferenças, foram assimiladas por essas alunas e alunos e se suas presenças naquele lugar poderiam de alguma forma provocar a desconstrução de práticas cisheteronormativas compulsórias e cotidianas. As ressignificações de suas trajetórias nesses espaços de constantes enfrentamentos e reiteração de uma ordem cissexista e transfóbica, são demarcadas a partir de suas existências não hegemônicas que acabam por ser assujeitadas⁴⁹. Precarizadas⁵⁰ e abjetificadas, elas disputam suas existências com os diversos sujeitos, na medida em que interagem com a escola. Suas experiências em meio às relações de poder⁵¹ são estigmatizadas por enquadramentos que as tornam menos vivíveis:

existências que, em ordem de resistência, gritam por (re)existências: existem outra vez por suas experiências ressignificadas.

Como em “Gritarias Epistêmicas – (r)existências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil”, de Megg Rayara Gomes de Oliveira, Letícia Nascimento e Jaqueline Gomes de Jesus, tenho sido atravessado, ao longo do tempo, pelas

⁴⁶ Bruno Ganem, 2020.

⁴⁷ Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, 2018.

⁴⁸ Jaqueline Gomes de Jesus, 2019.

⁴⁹ Luma Nogueira de Andrade, 2019.

⁵⁰ Judith Butler, 2019.

⁵¹ Michel Foucault, 2001.

“gritarias” de meninas e meninos que ao narrarem suas histórias me mostram que só posso transitar por aqui, reverberando ainda mais conversas, ainda mais escritas travestis, ainda mais saberes, conhecimentos e teorias trans:

Gritarias Transepistêmicas!

Com Carmem Sanches, Tiago Ribeiro e Rafael Santos, venho de novo me encontrando com a ideia de que a conversa pode “fazer ressoar sua palavra, seus ecos, e, talvez, pensar e estranhar essas próprias palavras”⁵². Um reencontro deflagrador de “maneiras de fazer, pensar e de viver as pesquisas que inventamos e praticamos: às vezes, uma longa e interessante conversa. Outras vezes, curtas e intensas, potentes (...) mas que possuíam em comum o fato de que seguiam por caminhos inicialmente não pensados por nós. As conversas mobilizavam o pensamento, provocavam-nos a pensar o não pensado e alteravam, uma e outra vez, o rumo da própria pesquisa. Isso nos assustava. Assustava-nos e, ao mesmo tempo, encantava-nos!”⁵³

As reflexões tecidas em rede para a dissertação, somaram-se ao desejo de expandir o escopo daquela análise com a escrita desta tese. Ganharam novas fronteiras os ecos produzidos pelas conversas e dediquei-me a conhecer mais sobre a relação das travestilidades e transexualidades com a educação, majoritariamente pautada pelos efeitos nefastos do pacto narcísico de privilégios e a imposição de apagamentos. Um exercício necessário e tão importante para o desenrolar dessa escrita em meio a um entrelaçamento dos nossos existires dissidentes como elemento chave para uma construção em aliança na/com/sobre educação.

Como o reconhecimento dos privilégios cisgêneros poderia detonar um desmantelamento das perspectivas sobre acessos e permanências de travestis e pessoas trans na educação?

Inicialmente, ao focar na investigação de dados sobre tais categorias - acesso e permanência - buscando compreender em que condições elas se mantinham, eu pretendia investigar como e em que condições e se de fato travestis e pessoas trans acessavam e permaneciam no ensino superior. Como suas presenças fortemente

⁵² Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, 2018 p. 24.

⁵³ Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, 2018, p.26.

estigmatizadas lidavam com esses espaços ainda muitas vezes demasiadamente transfóbicos?

Quais possibilidades de trajetórias a educação formal, ainda sob uma prática educacional ciscentrada, poderia oferecer como garantia de sucesso no acesso e permanência de cada vez mais travestis e transexuais às salas de aulas?

Como subverter os números que denunciam ser menos de 0,2%⁵⁴ a presença de pessoas trans e travestis nas universidades federais brasileiras, por exemplo?

A isso chamaremos de presença?

Como se produz presença?

Ventania: estilhamento!

P-A-N-D-E-M-I-A

Arrebentação...

Logo no início do processo de doutoramento, o Ministério da Educação, através da Portaria nº 343, orientou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, uma alteração estrutural que propunha um novo cenário para a educação, onde era primordial o uso de tecnologias digitais para a realização dos encontros entre alunas/os e professoras/es. Dadas tais condições, vimos, por um lado, escancarados ainda mais os efeitos das impossibilidades de acesso digital por uma parcela bastante significativa de alunas e alunos em todos os níveis da educação e por outro o surgimento de uma nova realidade que nos impunha obrigatoriamente aprender a lidar com os modos virtuais de sobrevivência.

Em abril de 2021, um ano depois, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principal provedor de informações geográficas e estatísticas do Brasil, já apontava alguns dados a partir da Pesquisa Nacional por Amostragem de Municípios

⁵⁴ A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) publicou a 5ª Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior, um levantamento consistente acerca da dimensão sobre os estudantes de graduação de universidades públicas. O estudo evidencia a baixa presença de pessoas trans nesses espaços, que representam apenas 0,2% desses estudantes.

(PNAD) revelando que 4,3 milhões⁵⁵ de estudantes haviam entrado na pandemia sem acesso à internet e que 55 milhões não tinham acesso à ela e, consequentemente, às aulas remotas, o que não acontecia na rede privada, em que 90% dos estudantes possuíam computador com acesso à rede.

Os entrelaçamentos em suspensão sobre o que eu vivia e a pesquisa com as trans/travestilidades, detonados em meio às adversidades que se apresentavam, foram severamente impactados pela negligência do Governo Federal Brasileiro sob a gestão de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) para com as pessoas em situação de maior vulnerabilidade, aprofundando em muito as desigualdades: necrobiopolíticas⁵⁶ como extermínios de grupos e minorias sociais a partir de relações que governam corpo, vida e morte.

Quais impactos a avassaladora crise sanitária e econômica deixaria para a vida de travestis e transexuais, para quem as políticas públicas sempre foram gambiarras legais⁵⁷?

Naquele momento, esperava-se, por exemplo, que o número de assassinatos de travestis e transexuais pudesse diminuir pelo fato de o isolamento social ter formatado a realidade de diversos estados e municípios. No entanto, o que se verificou foi justamente o contrário. Segundo dossiê divulgado pela Antra⁵⁸, tivemos, entre 2008 e 2019, em média 122 assassinatos de pessoas trans por ano, mas em 2020, o número de assassinatos mostrava-se 43% acima da média. Aumentavam não apenas os homicídios, mas também o número de suicídios e de violência doméstica. Nesse ponto, é importante resgatar outro dado assustador: no primeiro semestre da pandemia houve um aumento de 45% no índice de violência doméstica, comparado ao mesmo período do ano anterior, contra a população trans e travesti⁵⁹.

PANDEMÔNIO

Pesquisa Poesia!

⁵⁵ Disponível em: <https://teletime.com.br/14/04/2021/ibge-mostra-que-43-milhoes-de-estudantes-entraram-na-pandemia-sem-acesso-a-internet/>.

⁵⁶ Michel Foucault. 2005; Achille Mbembe, 2018.

⁵⁷ Berenice Bento, 2014.

⁵⁸ (ANTRA). Dossiê Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. 2021.

⁵⁹ Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/tribuna/2021/Os-impactos-da-pandemia-na-popula%C3%A7%C3%A3o-trans>

**Os mortos
aos montes,
a cada dia,
expunham sem qualquer máscara a putrefação de nossas existências
mascaradas: desigual,
preconceituosa
e tão empobrecida**

Tantas inquietações e incertezas me foram companheiras e motivo de angústia em meio ao genocídio deflagrado que aos poucos também pareciam ir morrendo os significados de minhas atividades com a educação e a pesquisa...

Fez-se Pesquisa Luto!

Nutrido pelas conversas em grupo com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diferenças, Gênero, Educação e Sexualidades (NuDES)⁶⁰, nos encontrávamos virtualmente como sobreviventes:

Faze(dores) da Pesquisa Vida!

Em meio aos percalços que nos atravessavam, ainda assim, continuávamos investigando as temáticas de gênero e sexualidade, buscando produzir reflexões com as nossas dissidências e narrativas com a educação e escrevendo sobre narrativas que nos encaminhavam para a busca de espaços de fuga, brechas, fissuras, para intensificar e promover a discussão de gênero e de sexualidades nos cotidianos escolares. Ao focalizarmos nessas temáticas, contribuiríamos para a formação de pessoas mais solidárias, mais respeitosas, menos preconceituosas e que, sobretudo, reconhecessem e legitimassem a multiplicidade do ser/existir.⁶¹

Em grupo, na multiplicidade de existires, quando refletíamos em conversa era como se escrevêssemos em partilha!

Em nossas leituras de textos e livros de autorias trans e travestis, as narrativas de Maria Clara Araújo Passos, por exemplo, nos revelavam suas “negociações de

⁶⁰ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/778702#recursosHumanos>

⁶¹ Ivan Amaro, Dilton Couto Junior, Bruno Ganem, 2021.

pertencimento”, nos contavam de suas experiências na educação formal e as repressões, violações de direitos humanos e transfobia institucionais e denunciavam as injustiças sociais, arbitrariedades e opressões, nos instigando a reelaborar os sentidos que educar a partir das trans/travestilidades poderia assumir em relação à produção das sujeitas e sujeitos em experiências reinventadas com a educação. Ao refletir sobre o que uma educação transgressora poderia propor, a partir do que a autora nomeia como “pedagogias da travestilidade”, as leituras nos faziam aproximar de uma concepção de educação gestada “para além da cis-heteronormatividade e da normalidade como elementos de estabilidade pedagógica”⁶²

Como desesTRAbilizar a normalidade pedagógica?

Por que a Educação também não era travesti, afinal?

“Não podemos esquecer dos passos...dos tantos passos dados para chegar até aqui”⁶³.

Os passos de Maria Clara Araújo, Sara Wagner York, Jaqueline Gomes de Jesus, Leticia Carolina Nascimento, Megg Rayara, Thiffany Odara, Luma Nogueira, Joice Alves⁶⁴ e tantas outras professoras travestis, apressaram minhas inquietudes, desnormalizaram minhas agências, implodiram lógicas, abortaram raízes e fizeram rizomas com meus pensamentos: desestabilizando formas tradicionais do *fazerpensarpraticar* sobre educação.

Fratur(ação) !

Sutur(ação) !

Como se a própria ideia de quebras e costuras instituísse um saber que se ramifica, que se espalha em conexões variadas, reelaborando a motivação do pensamento, nos permitindo lidar de formas outras com o mundo, “cabendo a cada um de nós, pesquisadorxs, empreender a sua caminhada, sempre esperançosxs de que um passo adiante pode ser a materialização de um sonho possível”⁶⁵.

⁶² Maria Clara Araújo, 2022, p. 27.

⁶³ É assim que Linn da Quebrada apresenta Maria Clara de Araújo Passos na apresentação do livro *Pedagogias da Travestilidade*.

⁶⁴ Não é bagunça, não!

⁶⁵ Luciana Pacheco Marques, 2018, p. 16.

Como materializar outras possibilidades de educar?

Como produzir também uma educação travesti ?

Como fabular outros modos de educar com e a partir das trangeneridades?

Como re-produzir afetos?

“As travas do mundo precisam ser amadas! Encantrar é o encantamento travesti do mundo.”⁶⁶

A pergunta que dá título a esses primeiros escritos é também encantamento!

É sobre conhecer, conversar, compartilhar, referenciar, habitar, ouvir, consumir, apostar, elogiar, permitir, aprender, contestar, produzir, ler, grifar, ligar, trazer, fazer, abraçar, legitimar, sentir, dançar, encantar, cheirar, pensar, planejar, beijar, sorrir, viver, morrer, amar ...

Por amor às Travas como TRAVar o CISTema?

Os vários sentidos do “encantar-se” pelas escritas travestis e trans me aproximaram de uma contestação imediata de regimes de verdade⁶⁷, na medida em que tal encantamento demandava também destruir o *status quo* da normalidade, trincar os limites do que pode ser considerado conhecimento, friccionar anti-certezas “sobre o que não se quer conhecer, o que não se tolera conhecer, o que não se permite conhecer”⁶⁸:

Travamento do sistema!

Naquele contexto *pandemicoacadêmico*, vivendo a *pesquisaluto*, saltou-me enfim um surto epistêmico, um vírus contra hegemônico: contra efeitos de uma corrosão endêmica das epistemes e sabenças adoecidas pela hegemonia cisheteropatriarcal e pelo trans-epistemicídio!

Cura Travesti !

Su(s)рто que instaurou outras dinâmicas na processualidade da pesquisa e em seus ritos investigativos e metodológicos. Ao mesmo tempo em que me emaranhava dos

⁶⁶ Dodi Leal, 2021 p. 10.

⁶⁷ Michel Foucault, 2017.

⁶⁸ Carla Cristina Garcia, 2022, p. 16.

saberes travestis, alargavam-se as perspectivas teóricas e possibilidades de conversa com os conhecimentos transcêntricos, produzidos por pessoas não binárias, interssexo, transmasculinas, entre outras, e que eu gostaria de tecer por aqui como condição para uma abordagem trans e travesti da educação e para além dela.

Ao fazer germinar tais processos de composição eu começava a perceber cada vez mais a necessidade de traição e rompimento com a cisnormatividade:

Do pacto narcísico à traição da cisgeneridade.

Em quarentena e imbricado pelo contexto que se apresentava, comecei a fazer anotações e registros numa escrita passional. Era quase uma não opção deixar de rascunhar sentimentos e pensamentos entre o que eu vivia, o que eu lia e a pesquisa:

Quarentena em pesquisa.

Comfundiam-se vida e pesquisa. As folhas escritas do pequeno caderno de anotações - um diário de campo pandêmico - começavam a revelar os espaços fronteiriços entre arte, teoria e a prática, fazendo repensar os contornos e as potencialidades do que eu havia escolhido como tema e toda a minha existência até então. Rabiscos sobre leituras, sites, podcasts, fotos e livros de autorias trans e travestis misturavam-se às confissões do viver

(ou morrer)

pandêmico numa espécie de experiência sinestésica, como se um entrecruzamento de sensações por todo o corpo instituisse uma percepção simultânea da dimensão da pesquisa para além da escrita acadêmica e do que eu precisava falar:

e-n-c-a-n-t-r-a-v-a-m-e-n-t-o-s

“Um desafio constante: ler e escrever sem apagar a presença inteira do corpo, amplificando as leituras e as escrituras que dele transbordam, que nele se inscrevem”⁶⁹.

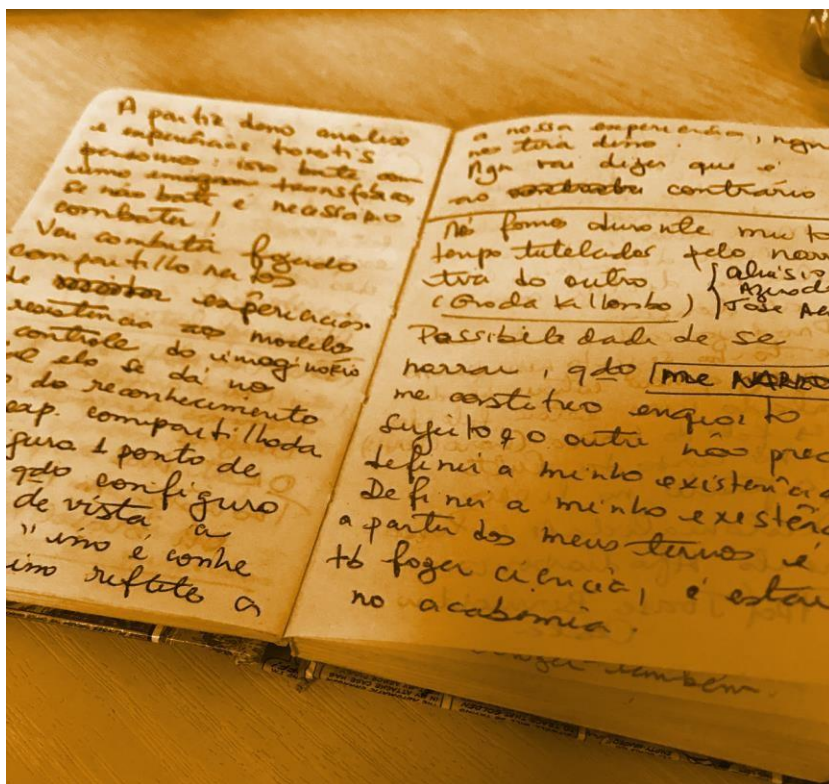
⁶⁹ Adrianne Ogêda Guedes, et al, 2022 p. 14.

O que aparecia anotado no caderno eram movimentos, intenções, descobertas de gestos investigativos e apontamentos que vieram, depois de algum tempo, sugerir uma metodologia de trabalho que contemplava “outros modos de pensar-fazer pesquisa em educação e habitar a docência, com fluxos, elos e fios que demarcavam as travessias, riscos e aventuras do ato de pesquisar”⁷⁰: um texto de alquimia rizomática em conversa com outros brincantes discursivos, trazendo à cena uma experiência textual plural de *fazerescreverpensar* a pesquisa com aposta em outras dimensões do registro acadêmico.

Uma TESEdiário!

“Em busca de visibilizar, na escrita, as vozes do corpo que sempre estão ali, redigidas pela via do sentir!”⁷¹

Figura 1: Pequeno caderno de anotações.



Fonte: Acervo pessoal.

⁷⁰ Fernando Pocahy, Ana Lúcia Gomes da Silva e Emanuela Oliveira Carvalho Dourado, 2020.

⁷¹ Adrianne Ogêda Guedes, et al, 2022, p. 5.

A experiência com a escrita da tese, trouxe à tona a coragem em romper com o formalismo acadêmico e instaurar uma espécie de epidemia discursiva em outras escrituras, tatuando os vestígios da vida, inaugurando “novos desenhos metodológicos, abordando temáticas interditas e epistemologias marginais, descoladas dos modelos dominantes de conhecimento que demarcam o poderio do pensamento racionalista, patriarcal, branco e heteronormativo.”⁷²

Na companhia de Jorge Larrosa, sua intimidade com as palavras e o que fazemos com elas, permitiu, de novo, aproximar-me cada vez mais de uma ideia de experiência que encontrou em seus escritos mais acolhida e alguma familiaridade: “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça, ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, para para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros...”⁷³

De alguma forma, a pausa obrigatória que a pandemia nos trouxera, me fazia querer compreender mais os sentidos de como os acontecimentos passavam por mim e se isso de fato me proporcionava experienciar tudo aquilo que me

aTRAVAessava até ali.

Uma investigação artística dos modos de sobrevida como dispositivo de enfrentamento ao trauma histórico, pandêmico e coletivo.

Como professor de Artes Cênicas da Educação Básica e à frente de tantas atividades remotas, pude perceber e acompanhar de perto as agruras das quase inexistentes possibilidades de contato e interação com crianças e adolescentes que dependiam exclusivamente das tecnologias para não abandonar seus estudos, e talvez, não abandonarem-se a si mesmas.

Foi quarentena também em seus corações.

⁷² Luciana de Fátima Rocha Pereira Lyra. p. 1-13, 2020 p. 5.

⁷³ Jorge Larrosa, 2002, p. 22.

Das raras vezes em que nos encontrávamos pelas plataformas digitais, era o abraço virtual nossa maior aprendizagem. Certa vez, nos abraçamos com palavras, de outra vez uma música fazia dançar os sopros de esperança.

Também dançou a morte por entre suspiros e desencontros.

As aulas online e suas constantes baixas frequências denunciavam a exclusão. Fez-se condição importantíssima, portanto, naquele momento, refletir sobre as experiências em educação em sociedade e suas relações, tendo como cenário principal a realidade brasileira porque passávamos e os impactos que se atropelavam a cada dia.

Amparado dentro de uma moradia com familiares próximos e boas condições para nutrir o corpo físico e emocional, resguardei-me o máximo possível, com muito medo do que poderia vir a acontecer.

Por algum tempo, dancei as escritas que, dolorosamente, fizeram de mim sua morada.

Brotaram nessas ocasiões as tantas impressões de um tempo urgente, quase não linear, que tão logo se fez exercício cartográfico dançando modos outros de fazer pesquisa.

Carto(coreo)grafias como ato de investigar!

(auto)carto(coreo)grafias

E aproximando você que me lê de toda avalanche que veio se sucedendo desde então, compartilho agora os *fazerespensares* que compõem o ato próprio de pesquisar e abraçam o texto em construção e constante devir, pressupondo uma “orientação do trabalho que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos, mas revertendo o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa”⁷⁴.

Inseparabilidade entre conhecer e fazer , entre pesquisar e intervir!

⁷⁴ Eduardo Passos; Virgínia Kastrup, 2009 p. 17.

Um “projeto de (des)atualização perpétua da injustiça como fantasia de controle”⁷⁵ e destruição da invisibilidade e inclusão perversa que fabrica ausências pelos espaços formais de educação que contornam e autorizam somente as existências cisgêneras. Essa TESEdiário, vem propor uma quebra, um exercício de análise, reflexão e estilhaçamento sobre a possibilidade de uma transeducação, de uma educação travesti.

Como fazer coexistir as dimensões „educação” e „travestilidade” para além da margem, numa perspectiva outra, de transformação, na luta por legitimar a garantia de experiências de afeto, inclusão e permanência?

Propor uma transeducação também é fazer sutura, corte e fissura em um jogo de forças silencioso e violento de reprodução e perpetuação de uma educação ainda aquém de nossas subjetividades e dissidências plurais.

Transicionar a educação, é fincar na história - e também por essa escrita viva - o reconhecimento da luta de travestis e pessoas trans pela visibilidade, pelo desmantelamento da cisgeneridade marcada em seus corpos e por uma transocupação política, acadêmica e artística de seus existires. Reafirmar a luta é condição urgente para a manutenção anti(cis)temática do acesso pleno ao ensino formal, que durante muito tempo obrigou compulsoriamente essa população a elaborar seus conhecimentos fora dos métodos disponibilizados a grupos sociais privilegiados. Ela vem denunciar dinâmicas transfóbicas e antidemocráticas que dizem respeito ao reconhecimento dos usos reincidentes da cisnorma que ao deslegitimar as transgeneridades acabam por suicidar suas existências.

É reincidente e adoece. Adoece e é criminoso!

1.1 (Auto)carto(coreo)grafias de si: „teorias que dançam” outros modos de fazer pesquisa, “monstra-florescer” e cartografar

Nascidos em meio às primeiras e devastadoras notícias de morte que começavam a fazer parte de nossas rotinas, os versos, a escrita poética, o exercício cartográfico e o diário abriram as portas à profunda reflexão, ao mesmo tempo em que

⁷⁵ Jota Mombaça, 2021, p. 65..

inauguraram uma coreografia de palavras que, mais a frente, tornar-se-iam matéria prima para o texto agora estilhaçado nestas páginas:

“o que aqui chamo quebra não são os estilhaços, mas o movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento.”⁷⁶

Um espaço de experimentação, fazendo das palavras, ferramentas de potência e combate, inspirado em “ Ñ vão nos matar agora”, de Jota Mombaça, livro que foi detonador de provocações instigantes neste processo de pesquisa.

Jota, também conhecida como Monstra Errátik e Mc K-trina, é uma escritora e artistavisual brasileira que trabalha em torno das relações entre monstruosidade e humanidade, estudos cuir, diáspora, violência e resiliência, justiça anticolonial, ficção visionária e tensões entre arte e política nas produções de conhecimentos do Sul-do-Sul globalizado. Faz parte de uma geração de artistas ativistas voltadas para o debate sobre a descolonização e o racismo através de um cruzamento com as dimensões de classe social e de identidade de gênero.

Ao explorar os sentidos de “quebra” em seu texto, Mombaça nos apresenta um significado assim quebrado de si mesma a partir de sua existência dissidente e nos convida a tentar “rastrear, na quebra, as forças que se precipitam para fora e além dos ideais normativos de gênero, sujeito e coletividade”⁷⁷: uma afirmação da resistência dos corpos vigiados por *cistemas* de controle. Ela nos provoca a elaborar possibilidades de conexão afetiva a partir do que chama de vidas quebradas pela crueldade normalizadora que impõe uma suposta integralidade do sujeito cisgenero, branco e heterossexual.

Como tornar possíveis outros modos de existir na quebra, na desobediência, recriando outros sentidos do estar juntas?

As reflexões forjadas no livro, lançado em 2021, quando ainda vivíamos intensamente o surto pandêmico, testemunham uma produção de conhecimento original e interdisciplinar, permeada por tensões permanentes em que a autora busca repensar o mundo como o conhecemos, propondo alternativas reais e transformações políticas e sociais rumo ao novo.

⁷⁶ Jota Mombaça, 2021, p. 21.

⁷⁷ idem

Como eu gostaria de fazer por aqui!

Deslocar a linha de invisibilidade, apresentar modos não violentos de reconhecer a diferença e nessa encruzilhada de morte fincar a vida.

Dançar com as palavras como modo de produzir alegria e subverter o sofrimento!

A escrita e o exercício pandêmico *diáriotextual* durante os anos de 2020 e 2021, ganharam corpo, cartografaram-se, fizeram-se pesquisa e vieram coreografando os modos como reinventei conversar com as teorias e práticas e produzir reflexão.

(Auto)carto(coreo)grafias de si que escrevem por nós.

Na quebra ! Juntas !

Ao narrar as experiências que *vivoapreendo* através das leituras e conversas ao longo deste tempo, invencionei tecer com a escrita uma confluência de saberes :

“como um rio que não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, mas ao contrário passa a ser ele mesmo e outros rios. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente”⁷⁸.

Salve Nego Bispo!

Desse modo, quero também consubstanciar-me em outras e me fazer fusão. Reconstruir o sentido de estar juntas e dançar com as teorias.

E você? Tem receio de teorias que não dançam?⁷⁹

Questionando se pode uma travesti produzir teoria, Dodi Leal, performer e professora, em “Tenho receio de teorias que não dançam”, curta metragem gravado nos vilarejos de Santo André e Guaiú, no Sul da Bahia, apresenta uma visão de produção de conhecimento corporalizada, fazendo dançar e vibrar conceitos e indicando a relação profunda do corpo trans com a arte ambiental. A artista investiga o movimento do gênero no mangue, a vivificação do pensamento de rio e fluxos de dança.

Pode uma travesti produzir teoria?

⁷⁸ Nego Bispo, 2022, p.15.

⁷⁹ Dodi Leal, 2021.

Há entre Nego e Dodi, seus escritos e teorias, “pensamentos de rio” e “fluxos de dança” que são primordiais para o movimento da pesquisa que se enseja por aqui.

Enquanto Nego ergue do chão a quebra do sistema, Dodi vivifica no rio a destruição do sistema!

Traição do sistema contra o sistema!

Há em suas andarilhagens possibilidades de dançar como modo de vida e produção de saberes:

“quem não sabe dançar e cantar no batuque, não tem um modo agradável de viver”⁸⁰

Jota, Nego e Dodi fincam presença, pontuam e adensam o *escreverpraticar* desse texto enTESEado, enquanto método e fruição estética. Com suas batalhas pela legitimação da humanidade que há em nós fazem “monstra-florescer” o pedregoso caminhar da pesquisa.

“É possível cultivar flores em meio a arames farpados?”⁸¹

Vem de Letícia Carolina, professora travesti, negra e gorda, a personagem conceitual Monstra-Florescer que problematiza a transfobia no campo educacional e produz “confetos”: conceitos perpassados por afetos! Escritas que dançam?

“A Monstra-Florescer surge em meio à dor, germina, cresce, floreia, racha o solo da geofilosofia instituindo um plano de imanência desordenador das realidades escolares.”⁸²

Com raízes metodológicas, a personagem, nascida em meio a uma disciplina para alunas e alunos do doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, estimula a criação de conceitos diferentes dos já estabelecidos pela literatura científica.

(Palavras como ferramenta de potência e combate)

⁸⁰ Nego Bispo, 2022, p. 23.

⁸¹ Letícia Carolina, 2021, p. 287.

⁸² Idem.

Germinando modos diferentes de pensar a prática educativa a partir da Sociopoética⁸³, a experiência-confetos de Letícia vem também confluir e potencializar a dimensão inventiva da pesquisa que aqui se apresenta.

“Como é que a gente pode pensar uma educação das monstras?”⁸⁴

Há entre Jota e Letícia relações entre monstruosidade e humanidade.

Enquanto Jota estilhaça, Letícia floresce !

Letícia floresce porque Jota estilhaça !

Jota estilhaça como quem floresce !

Letícia faz flores estilhaçadas !

Educação que Monstra-Floresce?

Em “ A Sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora”⁸⁵, texto que compõe a escrita de Letícia, temos a Sociopoética como uma abordagem filosófica de pesquisa que “favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida”.⁸⁶ Definindo a Sociopoética a partir de algumas orientações básicas, os autores apontam a produção de conhecimentos também a partir de todas as potências do corpo e as “artes plásticas, música, dança, teatro, contos e poesia como o caminho para que se expressem esses saberes do corpo, geralmente velados, subconscientes ou inconscientes”⁸⁷. Ao entrecruzar a Sociopoética com Epistemologias Decoloniais e Contracoloniais, os autores nos contam que ao pensarmos com o corpo, com nossas emoções e sensações, ao pensarmos chorando, rindo e dançando, entregamos uma contribuição contracolonial ao fazer-ciência⁸⁸. Na elaboração da personagem conceitual Monstra-Florescer, percebemos que “é possível liquefazer a subjetividade, fazê-la incendiar, e assim dissolver pontos de congelamento que bloqueiam na pele os devires do corpo, novas composições”.

⁸³ Jacques Gauthier, Shara Jane Costa Adad, 2020.

⁸⁴ Letícia Carolina, 2021, p. 291.

⁸⁵ Jacques Gauthier, Shara Jane Costa Adad, 2020.

⁸⁶ Jacques Gauthier, Shara Jane Costa Adad, 2020, p.265.

⁸⁷ Jacques Gauthier, Shara Jane Costa Adad, 2020, p.267.

⁸⁸ Jacques Gauthier, Shara Jane Costa Adad, 2020.

São as reverberações dos fazeres-ciência de Letícia, Nego e Dodi que performatizam em meu corpo e escrita outras possibilidades do fazer-ciência.

Aliados à minha formação teatral e ao campo de atuação das Artes Cênicas, como professor e artista da cena, procurei ao longo de todo tempo pandêmico, acionar e produzir a pesquisa pelos poros, pela pele, pelo corpo. Dançando com as teorias fui coreografando os movimentos que fizeram emergir os trajetos cartográficos da pesquisa que se fez pelo caminho.

“Articulação de escrita e performance a desnaturalizar a docilização dos corpos e ampliar possibilidades do que pode vir a ser uma escrita acadêmica.

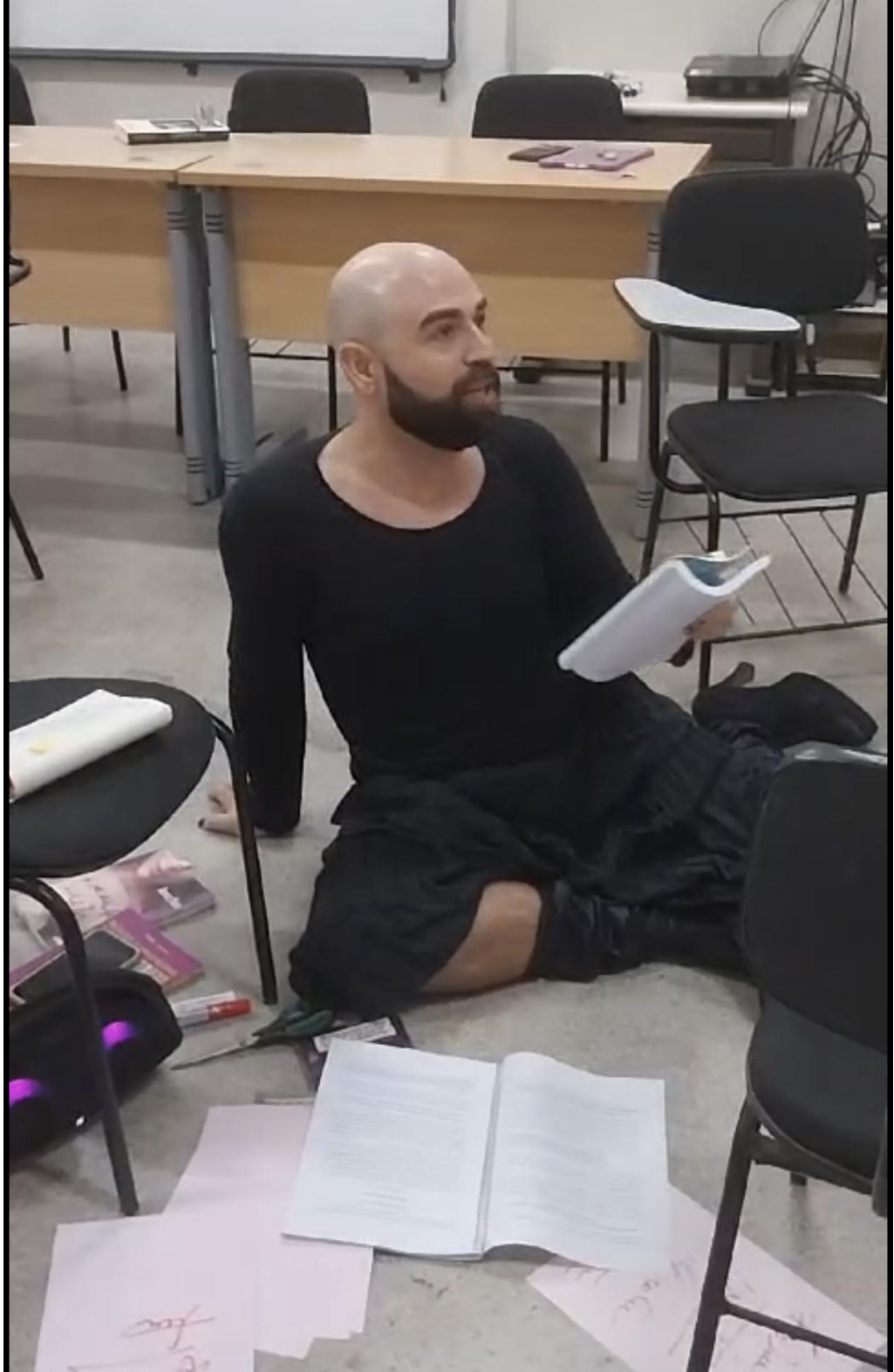
Desarranjar poderes, reivindicar forças, desarmar modos de dominação.

Praticar indisciplinas artísticas para (des)educar⁸⁹.

No ano de 2023, ocasião da primeira qualificação e retorno das atividades presenciais pós pandemia, quis levar à cena uma profusão de atravessamentos que ao acionarem meu corpo como dispositivo *artísticolinguístico* também buscava reinventar o *modus operandi* do compartilhamento da própria pesquisa. Através de uma encenação sobre ruptura e traição com a cisnorma e os enunciados “educação” e “travesti”, apresentei para a plateia presente, através de leituras, textos, livros, música e imagens, uma performance que buscava materializar todo o tempo de afeição à pesquisa agora vivificado no encontro presencial com outras pessoas, em tempo real.

⁸⁹ Adrianne Ogêda Guedes, et al, 2022 p. 4.

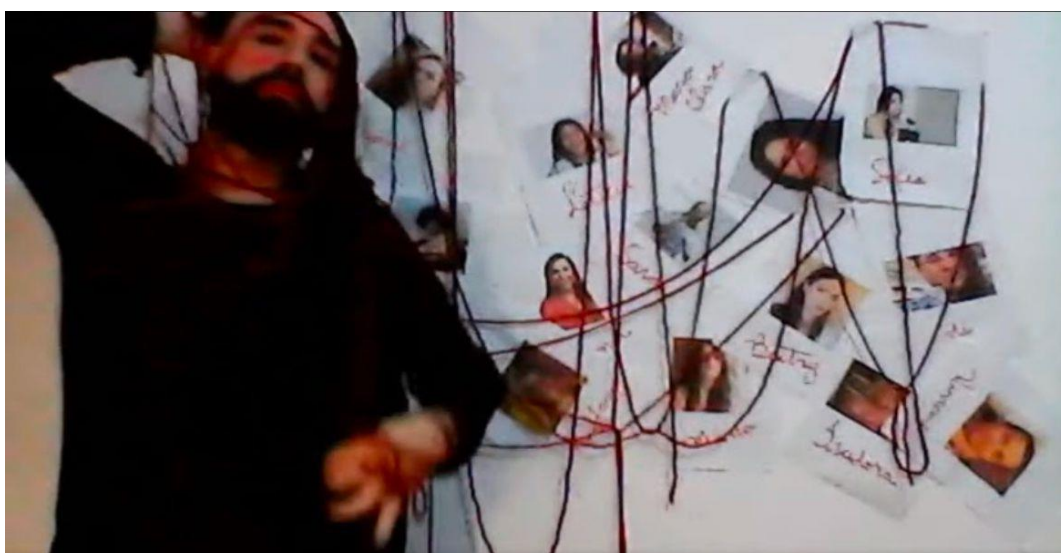






Em 2024, ano em que realizamos a segunda qualificação, foi a tela, no modo online, a possibilidade de vivificar o texto e as reflexões produzidas até então, acionando outra vez o corpo como dispositivo para fabular outros modos de compartilhamento da pesquisa.





Vieram desses encontros a sugestão de trazer para o texto as imagens registradas como forma de narrar o processo de feitura e costura da pesquisa enquanto produção cartográfica como método *ad hoc*, na contramão de uma linearidade que vislumbra um fim, mas que se dedica a coletivizar toda a experiência, desde a proposição de uma TESEdiário fric(a)cionada até os estilhaçamentos produzidos por uma dinâmica intensa de *refletirpensa*rescrever e modos outros de compartilhamento.

Por uma transeducação que, ainda com vida, faço presentes nas páginas que se seguem...

2 “Ñ vão nos matar agora”: *Pesquisapoesia* por entre fric(a)ções pandêmicas e escritas que performam cartografias

“... O que parecia uma disforia agora era uma situação generalizada, nossos corpos sempre foram quarentenados à noite, quarentenados às esquinas, quarentenados à luz do poste, mas a partir disso a gente foi criando coreografias de viver apesar de tudo, né?”

Isadora Ravena

Os escritos que agora estilhaçam sob os seus sentidos – também se lê com ouvido, cheiro e toque? - perfazem uma insistente tentativa de trilhar, a partir do que manifesto como *pesquisapoesia*, um passo a passo que fez dançar a escrita ao mesmo tempo que irrompeu um versar cartográfico em pesquisa.

**Reflexos cortantes de um arremesso inesperado em março de 2020,
quando uma pandemia fez (re)desprogramar o modo como sabíamos
movimentar nossas existências.**

Nesse sentido, ou mesmo para ressignificar o que se sucedeu, foi imprescindível ao longo do tempo cortado em fatias - e de esperanças industrializadas⁹⁰ - fazer um movimento de revivência, também revisitância e por isso, quem sabe, *carto(coreo)grafar* os inéditos viáveis⁹¹ e possíveis que se apresentaram desde então, ainda não claramente conhecidos ou vividos. Fazer tornar realidade as superações de situações-limite, num exercício também freireano de percepção crítica e transformadora: atos de postura decidida frente ao mundo e à sua revelia, como as desalojantes palavras de Jota Mombaça em “Carta às que vivem e vibram apesar do Brasil”:

⁹⁰ Roberto Pompeu de Toledo, Poema “Cortar o tempo”.

⁹¹ Paulo Freire, 2016.

“À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas.”⁹²

Na carta, ao anunciar um mundo acabando mais uma vez, Jota dedica sua escrita às que vivem e vibram “apesar de”: apesar de suas corpos vigiadas por sistemas de controle em um ambiente dominado por padrões opressivos, pela obsessão em rotulá-los e negá-los, na inútil tentativa de capturá-los. As suas reflexões também emergem em pandemia, em 21 de junho de 2020.

Mas cessam em um único parágrafo.

De algum modo, Jota parece presentificar o que também eclodiu em mim. Foi preciso, na companhia dela, quase no seu ritmo e na clausura dos dias que se arrastavam, subverter o tempo e coreografar modos outros de poetizar roteiros de trans pra frente⁹³ e em constante imprevisibilidade, para então parir o que se ensaiava ver registrado por aqui.

Parir porque foi gestado há tempos.

Parir porque para nascer não foi fácil, parir porque também já se anunciou de outras formas, como narrado por Jaqueline Gomes de Jesus:

“À você que lê: esse texto foi parido. Ele tem sido gestado há anos em minha cabeça e coração. Ele foi parido por que seu nascimento não foi fácil. Você não tem ideia do quanto eu sofri para tirar essas ideias que tanto troquei comigo mesma para aqui expô-las. Mas cá chegamos. Esse capítulo é um ato de resistência e eu ofereço para que você multiplique a mensagem e quebre o silêncio: nós, população trans, temos uma história!”⁹⁴

Em “Travessia: caminhos da população trans na história”, Jaqueline pariu as palavras para contar de seus dias, de suas transvivências. Ao afirmar que sim, “nós,

⁹² Jota Mombaça 2021 . p.14

⁹³ Dodi Leal, 2017

⁹⁴ Jaqueline Gomes de Jesus. 2018 p.392

população trans, temos uma história” ela nos convida a reconstruir a nossa história em coletividade e reconhecer que sim, como gritou Paco Vidarte, “todo pano de fundo revolucionário em que se baseia o movimento LGBTQ advêm quase que exclusivamente das trans”⁹⁵.

É sobre esse protagonismo que desejo estampar essa escrita: quero rasgar o pano de fundo, Paco!

Quero o tecido que abre alas! Reconhecimento e reparação!

Em suas proclamações libertárias para uma militância LGBTQ, Paco nos aproxima de uma ética “bixa”, distante das éticas universalistas que massacram, discriminam e prejudicam:

“Uma ética bixa deveria recuperar a solidariedade entre os oprimidos, discriminados e perseguidos, evitando estar a serviço das éticas neoliberais cripto religiosas herdadas em que fomos criados e nas quais se forjaram nossos interesses de classe, e recuperar a solidariedade com outros que foram e são igualmente oprimidos, discriminados e perseguidos por razões diferentes de sua orientação sexual”⁹⁶.

As sinapses entre Jaqueline e Paco, uma mulher trans e uma bixa, produziram em mim e nesta escrita, e por todo tempo, as contrações de um texto a ser parido: sobre gestar a conversa que se faz aqui, em pesquisa, tenho resgatado as experiências da criança viada que fui, da adolescência dissidente na escola, de minha gaydocência e de como todo esse ‘constituir-se’ avolumou-se, em pandemia, na busca por travestilizar-me⁹⁷ para além das práticas em sala de aula e transcenrar acessos, desestruturando a cisnorma.

Naquele contexto pandêmico, quase quebradiço, foi o encontro com Jaque e Paco que fez também emergir alguma produção de relatos de si como uma tarefa “sem fim”, no próprio ato de narrar-se a “si mesmo”, através de reverberações que marcavam meu corpo socialmente e na relação com as outras corporeidades, visto que “não somos simples díades independentes, uma vez que nossa troca é

⁹⁵ Paco Vidarte 2019, p.10.

⁹⁶ Paco Vidarte, 2019, p. 22.

⁹⁷ Thifanny Odara, 2020.

condicionada e mediada pelas convenções, pela sedimentação das normas que são de caráter social e que excedem a perspectiva daqueles envolvidos na troca.”⁹⁸

Em “Relatar a si mesmo”, Butler apresenta uma compreensão da ética e da responsabilidade ao questionar como somos constituídos na vida social e a que custo. A partir desta reflexão sobre os processos de formação do sujeito, ela sugere um novo sentido para a ética, que resulta do reconhecimento de que compartilhamos certa cegueira a respeito de nós mesmos e não da afirmação de uma identidade pessoal. O que significa tomar como precondition para a responsabilização não a existência de um sujeito coerente que se conhece por completo e sim as nossas relações com os outros.

A quarentena sob enquadramentos de desmedida vulnerabilidade escancarou, por tantas vezes, mortes seletivas que, de certo modo, pareciam nos fazer aproximar de uma reflexão tão importante quanto necessária sobre processos de relação e de reconhecimento que só se realizam pelo olhar de outro externo ao sujeito, um olhar que, por sua vez, “reconhece e despossui na medida em que causa vulnerabilidade e insegurança social e civil frente ao (não) reconhecimento do sistema individual do sujeito.”⁹⁹

É desses “enquadramentos” que parte minha escrita, na contramão da diferença imposta e impingida pelas normas que repetidamente produzem e deslocam os termos por meio dos quais todas as pessoas devem ser reconhecidas. Parece haver uma tentativa de apontar e dar a conhecer no outro, numa relação de alteridade e interdependência, uma precariedade ética, ousar dizer. Um nível de precariedade que é forjado a outrem e que parece não nos responsabilizar, como se nos isentasse de reconhecer a humanidade ameaçada em nossa frente, estampada em tantos rostos!

Até que ponto o cenário pandêmico e destruidor que se apresentava não intensificava ainda mais a vulnerabilidade de travestis e transexuais, população historicamente marginalizada e estigmatizada?

⁹⁸ Judith Butler, 2015, p. 15.

⁹⁹ Ana Luiza Casasanta Garcia, 2017, p. 154.

Constituíram-se assim, esses movimentos primeiros, em coreografias de quem sou misturadas às poéticas das leituras que me atravessavam e de como tantas vezes

eu também não pude dançar!

“Olá, Morte, conterrânea velha de guerra.

Mais uma vez me dirijo a você, na expectativa de, novamente, tentar compreender como eu sobrevivi aos seus sopros nos meus ouvidos.

Como, ante aos seus cantos envolventes, eu não dancei!”¹⁰⁰

Era março de 2020 - quero repetir a você que me lê - e a morte me sussurrava por inúmeras vezes a sua ousada disritmia:

Ñ vão nos matar agora! - gritava Jota Mombaça

Ñ vão nos matar agora ! - repetia eu, sem parar

Ñ vão nos matar agora! - grita você comigo?

“Eu me lembro de trabalhar como se estivesse correndo.

Eu sempre tive a impressão de que morreria de repente, acometida de uma forma qualquer de explosão interna ou arbitrariamente inscrita nas terríveis estatísticas de pessoas dissidentes sexuais e desobedientes de gênero racializadas que são alvejadas por bala ou esfaqueadas por nada no Brasil, assim como em várias partes do mundo.

Eu me lembro de trabalhar como se estivesse correndo.

Correndo rumo a uma ilusão de conforto e estabilidade, a tentar salvar-me de coisas das quais não posso ser salva.

E eu também lembro de trabalhar como se eu pudesse alcançar a velocidade necessária para cruzar pontes ainda não erguidas; como se, correndo, eu pudesse existir entre mundos assimétricos.”¹⁰¹

¹⁰⁰ Jaqueline Gomes de Jesus, 2016, p. 8.

¹⁰¹ Jota Mombaça, 2021, p. 51.

Correr com Jota, Jaqueline e Paco, e tantas outras dissidências em batalha, me fez correr pelo mapa das brechas, na cartografia sincopada da pesquisa que agora dança:

à revelia das brutalidades quero ser bruto aliado.

Mergulhado em nós, ainda emaranhado pelos apontamentos de minha defesa de dissertação há pouco tempo dessa eclosão mundial, não parei de correr.

Corri com o tempo, corri contra o tempo, corri pra existir através desse texto.

Ao correr me fiz escrita!

“Escrita como corpo aberto, vulnerável às forças que a encarnam. Escrita como gesto: abre espaço. Forma-conteúdo a inventar um corpo para o que se quer dizer. Para o que se move em nosso corpo, para o que nos move e se quer mover.”¹⁰²

Corri com a curiosidade, corri com certa regularidade pelos estudos, corri por uma educação verdadeiramente democrática e para todas as pessoas.

Corri para ler mais e mais teorias sudacas, pajubás e travestis.

Corri por uma educação transvestil!

Era nesse campo de pesquisa e atravessamentos que eu forjava dialogar: escritas por tanto tempo alijadas de nós e constantemente “epistemicizadas”. Os caminhos investigativos e os modos de fazer pesquisa como tática de combate em meio ao caos pandêmico provocaram as moviment(ações) de invenção em pesquisa:

para não sucumbir!

Batizadas de fric(a)ções, essas movimentações vieram elaborando o desenvolver da escrita com a confecção de um diário motivador das discussões principiantes e previstas ao longo da então, TESEdiário:

uma dança da escrita, um versar cartográfico!

Ao acompanhar as agruras de um tempo ainda não conhecido ou vivido, as reflexões procuram dizer dos dias atravessados pelo caos e imprevisibilidade da

¹⁰² Adrienne Ogêda Guedes, et al, 2022, p. 4.

crise mundial, costurados pelas ações de estabelecer com a pesquisa, as travestilidades e transexualidades, processualidade e rotas de fugas como potência de vida:

processos de invenção de si e do mundo em tempos pandêmicos.

É sobre essas inflexões que as próximas páginas se dedicam a interpretar, na tentativa portanto de produzir significados a partir do que se investiga, complexificando-os. O que se segue vem pontuando os movimentos de percepção do tempo pandêmico aliado ao costurar da pesquisa e seus deslocamentos, criando sentidos para continuar e desafiando as estatísticas.

2.1 Fric(a)ções Pandêmicas

O medo, a quase total imprevisibilidade dos acontecimentos e os picos de desigualdade entre os diferentes existires, escancarados pela distópica possibilidade de uma potente transformação para um outro mundo, inscrito numa realidade pós pandêmica mais democrática e menos violenta, provocaram em mim outros modos de *cartocoreografar* os pensamentos, dançar com as teorias e praticar o *pesquisarescrever* como quem faz poesia, mesmo sem ser poeta.

Tornei-me, outra vez, acadêmico da invenção

e à cadência da palavra me rendi.

Em fric(a)ção, acionado e friccionado pelos atritos do viver pandêmico, pus-me em ação e registrei algumas narrativas que começavam a dizer sobre as microrrelações com o *ethos* da pesquisa. Algum tempo depois, imbricado pelas pistas do método da cartografia apresentadas por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia e suas profundas reflexões sobre o problema metodológico de pesquisar a experiência, aproximei-me da ideia de que, então, pensar a pesquisa implicava também requerer procedimentos mais abertos e ao mesmo tempo mais inventivos. As narrativas registradas tornavam-se assim conectoras de um percurso que inaugurava uma ressignificação do sentido tradicional de metodologia ao deixar-se reverberar, enquanto pesquisa, a partir das metas de partida. Principiava-se ali o nascimento de um diário pandêmico que, logo mais, já passados alguns meses de uma ebulição de acontecimentos de toda ordem, detonados pela imposição do vírus

em nossas vidas, refletia uma escrita e escuta sensíveis do dia a dia, um modo de investigação detonado pelas circunstâncias em que me encontrava:

isolado, sem contato físico, sem vacina e no início de um processo de doutoramento.

Parecia haver naquele tempo e lugar uma condição *geoepistêmica* que dialogava com a descoberta ou devir sobre o território a partir de onde eu agia e procurava elaborar alguma forma de caminhada, compondo uma direção metodológica sem regras previamente estabelecidas e que conversava com os sentidos que a cartografia poderia provocar:

“Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado.”¹⁰³

Naqueles primeiros momentos de grande susto e novas dinâmicas de existência, deixei que os questionamentos pudessem aparecer através de palavras e imagens que vinham num fluxo de busca por conceber uma experiência outra em pesquisa, a partir do exercício de registrar as primeiras sensações do que, mais tarde, fui percebendo como um mapa de investigação de produção de subjetividades, mais aberto e mais inventivo.

As questões que emergiram em cada fric(a)ção começavam também a instaurar um caminho de pesquisa, com seus objetivos e contornos metodológicos.

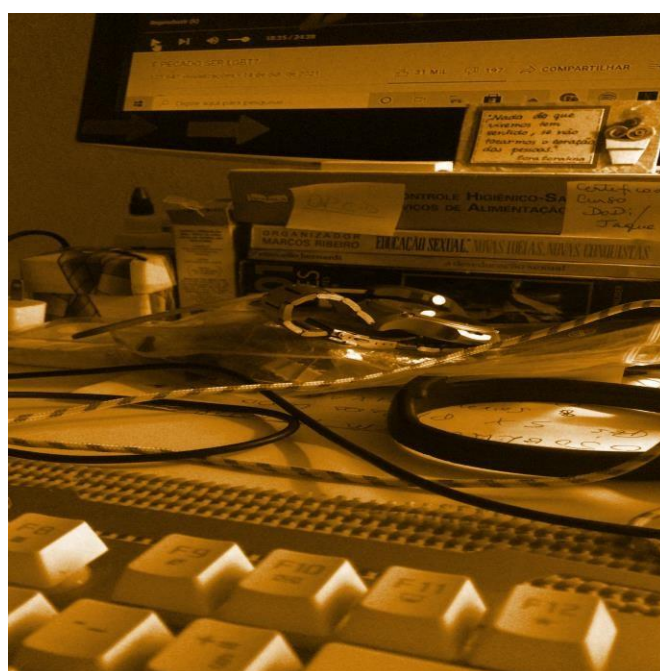
Em alguns momentos, na quase ausência das palavras, também encontrei na captura do enquadramento fotográfico uma chance de escrever o que se passava: um acervo imagético que se somava à narração dos tantos dias sob a vulnerabilidade dos nossos corpos pandêmicos.

Um acervo que, sob a perspectiva das fric(a)ções, nomeou-se composi(a)ções, como variações criativas da tessitura textual.

¹⁰³ Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana da Escóssia, 2009, p. 10.



Figuras 2 e 3: Composi(a)ção - registros sobre computaDORES.



Fonte: acervo pessoal

Figuras 4 e 5: Composi(a)ção - registros sobre fabulAR Fonte: Acervo Pessoal.



Fonte: Acervo pessoal.

Figuras 6 e 7: Composi(a)ção - registros sobre aMORTE-ser.



Fonte: acervo pessoal.

Como continuar a seguir?

Como fazer educação em tempos virtuais?

Em que condições educamos e pesquisamos a partir de então?

Como produzir potências para além do susto pandêmico, afinal?

Essas e outras interrogações fizeram parte dos meus dias e ainda são latentes se considerarmos que desde lá viemos nos (re)desprogramando sobremaneira na intenção de acolher infindáveis demandas para com os fazeres em educação e o compromisso educativo em qualquer contexto.

Os excertos fric(a)cionados e fragmentados do texto que se seguiu, compõem evidências dos ritos cartográficos da pesquisa e procuram aproximar você que me lê das intempéries dos primeiros tempos de pandemia, sob a “inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir (...) um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência.” ¹⁰⁴

Entre os anos de 2020 e 2021, experimentei acompanhar os movimentos de um *pensarescrever* em pesquisa que pudessem, mais à frente, ser ponto de partida para o texto que aqui ainda se faz.

As intempéries desses dois anos de intensos desafios e profundos impactos levaram-me à exaustão:

Pesquisa Ferida ! Escrita machucada ! Processo trancado !¹⁰⁵

Em março de 2023, corajosamente, encontrei-me outra vez com a escrita! Foi preciso compreender em mim outros modos de participação em práticas de escritas para além do papel e da tela do computador. Imbricação sobre a própria existência, sobre algo que se colocava urgente, como salvação de um tempo que parecia corroer a esperança e ao mesmo tempo esperar, uma ação artístico-política

¹⁰⁴ Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, 2009. p, 17.

¹⁰⁵ No ano de 2022 houve o trancamento do processo de doutoramento que foi retomado em 2023.

contra o apagamento das existências trans e ofensivas antigêneros, motivo pelo qual me lancei a *luta*rescrever.

**Um olhar a partir das vidas trans, tão longamente apagadas, violentadas,
assassinadas.¹⁰⁶**

É esse guerrilhar que insisto em compartilhar com você, agora!

2.1.1 Fric(a)ção 01 - Março de 2020

“Nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas”

Cora Coralina¹⁰⁷

Estou na casa de meus pais no interior de São Paulo. Conto com alguma proteção e conforto e é daqui que partem os primeiros passos de uma intensa reorganização de existires e pensamentos. Com tudo o que se passa lá fora, disponho de computador, energia elétrica e internet, mesa e cadeira. Ainda assim, respiro quase sem ar.

Quero ecoar por dentro.

Cuidar de mim.

Agir sobre o mundo que aí está.

Tem medo lá fora: é março de 2020.

Tem medo aqui dentro.

Tem medo no mundo.

Tomo então de Conceição Evaristo o ritual do *fazer*rescrever como tática para a luta e *escrevovivo* o agora. Numa coreografia desajustada de palavras e pensamentos, quero também descobrir fazer *pesquisapoesia*: uma tentativa de buscar

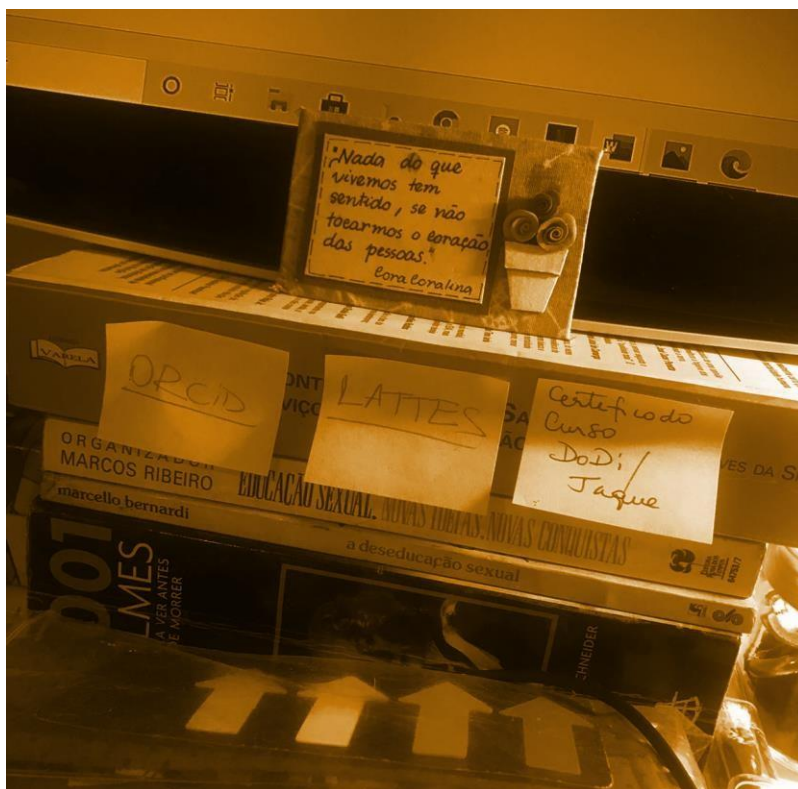
¹⁰⁶ Jaqueline Gomes de Jesus, 2019, p. 251.

¹⁰⁷ Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma poetisa e contista brasileira.

compreender a realidade que se abateu sem ser arremessado por ela, mas poetizar com ela ...

Versar o cotidiano e fabricar rimas, não sem antes querer fazer tocar nossos corações, insisto.

Figura 8: Composi(a)ção - registros sobre ComputAÇÃO.



Fonte: acervo pessoal.

Digo que levarei à risca as palavras de Cora Coralina como ponto de partida para essas escrevivências¹⁰⁸. Estampados no imã já um pouco amarelado à minha frente e fixado na tela do computador - objeto imprescindível para esse que escreve - estão a me dizer dos dias que levarei por aqui.

Com Cora Coralina, inicio o que chamo de breve encenação de mim mesmo. Uma introdução que abre as portas desta escrita e revela o silêncio antes da primeira palavra. Ao mesmo tempo em que a chamo de “introdução”, anseio dizê-la de outra maneira, menos usual, talvez buscando mais prazer no ofício de escrever, este que faço agora e entrego a você que me lê. É aqui que tenho a oportunidade única de

¹⁰⁸ Conceição Evaristo, 2020.

abraçar-te na leitura, cativar os seus sentidos e te fazer continuar. Quebro, então, como se vê, certos paradigmas do que entendo como escrita acadêmica e converso com você... me encontro aqui, eu e você. Quero te convidar a ser presença e escuta participativa nesta trajetória.

Podemos seguir mais alguns passos? Interrogo!

Já há algum tempo que me observa, o ímã antigo, presente de uma viagem de outrora.

Por ali, entre fios, anotações, dores e alguns livros, também figuram dois cartões rabiscados por mim, mas já com pouca aderência, o que faz com que quase sempre se deixem levar pelo vento frio e me obriguem a correr inesperadamente.

Um deles me lembra - insistentemente - de atualizar o currículo lattes e o outro me avisa sobre o próximo encontro do curso sobre transgeneridades e educação, com Jaque e Dodi. Jaqueline Gomes de Jesus e Dodi Leal são professoras doutoras travestis. Nesse curso, dialogam sobre as existências transgêneras e a capacitação de professoras/es cisgêneras/os para o melhor preparo com relação à valorização das pessoas transgêneras na universidade.

As provocações e escritos de Dodi e Jaque e de um conjunto bastante plural de autorias travestis têm me acompanhado por esses dias. Além das discussões engatilhadas nos encontros me ocupo de pensar com elas e pelas experiências que seus textos produzem em mim a partir de minha existência. Penso em toda estrutura que me constituiu sob a cisgeneridade e como essa imposição muitas vezes me apartou de uma aproximação necessária e importante para a relação que precisamos estabelecer com as transgeneridades.

Até quando a prerrogativa de um corpo naturalizado pela cisnormatividade vai nos afastar de uma prática política, social e epistêmica de combate às injustiças direcionadas aos corpos trans?

“Ainda que, e as vezes sobretudo por, a performatividade cisgênera estar vinculada a formas de sexualidade LGB, ela é completamente posta à prova e não cabe mais a ela escorar-se numa forjada diversidade sexual cis, ou diversidade da cissexualidade, para invisibilizar-se. Assim, o saber das transgeneridades incomodam

extremamente não apenas as formas de luta pela sexualidade que vêm se constituindo nas últimas décadas, mas principalmente por proferir a denúncia: estas formas de cis-sexualidade precisarão se repensar enquanto diversidade para levar em conta as pessoas transgêneras”.¹⁰⁹

O fato de ter acessado a maior parte dos espaços, principalmente a escola, sem qualquer impedimento dessa ordem, também garantiu que eu chegasse até aqui e foi definidor de um projeto de vida muitas vezes negligenciado às travestis e pessoas trans, ou seja, excluindo a trajetória trans de/em um mundo cisgênero.

Esse é um pensamento desenvolvido por Sara York. Sara é doutoranda travesti da/na educação e vem produzindo reflexões cruciais a partir de sua atuação como pedagoga, pesquisadora, professora e jornalista. Seus escritos compõem minha escrita na medida em que me convidam a reelaborar o âmago dessa pesquisa com suas histórias de vida e luta por mudanças de expectativas na escola e na universidade.

(...)

Volto para as palavras do ímã, me agarro somente a elas: como me movem as palavras de Cora?

Há um intermitente desejo de fazê-las realidade. Penso arduamente na continuidade desta pesquisa e não encontro outra saída a não ser estilhaçar os pensamentos pelos dedos a teclar as palavras que vomito.

Quero cuspir a norma cis e a transfobia.

Quero dessacralizar em mim as estruturas do poder que me privilegiam e me fazem vivo para além dos trinta e cinco anos de vida.

Quero trair a cisgeneridade!

Quero gritar com Viviane!

“Como a gente convive, como a gente enfrenta, como a gente resiste a estas (e tantas outras) violências normatizantes, inferiorizantes, brutalizantes?

¹⁰⁹ Dodi Leal, 2018. p.18-19.

Como a gente reflete sobre as mortes das travestis que acontecem pelo mundo afora?

Das pessoas trans?

Das pessoas de gêneros inconformes, de castas marginalizadas, dos corpos marcados por intervenções corporais não consentidas?”¹¹⁰

A dissertação de Viviane Vergueiro, Travesti Doutoranda pela Universidade Federal da Bahia, denuncia uma realidade de sistema-mundo que fere suas experiências e me convida a desconstruir os modos pelos quais a colonialidade estabeleceu formas de ser e existir.

Através de sua autoetnografia trans, a autora questiona o quanto podem nossas ficções políticas.

Me inspiro tanto em Viviane!

Suas ficções fazem friccionar o desalojar da pesquisa por aqui na medida em que colocam em ação o desejo de desestruturar o modus operandi de deslegitimidade e exclusão.

São assim como fric(a)ções: finitos e inadiáveis movimentos de fricção/atrito e consequente ação, que se apresentaram quando, insistente, busquei imaginar e tecer o caminhar desta pesquisa!

2.1.2 Fric(a)ção 02 - Última semana de Abril de 2020

Vinte e nove mil, trezentos e quarenta e uma mortes por covid. O Brasil passou a França em número de óbitos.

29.341 !!!

Março parece ter colapsado o modo como pensávamos estar elaborando a vida.

¹¹⁰ Viviane Vergueiro, 2014. p.38.

É quase impossível me aproximar da tela do computador e tentar traduzir o que se passa aqui.

Miro um relógio trincado na parede: é meio dia e vinte de uma quarta-feira bastante quente.

Nada mais passará ileso depois de agora, penso.

Não se pode mais desdizer do que foi ou está sendo (res)pirar o agora.

Olho outra vez para o relógio e procuro contar de novo o tempo que perfura os dias, enche meus olhos, me dá coragem, traz medo, perfura outra vez, vai e volta.

De uma vez por todas, o não lugar nos constitui.

Entre vidas é que estamos.

Nada mais difícil, penso, que não saber...como adiar o final.

Como adiar o final?

2.1.3 Fric(a)ção 03 - Maio de 2020

Queria aqui me inscrever ELA!

Em ação friccionar os modos de escrever e destruir os limites da cistERR(OR)itorialidade.

Meu terreno é um campo minado de palavras e eu creio, no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco.

Já tem alguns dias que não passo por aqui. Já são dois meses longe do Rio de Janeiro, “cidade purgatório de beleza e do caos”

desde que me apressei para casa de minha mãe e meu pai na intenção de proteger nossas vidas.

Ando, confesso, deveras assustada com todo o cenário de morte que abocanhou nossas existências. Sinto uma necessidade tremenda de registrar a história, intervir

por ela, selar o que percebo dela e como ela me atravessa, o que provoca em mim e como me estimula a pôr na tela fria do computador o caminhar da pesquisa:

“Um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga.

Lançados num plano implicacional, os termos da relação de produção de conhecimento, mais do que articulados, aí se constituem.

Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas.

Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade, o processo de pesquisar ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites de nossos procedimentos metodológicos.

O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas.”¹¹¹

Sob um desejo de partilha quero dizer dos dias que ora afugentam e ora constituem o nascimento do texto, do tecer palavras, da tessitura das horas que se avolumam. Como num diário, eletrônico e *neopandêmico*, tento reverberar outros modos de imbricação e bricolagem do fazer pesquisa.

Mais que isso: quero produzir sentidos pela experiência de *escreversentirviver*.

Deixo então que os dias que se passam cuidem de reverberar reflexões pandêmicas e quem sabe detonadoras por aqui: quantas são as travestis que fazem parte da sua vida? Com quantas você divide o local de trabalho? Há trabalho para quem em pandemia? Hoje você almoçou com elas? Quantas delas fizeram o vestibular com você? Quantas professoras travestis passaram por você? Quantas travestis atravessaram a universidade sem sofrer violências cotidianas? Quantas travestis?

¹¹¹ Eduardo Passos; Regina Benevides de Barros, 2009, p. 30-31.

Quantas? Quantas fazem parte do seu grupo de amigades? Quantas compartilham a sala de aula com você?

A educação é um lugar de inclusão ou se configura numa ampla retórica de “aceitar” e “respeitar”?

A escritora travesti chilena Claudia Rodriguez escreveu: "quando vi o King Kong morrer, sabia que era eu quem a indústria estava matando. Não se pode ser tão grande, tão feia e viver no centro da cidade".

É sobre ocupação e existência que Claudia está gritando!

2.1.4 Fric(a)ção 04 - Junho de 2020

Mais de 400 mil pessoas morreram de covid no mundo e antes de qualquer coisa, é preciso conversar sobre o que se vai por essas linhas. É, talvez, uma tentativa, fundante e necessária, de passar viva por tudo isso que nos está acontecendo. Quando escrevo a palavra “viva”, registro para mim, e para você que me lê, que ainda temos tempo de contar outras histórias.

Será preciso!

Ao me declarar ainda “viva” - eu, *bichabranca*, sem deficiência e gozando de todos os privilégios sociais desta condição - quero também, à revelia de minhas irmãs e toda ancestralidade travesti, afrontar a palavra, destituir a língua, bagunçar a cisnorma e combater a sujeira inscrita na palavra que discrimina, invisibiliza e mata toda possibilidade de produzir diferentes mulheridades e feminilidades, como propõe Letícia Carolina Nascimento. Sobre a sujeira no falar e impresso na língua também nos denuncia Sofia Favero, psicóloga travesti em seu livro “Psicologia Suja”. Lá ela nos conta como a sujeira da/na palavra fez transfóbica sua passagem pela universidade quando ouvia aos sussurros os questionamentos endereçados à sua identidade, chamando a atenção sobre como a palavra fala dos nossos lugares e o que pode e o que não pode ser dito.

Letícia e Sofia têm vivido comigo em leituras diárias enquanto ensaio fugas para não morrer!

Seus saberes potencializam a luta transfeminista e nos remetem às reflexões fundamentais para a construção da cidadania de travestis e transexuais.

Extra! Extra! Extra!

**É urgente ler o que vem produzindo travestis e pessoas trans por todo o
nosso país!**

Plantar a (cis)são libertadora das desobediências de gênero!

Transvestilizar o pensamento!

Tem corte afiado o discurso que predomina na bolha do padrão inteligível dos corpos e existências.

**Pergunto: quem fura a bolha, existe por onde? Transita de que jeito? Floresce
de que maneira? Qual banheiro vai usar?**

Como cultivar flores em meio a arames farpados?¹¹²

Assim, Letícia nos provoca ao tecer em palavras suas experiências de dor numa forma inventiva de “não ser” para criar outros modos de pensar a educação.

Por que a educação não é transvesti ?

2.1.5 Fric(a)ção 05 - sobre os últimos dias de junho de dois mil e vinte

Sabe-se que estamos em dois mil e vinte.

**Digo que sim, que será necessário afastarmo-nos do agora para percorrermos
essa difícil tarefa que é a dança da escrita.**

Não a escrita em si, mas o que fazemos com as palavras, não o ato de escrever ou digitar, mas as sinapses em (com)fusão com as próprias mãos que parecem não responder, parecem não querer dançar.

**Porque, quase sempre, o que por aqui aparece já se rascunhou por tantas
vezes nos diários que mantive em segredo.**

¹¹² Letícia Carolina Nascimento, 2021

A verdade é que se escreve o tempo todo: com olhos abertos e fechados, na penumbra, sob a luz do sol lá fora, aos prantos, no bloco de notas, na pele, no computador...

Mas é verdade também que os escritos se perdem, são quase sempre movediços, inconstantes e pueris, são recomeços. Esforço árduo de percepção de tudo o que está nos atravessando e o que fazemos com as palavras que (s)acodem em nós:

pesquisapoesia?

E o que fazemos com as palavras que partem de nós? Depois de (s)acudidas como serão (d)enunciadas?

Desenho versos para dar conta de uma nova ordem mundial, do *prépóspandemônio* sanguinário, segregatório e violento que aqui está.

Estamos completamente transtornados. Proponho danças sem ritmo, silabando por entre lágrimas e gritando em versos sob os ventos cortantes que a pandemia faz em nós. São *palavraspensamentos* que inauguram o contato que você faz de mim nessa primeira conversa e dos muitos sentidos que o próprio “conversar”, por algum tempo em solitude, fez nascer: algumas proposições e outras tantas conexões, tudo ainda em volatilidade, em suspensão, perto de nós.

O que haverá para além dessa nossa aproximação?

O que há entre eu e você que me lê?

Como é possível que um sem-número de dizeres permita-nos estilhaçar e produzir outras conexões?

Quantos de vocês sucumbiram a tudo isso que estamos atravessando?

“Ñ VÃO NOS MATAR AGORA”

Esse é o título do livro da Jota Mombaça, que chegou há pouco pelos correios. A Jota é uma artista interdisciplinar e as suas obras derivam da poesia e da performance. Aproximo-me dela para também poetizar o cotidiano. A Jota ensaia o fim do mundo, tal como o conhecemos, e a figuração do que virá depois que destruímos a pauta do colonialismo moderno de seu pódio. Ela trabalha em torno das relações entre monstrosidade e humanidade.

Jota é inspiração nessa trajetória.

Ela vai voltar por aqui.

Agora paro!

2.1.6 Fricção 06 - quase (A)gosto de dois mil e vinte

Fins de julho, meu aniversário:

Tô vivo! - grito

(procuro movimentos para prosseguir, mas parece não existir ação que fricção o que se passa em mim, não há possibilidade de fric(a)ção)

A morte chegou por aqui e presentifica minha existência. Já são quase seis meses sem nenhuma perspectiva. Estamos então no ano de 2020. Estamos em dois mil e vinte...

Estamos em 2020?

Meus olhos buscam outra direção, a mão repousa levemente sobre o antebraço, roça os pelos freneticamente: é um movimento quase estático de angústia.

O que quero de frente para essa tela fria do computador? Senão o angustiante movimento dos dedos, que faço eu aqui?

Não sei prosseguir, falta-me o ar! Estão suicidando nosso grito. Corro até Jota Mombaça:

"É a última vez que falo sobre isso: o mundo tá acabando. De novo."¹¹³

Setembro

Rio de Setembro!

(...)

¹¹³ Jota Mombaça, 2021, p. 13.



Outubro

ou nada!

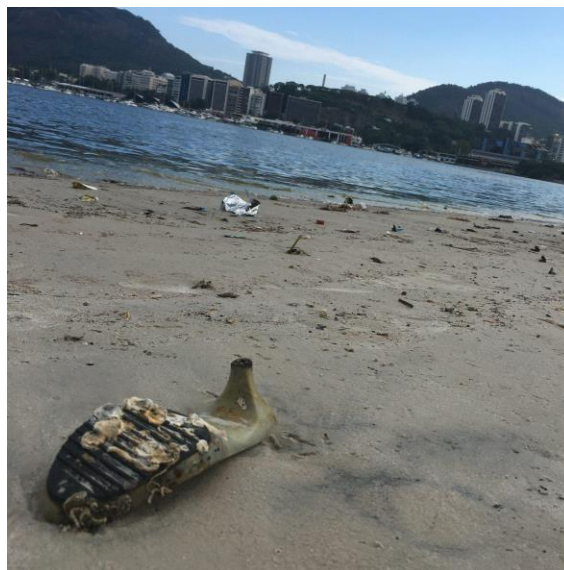
(...)



Novembro

Se bem me lembro!

(...)



2.1.7 Fric(a)ção 07 - Último mês de dois mil e vinte

“Não, essa não é uma história da pandemia do covid-19 e da crise do coronavírus.

Haverá tempo suficiente no futuro para escrever essa história.

Agora não é o momento de escrevê-la, mas de fazê-la.”¹¹⁴

Assim, Yuval Noah Harari abriu as páginas de seu livro “Notas sobre a pandemia e breves lições para o mundo pós-coronavírus”. Nesta coletânea de entrevistas e artigos, o historiador israelense debateu o impacto e as consequências do que aqui, por essas linhas, é marco territorial: a pandemia virótica e o estado de pandemônio social a que nós, americanos do sul - e, portanto, *colônializados* e tão fartamente desgovernados - fomos assombrados.

Entregues ao espanto. Aterrorizados e atônitos.

Duas mil e vinte vezes, em vinte e quatro horas. Em tempo, sem respirar, de verdade.

Mil vezes mortos ao dia.

Em outros, algo mais. Sem ar.

¹¹⁴ Yuval Noah Harari, 2020, p.17.

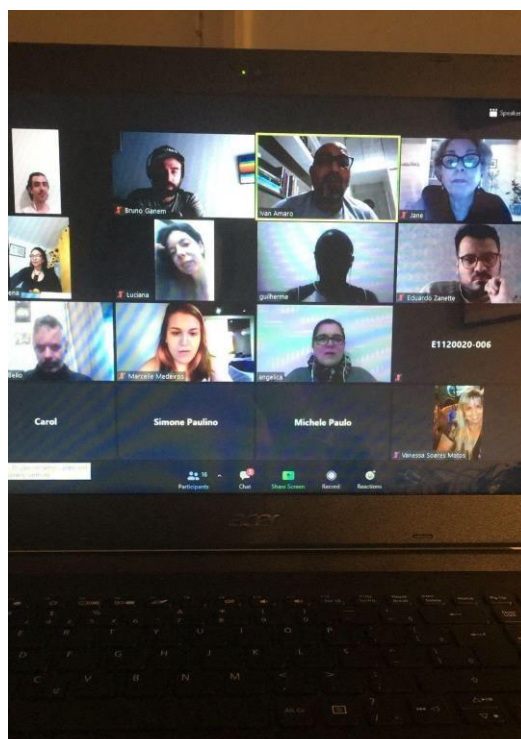
Sem ar!

Assim se viu 2.0.2.0! Para sempre presentificado, como se uma nova arqueologia da conscientização, onde o imprescindível é não deixar mais de criar e recriar a partir das reflexões que *fazemosfizemos* de nós e de nossas experiências, enquanto somos infectados, ou não.

É esse o tempo!

Sem tempo de espera, “esperançar” foi preciso, como num barco à deriva.

Em meio a tempestade foi preciso continuar, por todos os espaços. A nós, pesquisadores e pesquisadoras em pandemia, desafiou-se *fazerproduzir* ciência ao tentarmos construir e elaborar o conhecimento por entre outros saberes, paradigmas, complexidades: um universo algoz e complexo que se apresentou a nós. Foi preciso engajar-se e comprometer-se cientificamente. É nesse sentido que ao *ad-mirar*¹¹⁵ 2020, como nos contou Paulo Freire, olhamos em direção a algum lugar, dirigimos o olhar para algo, direcionamos.



¹¹⁵ Paulo Freire, 2013.

Uma *ad-miração* eminentemente humana, na medida em que tomando distância do não-eu podemos aproximar-nos curiosamente dele, para compreendê-lo, para descobri-lo, desocultá-lo.¹¹⁶

Nesse ato de escritura e distanciamento - físico, não é mesmo? - nos damos ao

fric(a)cionar-se

Ao colocarmo-nos na gravidade de nós e - quem sabe? - ao imaginar poeticamente outras realidades, a gente vai descobrindo como sobreviver, desenhando um manual *re-flexível* do dia a dia.

ou -

que achas?

- dia adia.

É possível, adiar?

Um desafio do conhecimento em tempos de pandemia, diriam alguns:

Dez a fio! Voilà!

2.1.8 Fric(a)ção 08 - Janeiro de 2021

É meio-dia e dezoito, está quente. O ano é 2021. Pois enfim, aqui estamos? Há vida, afinal? Quero gritar sem parar que o ano é dois mil e vinte e um: tem gosto de vingança.

Tento explicar em breve.

As expectativas ainda rastejam em nossas mentes. É quase impossível não recordar o ano anterior em que nossas e outras milhares de vidas, solaparam-se na iminência irresponsável de um estado insistentemente

violento, perverso e irresponsável.

¹¹⁶ Paulo Freire, 2010.

Paro e num gesto de agonia, numa tentativa de presentificar que estou vivo, fricciono as unhas umas contra as outras, na verdade o que resta delas. Num movimento agitado e esperançoso quero voltar a escrever, quero transcrever tudo que explodiu ao longo dos últimos meses como reflexo de uma vida toda. Os últimos meses fizeram-nos reviver uma vida toda.

Obrigatoriamente.

Correm os dias, aos galopes, às vezes quase em câmera lenta. O segundo semestre do processo de doutoramento inaugura perspectivas outras de engajamento, relações, pensamentos. A disciplina Educação e Sociedade que, primeiro abordou questões teórico metodológicas, agora faz uma incursão nas questões contemporâneas em pesquisa e apresenta um ciclo de encontros/aulas/conversações mediadas pelos grupos de pesquisa do próprio programa.

Agarro-me nessa possibilidade de continuar a tecer a pesquisa e costuro impressões do dia a dia entremeadas pelas falas de colegas, professoras e professores ao longo dos momentos online, na não presencialidade que afasta e ao mesmo tempo parece aproximar.

Os dias de encontro em estudo por essa disciplina com professoras e professores do programa, proporcionaram-me um sentido mais forte de relação com a universidade.

Formei-me em Artes Cênicas nesta mesma Universidade em que agora estou cursando o doutorado. Um reencontro separado por 16 anos de vivências e práticas que me trouxeram de volta até aqui e que provocaram em mim a necessidade de repensar os sentidos de ser um educador.

Como artista-docente era com a arte que eu precisaria respirar e fazer movimentar este percurso acadêmico.

Encontrar um caminho, transitar pela pesquisa e elaborar uma metodologia fizeram-se condições iminentes para seguir o dia a dia. Foi preciso, na impossibilidade quase sempre presente da mobilidade do meu corpo pandêmico, poetizar a reviravolta das existências em resistência, naquele fatídico período de nossas vidas:

Desceram todos em terra batida, não sabiam onde estavam.

**As lágrimas agora já ressecadas em tantos rostos desistiram de brilhar,
ficaram sem eco. As vozes, quase ínfimas, pendiam entre a melancolia e o
dissabor.**

**As tantas reações pareciam ainda querer dar conta do que se supunha existir,
mas falhavam.**

**Em cada olhar,
de todas as formas,**

era preciso dar-se ao engano, fingir sobrevida, querer suspirar...

**Do outro lado, de dentro de seus corpos, como numa realidade às avessas,
outras tantas vidas também pareciam sofrer.**

**Era como se sentissem mais seguros trancados em si, mesmo sem saber ao
certo o que se passava por ali.**

**Uma descrença se instalava como enredo de um filme incansavelmente duro,
pedregoso, seco:**

poeira de nós!

Era imprescindível re-existir.

Por entre as ruas da cidade tantos des-encontros, parcas afetividades:

uma andarilhagem como prática da liberdade...

**Um mundo às pressas, em urgência se fez, desenhado a partir de nós, entre
um „estar aqui“ e um contínuo „a partir“.**

**Sobrevidas que vagam e se deslocam ou porque querem, ou porque creem ou
porque precisam: migrantes da fome, exilados da cura, descomprometidos.**

Uma pandemia que se instala e nos obriga a seguir,

mesmo assim desgovernadas,

mesmo assim precarizadas,

mesmo assim colonizadas.

2.1.9 Fric(a)ção como fa(bur)lação do fim! Março de 2021

um *necroconto da palavrasom*.

São dezesseis horas e trinta e sete minutos de um dia de março do ano de 2021. Há poucos dias encontrei mais três pessoas em minha casa, sedentas por viver. O que se passou ali está aí, nas próximas linhas: resquícios sonoros do que foi dito. Nada mais passará ileso depois de agora, penso. Não se pode mais desdizer do que foi ou está sendo (res)pirar o agora.

Olho de novo para o relógio e converso com o tempo. Tempo que perfura, tempo que perfuma, odor que invade, molha os olhos, vai e volta.

Entre vidas é que estamos.

De uma vez por todas, o não lugar nos constitui. Nada mais difícil, penso sem parar, do que não saber...como adiar o final.

Adiar o final?

Um corte no tempo, você me diz...

De qual final estou falando?

Posso finalizar então...?

Que me diz você sobre os fins em si mesmos?

A gente pode conversar...que achas?

Se me ouves ao escrever essas passagens de nós, então me agarro em toda possibilidade de viver também em você.

É leve saber que, por agora, os seus olhos passam pelos pensamentos meus e, mesmo distantes, algo de uma conversa (de novo e intencionalmente com versos) comece a soprar vida; mesmo na morte. Assim você fica comigo, eternamente. Mesmo que não mais eu exista por aqui...

Então ficamos assim, você pega a minha mão, a gente se ouve e quem sabe a gente possa conversar, insisto.

Você pega a minha mão?

A gente pode conversar, repito!

três mil quatrocentas e vinte e cinco mortes.

já fazia algum tempo que não podiam se reconhecer. tentavam por vezes encontrar brechas naqueles dias de incerteza e solidão, por mais certeza que tivessem da inexatidão dos dias seguintes, talvez anos. insistiam que suas presenças, de alguma forma, se encantariam mais uma vez, e que por isso talvez, qualquer coisa (até a morte?), valeria a pena...marcaram numa quinta-feira a tardezinha.

levo um vinho pra vocês?

quem sabe, não!

s-i-l-ê-n-c-i-o.

era ainda meio estranho inventar. era mesmo um pouco insano, de verdade. se era... e como! era vazio, apreensivo. eu faço umas pastinhas ou a gente pede alguma coisa? que tal? o fato é que fomos, o fato é que perfumei a sala (comprei flores, veja você!):

um inesquecível odor da morte.

revi os porta-retratos, não faltava ninguém, muito embora eu não soubesse reconhecer os seus olhares. me olhei no espelho. fixo.

como convém a um deus e a um poeta¹¹⁷.

há quanto tempo eu não me percebia, é o que bateu forte! quanto tempo sem estar comigo, mesmo ali comigo, sem, de novo, me reconhecer. a imagem refletida num canto mais turvo do emoldurado descascado à minha frente dizia das conversas que não fazíamos mais sobre nós. sim, eu e eu mesmo. talvez, entre nós também, eu e você...

quero falar. você me ouve?

a morte do lado de fora, nas ruas, nos puteiros, nos terreiros, fazia (quem sabe!) uma desconexão em mim. quis desconversar meus pensamentos. permaneci assim:

¹¹⁷ Fernando Pessoa, 1993, p. 32.

desgarrado, extraviado. fiquei assim por quase três tempos. que estranheza é escrever sem a caixa alta, pode-se pensar e escrever sem as maiúsculas? sem as maiúsculas, sem pensar quase, pode-se escrever? a interrogação me cuspiu na cara, três vezes,nojenta, indelével, mas certa. um “eu” posicionado extaticamente, fora de si mesmo (ou de mim mesmo?);

que me cobra, que me norma, que me forma.

não é assim que a gente vai conversar (pensei baixinho - intraduzibilidade - do que não sou capaz de dizer, da impotência) respirei forte e preendi no peito tudo o que eu não sabia mais de mim. passei a não me reconhecer. passei a não me reconhecer porque fora das normas. um corpo baleado em suas subjetividades e desejos.

Por que não me reconhecia mais?

Era como se as palavras ao redor da minha cabeça, insistentes, conversadeiras, afinal, começassem a dizer do tempo que eu não mais conhecia.

Aguei as flores, mudei-as de lugar, mais próximo das janelas talvez. Até conversei com elas, dizem que nos escutam, não é?

o cheiro da morte não passava.

Quem seríamos nós naquela quinta feira à tardezinha? Mais de ano sem nos ver, cheirar, sentir o gosto da pele, o toque, a sensação de apreender-nos. Por que não nos reconheceríamos mais? - sim, perguntei mais vezes, queria com versos, falar.

três mil quatrocentas e vinte e seis mortes

é melhor que nem venham, pensei. a campainha pode tocar, já está quase na hora. olho no espelho mais uma vez: quem sou eu? há quase um ano preso nesse apartamento, sem conversar, o que está sobrando de mim? quero fugir, porém ao contrário, produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma: papo de deleuze e parnet, certo?

(preciso re-existir)

até ali eu imaginava que o que definia o meu ser (e eu precisava me agarrar nisso...) era a persistência da minha própria existência. o desejo de existir. que ao lutar pela existência...

- aqui já somos três mil quatrocentas e vinte seis mortes e o dia ainda nem acabou -

...que ao lutar pela existência eu posiciono um “eu” superior fora de mim (sim, uma tática), pois luto pelas normas, normas que predizem uma realidade onde fui subalternamente produzido, violentamente precarizado. um poder que me colonizou por dentro, nas entranhas, tipo umas verdades sem sentido. eu realmente precisava conversar com alguém, de pronto, separo as taças, éramos quatro, dois e dois, dois em cena. coloquei os vinhos (mais de dois?) na geladeira.

três mil quatrocentas e vinte sete mortes. ia ser preciso muito gelo.

um a um chegou. não se aconchegou... toque seco na campainha. a gente pode ficar assim, por aqui mesmo, assim a gente fica mais tranquila...assim a gente fica mais distante, você quis dizer, não é? (engoli sem saber responder) mas acho que sim. é melhor conversar mais distantes mesmo. sem muito barulho... posso falar? sobre o que estávamos conversando? “uma pergunta arca o corpo e uma possível resposta inclina-o para frente. as palavras inesperadas sacodem, despertam”¹¹⁸.

bonito isso, é skliar, não é?

pega aqui um pouquinho desse amendoim, eu coloquei umas passas brancas, eu sei que você adora! vocês têm certeza de que podíamos nos ver? você acha mesmo que podemos conversar?

três mil quatrocentas e vinte e oito mortes.

essa saia “tá” um escândalo em você! como assim? não entendi. olha, se você sair um pouco do celular a gente consegue, quem sabe, falar um pouco mais. toma mais vinho, ainda é cedo. quem marcou o gol? foi no segundo tempo mesmo?

mais de três mil mortos só hoje?

elas parecem não nos ouvir...eiiiiiiii, a gente quer falar, que tal? **três mil quatrocentas e vinte e nove mortes.** mas é travesti! e pode namorar uma menina? peraí, gente, eu tô falando uma coisa importante.

é Travesti, com T maiúscula, tá me ouvindo?

¹¹⁸ Carlos Skliar, 2018, p. 11.

ela tem pau! ela tem pau? a gente pode conversar mais? olha, se você pensa que está numa mesa redonda, assim, coisa de acadêmicos, engano seu, a gente “tá” falando besteiras...como assim? é por isso que essa gente “tá” morrendo, “tá” pensando que é só essa doença aí? A gente morre porque numa roda de amigos essas piadinhas de mau gosto parecem encontrar o melhor lugar, sabe, nem sei mais...

silêncio, outra vez

que cheiro estranho...você colocou aquelas flores? é esse cheiro mesmo. pode cheirar...cheira muito...engole o cheiro! (mais ou menos por aqui as palavras começaram a adoecer e a conversa foi morrendo...)

três mil quatrocentas e trinta e cinco mortes.

seis mortes a mais. (mas já?)

a morte da *palavrasom*.

estivemos por ali, sem nos olhar, sem reação, quase *mortosvivos*. algum tempo se passou desde que, sem ar, as palavras iam desfalecendo e ao mesmo tempo inventando a nós mesmas de outros modos. quando morrem as *palavrason*. é quase certo que nada pareceu se transformar por ali, não houve mais vontade de ouvir, tampouco conversar... com pressa, ataquei:

**(eu não parava de falar, sem respirar quase, começava estranhamente a me
faltar o ar)**

TRÊS MIL QUATROCENTAS E CINCO MORTES. SEIS MORTES A MAIS. num único dia. não é possível que estejamos morrendo e continuemos a ser apenas números.

Estamos morrendo!

o silêncio que se fez foi sepulcral, não era para menos. um imbróglio ocupou o lugar onde estávamos. um a um deixou o espaço.

ficou o cheiro da morte. conversávamos então mesmo em nossos silêncios?

E foi só!

(...) SILÊNCIO (...)

Interlúdio: Tramar na fronteira o deslocamento!

Durante os anos de 2020 a 2022, as experiências sobre *vidamorte* e sobre viver, em meio aos modos (des)articulados das novas sobrevivências percorridas em processo com a escrita e vivência desta tese, fizeram surgir os tantos ensaios fric(a)cionados até aqui. De algum modo, e para toda a gente, foi imprescindível atravessar o que se passava entrecruzando coração e mente, trabalho e responsabilidade, cuidado e medo,

(arte e poesia? que me diz de você?)

Ao acompanhar as agruras de um tempo ainda não conhecido, as anotações do diário trazidas até você no capítulo anterior, procuraram dizer dos dias atravessados pela imprevisibilidade da crise mundial, costurados pelas ações de estabelecer, com a pesquisa, processualidade e rotas de fugas como potência de vida: tentativas de invenção de si e do mundo, permeadas pela arte em tempos pandêmicos.

Fez-me a Pesquisa Luto, também fazedor da Pesquisa Vida !

Deslocou-se sobre as tramas, fez fronteira, ousou porvir-se!

Foi com Amiel, Isadora, Júlia, Sirius, Caio, Lucas e Ágatha que, na fronteira, fiz deslocamentos.

Tramar na fronteira o deslocamento é por em circulação afetos quebradiços, é fazer giras que encantam: é deslocar da fronteira o trauma e ao mesmo tempo tramá-lo.

Tramá-lo a partir de então foi fazer da conversa instrumento de batalha.

Como o ato/gesto de conversar faria parte do texto, sem amarrar o que não foi amarrado?

Como fazer com que a transcrição não fosse apartada da oralidade ?

Qual seria o lugar da conversa na escrita enTESEada?

Desafio!

A conversa, até então literária, por dentro, se fez por fora e circulante. Transcritas, uma a uma, aparecem através de trechos que vêm costurando os próximos capítulos e buscam dialogar com a proposta de cada um.

São bastante significativas as possibilidades de conversar que vieram a acontecer porque me reafirmavam a todo momento outras formas de perceber nossas potenciais fragilidades como táticas de fuga.¹¹⁹

“Aprender a defender-se requer a elaboração de outras formas de perceber a própria fragilidade.”¹²⁰

Acredito terem sido nossas fragilidades o ponto de entrecruzamento de nossas giras na/da/pela educação, para além de nossas aproximações, tão determinantes para o ‘como’ pudemos fazer COMversas. Merece grande destaque deixar evidenciado aqui, a você leitora (o), que são de afetos e resistências (acadêmicas, ativistas, pessoais) as linhas que nos tramaram.

Nossos roteiros, mesmo às vezes distantes, nos aliaram em vida.

Pactuamos nossos afetos para treinar nossa traição!

Amiel M. Vieira é uma pessoa branca transmasculina e intersexo de 42 anos, Doutor em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, co-criador da Associação Brasileira de Intersexos e atualmente parte da Intersexo Brasil, como Diretor responsável pela área de pesquisa. O vi pela primeira vez em 2018 num encontro sobre diversidades e desde lá venho acompanhando sua reflexões e imensa luta.

Nos aproximamos, nos cuidamos e hoje plantamos sonhos juntos.

Isadora Ravena é uma travesti do Ceará e tem 27 anos. Não-branca, artista, professora, crítica e curadora. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestra em Artes e Graduada em Teatro pela Universidade Federal do Ceará. Nos conhecemos em meio a pandemia, em 2021,

¹¹⁹ Jota Mombaça, 2021.

¹²⁰ idem p. 79

quando organizou um curso chamado “Lux-pensamentos travestis”. Fui aluno, participante atento e tornei-me amigo.

A gente vem trocando ideias potentes sobre transrevolucionar e desaprender!

Júlia é uma mulher transpreta de 45 anos. Professora de Artes da rede municipal e estadual do Rio de Janeiro, também é atriz, contadora de histórias, dançarina e artista plástica, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu ativismo pelas questões etnico-raciais e diversidade na educação foram nossa conexão nas vezes em que pudemos conversar. Júlia foi a primeira docente trans a chegar à direção de uma escola pública no Rio de Janeiro.

Não é de hoje que ela milita contra o preconceito e a exclusão através da arte, seja dentro ou fora das salas de aula.

Sirius Ferreira é homem trans, pardo, bissexual, umbandista e tem 27 anos. Mora em Duque de Caxias (RJ), é antropólogo formado pela Universidade Federal Fluminense e concluinte de Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Sirius me ensina a cada dia sobre educação e afetos.

Desejo que esteja comigo, para sempre!

Caio Porã é um homem trans indígena de 32 anos. É fundador do Slam M3 (PI) , Slam da Lua (CE). É produtor cultural, escritor , ator , fundador da Casa de Cultura Fora da Caixa, Agente Territorial do Nordeste e acadêmico de psicologia. Caio é Transpoesia e brinca com a palavra como eu gostaria de fazer por aqui. Foi no Rio de Janeiro, em 2021, que nos encontramos em meio a atividades e oficinas de temática lgbtqi.

Caio lança a voz como quem finca certezas.

Sou batalha porque somos, Caio !

Lucas Dantas é branca e tem 29 anos. É ativista LGBTQIAP+, doutoranda em Educação: História, Política e Sociedade pela PUC São Paulo. É professore de Gênero e Sexualidade no Instituto Singularidades, onde se graduou em Letras

Português. É Artista, Educadora e atualmente pesquisa sobre o movimento LGBTQIAP+ latino-americano, gênero e sexualidade na educação, não binariedade e transcestralidades. Tem uns dois anos que nos atravessamos num Congresso Internacional sobre Gêneros e Sexualidades.

Lucas me presenteia todo dia com novas possibilidades de existir!

Ágata Pauer tem 22 anos e é negra. É atriz, ativista, travaturga, comunicadora digital, pesquisadora desakademica, da cultura do funk e transfeminismo. Tem 22 anos e é negra. Coordenadora de comunicação do mandato da Vereadora Benny Briolly, colunista da Mídia Ninja, Influência Negra e Ezatamentchy.

Ágata fala por muita gente e faz da sua atuação modos outros de educar!

Nossos compartilhamentos e vozes em conjunto vieram gerando reflexões que pudessem fazer desapartar e desafogar nossas existências, resistências, re-existências e reinvenções.

O que a seguir você vai encontrar, é uma seleção de trechos que dizem de nossas andarilhagens com a educação e de como ainda é possível estabelecer conexões para além das diferenças, atravessando fronteiras e ensinando comunidade como resgate da esperança.

Gratidão, bell hooks!

3 Do pacto à traição: processos de (cis)são e reinvenção dos imaginários

Fazer das conversas campo de batalha sobre o que venho propondo até aqui, numa polifonia de vozes dissonantes, é o movimento principal que inaugura a escrita de agora em diante. Transpor o luto *pandêmicotextual*, esmerilhado a duas mãos, para vivificá-lo através de tantas vozes, fez esperar o fim do mundo como pensávamos dar por certo. De lá pra cá, e também nessa constante reelaboração de pensamentos e ideias, foi necessário ir-se descondenando, esquecendo e desaprendendo o fim do mundo como nos foi contado.

Ñ vão nos matar agora porque não nos deixaremos morrer ainda mais!

De toda sorte, que tal encantar a morte?

Arrebentar os pactos! Trair a estrutura!

Atacar a violência e acreditar nas nossas capacidades de autodefesa.

“Penso que sou tão medrosa, que tenho medo da morte, e o medo da morte se tornou minha maior coragem. Ter medo de morrer num mundo que me quer morta é uma coragem absurda.”¹²¹

“Ah, eu acho que tem um caminho pra você entender isso, que é a encantaria.

O encantado é aquele que, ao enfrentar a morte, o processo de morte, ele encanta, ele não morre.

Então, você tá lá se afogando num rio.

E aí, ao morrer, algum tipo de espiritualidade te salva e você vira um peixe.

Você vira outra coisa.

Na minha cabeça, você transicionou. É isso. É real. Descreve tudo. Tem a ver com morte, mas tem a ver com vida”

(Conversa com Sirius, participante da pesquisa, 2024)

“Eu tenho uma frase tatuada no braço, que é, amo a vida, namoro a morte.

E eu acho que é esse processo mesmo, processo travesti, de ser perigo e perigosa.

¹²¹ Leticia Carolina Nascimento, 2023, p. 20.

Todo dia a gente morre um pouco pra que nasçam...

É preciso fazer morrer.

É preciso esquecer.

É preciso esquecer aquilo que a gente aprendeu sobre o que é ensinar e sobre o que é aprender.”

(Conversa com Isadora Ravena, participante da pesquisa, 2024)

As falas de Isadora, Letícia e Sirius vem nos avisar que morrer, algumas vezes é modo de vida, é coragem, é permitir nascer: processos de cisão e reinvenção de imaginários. Ao nos apresentarem projeções de suas vidas interpeladas pela morte, legitimam outras existências e costuram o enredo deste capítulo.

“Eu acho incrível! Eu fico muito feliz de ouvir que você está nesse processo. Seja bem-vindo e bote fogo nisso. A cisgeneridade também é compulsória, né? Ver a si, isso é um processo lindo. De ir fabricando uma escrita que desconstrói ou uma escrita que destrói aquilo que há de norma em você. Não existe um caminho certo pra traição, pra transição ou pra transmutação.

Se dispor a refletir sobre esse pacto, é um movimento de traição, é um movimento que trai. Então eu te desejo força, eu te desejo calma, te desejo paciência, te desejo chuva de emoções. Descubra o prazer e a desgraça que é quebrar com esse pacto.”

(Conversa com Isadora Ravena, participante da pesquisa, 2024)

Ao propor a traição de pactos cisgêneros como passagem para um sistema de organização de vida antitransfóbico te convido a reinventar o fim e atear fogo na norma “que exerce, através de variados dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, existências, vivências, identidades e identificações de gênero.”¹²²

Ruptura transfóbica!

¹²² Viviane Vergueiro, 2016 p.43.

3.1 Trair a cisgeneridade como ruptura transfóbica e de expulsão

“A cobaia agora é você !”¹²³

O reconhecimento e combate aos processos opressores de organização social e subjetiva que impuseram a normalidade e o silenciamento como estratégia de poder e controle é o mote que vem ocupando um lugar importante na discussão aqui proposta e se refazendo em desdobramentos de nós por nós.

Te convido a ser parte dessa escrita como gesto: que abre espaços!¹²⁴

A cisgeneridade como naturalidade nos corpos e imposição de uma norma - cisnorma - denotando a normalidade que assegura como naturais e verdadeiras apenas as pessoas que se identificam com o sexo que lhes foi designado ao nascimento, veio desde há muito legitimando um sistema de produção de *vidaemorte* e traumatizando a humanidade: é preciso agora tramar contra a história!

(Volto ao diário fric(a)cionado e recomeço)

Quero cuspir a norma cis e a transfobia.

Quero trair a cisgeneridade!

Implicando na necessidade de reconhecimento da deslegitimação de existências trans e travestis que o pacto cisgênero estrutura, há que se colocar a norma sob análise, detonando a traição como um exercício de *cisão*, como ato mesmo de cindir, separar-se de dinâmicas segregadoras para com as transgeneridades, reiventando assim outras histórias e realidades.

“E não posso ser eu uma mulher?”¹²⁵

Assim questionou Letícia Nascimento, em 2021, inaugurando em seu livro uma reflexão necessária ao avanço da discussão que propõe a performatividade de gênero como uma realidade para todas as corporalidades.

¹²³ Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2023, p. 157.

¹²⁴ Adrianne Ogêda Guedes et al. 2022.

¹²⁵ Letícia Carolina Nascimento, 2021, p.17.

“Analisar a cisgeneridade implica também em uma possibilidade de refletir sobre a normalidade e os dispositivos de poder que produzem sua naturalização”¹²⁶.

Letícia produz fissuras no CISTema!

Extra! Extra!

A cisgeneridade não é a única possibilidade de existência!

A cisgeneridade ocupa posições de privilégio de gênero!

A cisgeneridade violenta cotidianamente pessoas trans!

Extra! Extra!

A cisgeneridade é naturalizada frente a tudo que difere esteticamente e que então, *c*istematicamente, não é passível de reconhecimento!

Se nós somos pessoas trans, quem são vocês?

Chegou a hora de nomear quem primeiro nos nomeou!

Tática contracolonial!

Basta de ser cobaia!

Reconhecer a cisnormatividade como elemento estruturante de um contexto de produção compulsória do cerceamento à liberdade de travestis e pessoas trans é urgente e deve ensejar, quiçá, alguma oportunidade de reparação histórica, empenhada na despactuação narcísica que naturaliza existências que também são produzidas pelo poder e discursividade.

Em “O pacto da branquitude” (2022), Cida Bento nos põe de frente a um processo de construção de alianças protagonizado pelos brancos que foi determinante para a perpetuação do racismo em nosso país. A autora denuncia as similaridades nas dinâmicas institucionais quando o assunto é relações de raça e gênero. Ao apontar a escola como não sendo um dos ambientes mais acolhedores para crianças negras,

¹²⁶ Viviane Vergueiro, 2016, p. 252 - 253.

postula: “meus professores foram os principais responsáveis por essa minha sensação de não pertencimento.”¹²⁷

“Quando terminei a escola, pensei que finalmente me veria livre desse tipo de comportamento, mas, óbvio, isso não aconteceu.”¹²⁸

Reconhecendo a supremacia branca que assegura privilégios para uns e péssimas condições para outros - até a morte - sua escrita nos move a atentar para a construção dos pactos narcísicos, quase sempre não explicitados, e que mantém toda essa estrutura desigual.

Cida clama por deslocamentos do olhar sobre os “outros” racializados!

Trair os pactos, como proposto nesta tese, é deslocar-se de si, assumir-se outro, ir além, “ultrapassar a gramática acadêmica a partir de um estatuto divisório”¹²⁹. É vencermos os antagonismos e desigualdades.

“Antes éramos pesquisadas pela cisgeneridade, hoje elaboramos pesquisas sobre a própria cisgeneridade.”¹³⁰

Tensionar a cisgeneridade colocando a norma cis sob análise, movimento proposto a partir dos estudos transfeministas, inaugura engajarmo-nos por outras perspectivas, com outros olhares sobre e para as transexualidades e travestilidades, menos estigmatizantes, mais equânimes e justos.

“Para cada pessoa cisgênera que olha a si se vê como norma, e assim olha o mundo e o vê como espelho, deixo o seguinte recado: nós vamos desnaturalizar sua natureza, quebrar todas as suas réguas e hackear sua informática da dominação.”¹³¹

Ao produzirem pesquisas sobre as cisgeneridades, movimentos transfeministas acadêmicos e ativistas fazem assim deslocamentos na disputa por despactuar inteligibilidades naturalizadas nos corpos ditos cisgêneros. Sofia Favero, em “Medo de um planeta cis” (2022) reitera os êxitos que essas pesquisas fizeram reverberar

¹²⁷ Cida Bento, 2022, p. 12.

¹²⁸ idem. p. 13.

¹²⁹ Sofia Favero, 2022, n.p.

¹³⁰ Maria Zanella, 2024, p. 112.

¹³¹ Jota Mombaça, 2021. p. 75.

desnaturalizando as desigualdades que atingiam pessoas trans, antes referidas como versões falsas, artificiais, daquelas que eram anunciadas como biológicas, normais, verdadeiras.

O trecho de conversa a seguir, mostra como a desigualdade endereçada aos corpos trans é marcada pela transfobia, preconceito e discriminação:

“Eu acho muito importante esse trabalho que você está fazendo.

Porque, de certa forma, quando a gente pensa sobre a educação, como é que esse espaço de educação, historicamente, socialmente, foi moldado? Para quem foi moldado?

“orque se a gente parar para pensar, todas as categorias que foram minorizadas, marginalizadas, colocadas à margem mesmo, tiveram esse momento de expulsão, porque não é sobre evasão institucional, é sobre expulsão. O nosso corpo precisa ser higienizado, e para que o nosso corpo seja higienizado existe o lugar de fazer a manutenção da nossa precariedade.

E como é que se faz a manutenção dessa precariedade?

É negando o espaço institucional de ensino, sobretudo, porque o projeto de ignorância é um projeto colonial, é uma pedagogia colonial, ou melhor, ciscolonial, de certa forma.

Como existe educação pra mim?

Primeiro, eu enquanto um corpo bicha, né?

Enquanto bicha, criança, afeminada. Eu era gorda, eu tinha trejeitos, minha voz era muito fina.

O que isso fazia?

Eu me lembro de uma época, no recreio, esse processo de socialização que não é feito pros nossos corpos, de uns dois meninos me pegarem, me levarem pra fora de sala e me baterem.

E uma pessoa atrás de mim segurando pra não me soltar e outra pessoa me espancando, o que me levou a desmaiar.

Isso quando eu era pequena, assim, na alfabetização.

E quando eu fui pra direção, quem foi culpada, quem foi responsabilizada por aquela agressão que eu sofri na época? Fui eu.

A escola não estava preparada para lidar com corpos como nós.”

(Conversa com Ágata Pauer, participante da pesquisa, 2024)

Corpos lidos como gênero-desviantes quando (des)inseridos em determinados espaços institucionais são forçosamente silenciados e convocados compulsoriamente a vestir a roupagem das sexualidades e identidades hegemônicas; identidades ditas naturais ou universais e que são, com efeito, produzidas socialmente ou, de modo mais estrito, discursivamente.

A denúncia de Ágata é de suma importância para ainda constatarmos como persistem nos diversos territórios educativos processos de marginalização e expulsão elaborados em contextos heteroterroristas que atravessam corpos trans e travestis de diferentes formas.

“Como as (r)existências de corpos trans desafiam a educação normalizadora na produção do aprendizado pelas diferenças?”¹³²

Como a cisgeneridade impacta e quer regular outros modos de educar?

“A expulsão é uma coisa muito grotesca.

“O que não permite, muitas vezes, nem a gente conseguir finalizar o ensino básico.

Então, infelizmente, estamos lá como corpos esquecidos.

Esses corpos esquecidos acabam evadindo desses espaços, não tendo direito à educação.”

(Conversa com Caio, participante da pesquisa. 2024)

As dinâmicas ciscompulsórias de adequação dos sujeitos e sujeitas a algo que não desejam vivenciar implicam em questões extremamente cruciais não só do ponto de vista de pensar as complexas relações dos gêneros e sexualidades, hierarquizadas e contraditórias, mas também no modo como se negam direitos humanos colocando em cheque suas humanidades.

“Tudo começa nos meus processos desde a infância, onde eu me sinto evadido, não a princípio por ser uma pessoa trans, mas por ser uma pessoa indígena.

Dentro de uma escola elitista — eu estudei em escolas particulares, onde a maioria eram pessoas brancas — eu comecei a sofrer racismo por parte dessas pessoas.

E quando eu cresci, eu comecei a entender o meu corpo, que eu sou uma pessoa diferente.

E aí eu me coloco como uma pessoa lésbica.

E isso me trouxe muita agressividade dentro das escolas, dos espaços.

E quando eu me afirmo uma pessoa trans, na universidade, começa a ficar mais sério.

Eu entrei pro curso de psicologia.

E logo em seguida eu assumi minha transgeneridade.

E o que acontece?

Eu como uma pessoa trans dentro da universidade, fui expulso praticamente, né?

Só que eu não me deixei expulsar.

Eu fui atrás dos meus direitos e uma professora me patologizou.

Ela disse que eu não era homem e que ela não iria colocar meu nome social na chamada, que eu era uma lésbica querendo ser homem.

Sofri essas agressões e acabei ficando com depressão, com ansiedade, não consegui assistir às aulas da professora, não consegui desenvolver o meu curso e acabei evadindo.”

(Conversa com Caio, participante da pesquisa. 2024)

Caio nos interpela sobre a urgência de desestabilizar na educação supostas verdades sobre gêneros, sexualidades e raça, reforçando o pensamento crítico sobre as diferenças culturalmente criadas, desmistificando-as.

¹³² Shara Jane Holanda Costa Adad; Letícia Carolina Pereira do Nascimento; Lucivando Ribeiro Martins, 2020. p. 01.

“Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso.

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos — tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.”¹³³

Quantos “Caíós” são vilipendiados em seus processos educativos?

Como iremos nos mobilizar para tornar tais práticas inadmissíveis?

Faz-se fundamental um constante diálogo onde se conscientize que aquilo que hoje algumas pessoas leem e entendem como inerente ao ser humano, nada mais é que um processo histórico de construção, pois estamos inseridos em processos onde as formações e entendimentos sobre si estão em constante devir. É necessário revisitar o passado para entender que determinados processos são responsáveis pela desumanização de muitos sujeitos.

A permanência e o silenciamento diante das violências institucionais é também uma escolha!

Espaços constituídos por e constituidores da manutenção de poder, que insistem em deslegitimar existências outras, devem combater crenças de superioridade colocando sob suspeita constante a naturalizada cisgeneridade, num movimento de luta por direitos que possa identificar diferentes partes do processo de violência. A violência contra diversidade sexual e de gênero “se configura como um processo social, histórico e cultural, inseparável da violência contra outros marcadores sociais da diferença, tais como raça/etnia, classe/posição social, deficiências, entre outros.”¹³⁴

Como professora em escolas públicas do Rio de Janeiro, Júlia vem refletindo sobre o papel da escola como um espaço importante para combater a LGBTfobia que impacta - interrompe até - o processo de ensino e aprendizagem.

¹³³ Guacira Lopes Louro, 1997, p.57.

¹³⁴ Icaro Bonamigo Gaspodini; Jaqueline Gomes de Jesus, 2020, p. 04.

“Então a escola deveria ter esse papel fundamental nessa divulgação, na propagação dessa igualdade, dessa equidade e a gente vê que não é, são alunos estereotipados, são alunos muitas das vezes excluídos e sem perspectivas.

“A educação contemporânea, ela segue o modelo cisheteronormativo dentro dos seus conteúdos, dentro do seu currículo.

Então, não tem como, vamos dizer, contemplar outras minorias, outras populações.

E esses alunos, eu observo no decorrer da minha trajetória, quando temos um aluno trans ou não binário, que é algo mais complexo ainda, uma dificuldade das pessoas entenderem, compreenderem.

E a escola não está preparada.

Isso é proposital mesmo, para manter essa hegemonia, essa relação de poder.

Tanto do racismo, da cisheteronormatividade.

Então, acho que é proposital para ter essa manutenção mesmo.

Os direitos para a população branca, a população cis e a população heteronormativa também.”

(Conversa com Júlia, participante da pesquisa, 2024)

É perceptível em sua fala, o modo como a educação através de suas práticas impõe a cisgeneridade e a branquitude como padrão e modelo ideal de ser humano, sustentando a manutenção hegemônica e “replicando as condições de reprodução da injustiça epistêmica, que é o problema do uso branco e cisgenero das categorias de justiça social.”¹³⁵ Os diversos modos como esse uso viabiliza expulsões, precariedade, epistemicídio e morte se faz presente no cotidiano de pessoas trans e travestis, por exemplo. Desde a negação do reconhecimento da produção de conhecimentos protagonizada por corporalidades trans até as violações intencionalmente direcionadas às suas vivências, os efeitos corrosivos de um modelo estrutural cisheteronormativo também apagam e negligenciam espaços nos currículos e nas salas de aulas.

“Por que o cis é o padrão?

Quem disse que as pessoas nascem cis?

Ou elas nascem o que elas já são ou elas não nascem nada.

Elas vão construindo em sociedade outras narrativas

e essas narrativas são construídas sobre nós.”

(Conversa com Sirius, participante da pesquisa, 2024)

Ao questionar quem considera a cisgeneridade como um dado natural, Sirius nos convida a pensar sobre como todos esses processos são socialmente construídos, demarcando que “a diferenciação sexual binária é utilizada como critério de fixação de identidades sexuais nos corpos”¹³⁶. Se as pessoas cisgêneras fossem se

¹³⁵ Jota Mombaça, 2021, p. 18.

¹³⁶ Leticia Carolina Nascimento, 2021, p. 125.

construindo a partir de dados naturais e inerentes não haveria necessidade de constantemente reafirmar-se em múltiplos espaços. Nesse sentido, não parece difícil entender que todas as formas de viver e se constituir são absolutamente contingentes. Ou seja, os modos de ser e estar no mundo são absolutamente variáveis e transitórios, não devendo constituir regra para humanizar ou desumanizar quem quer que seja, considerando abjetos aqueles corpos que fogem à tal normatividade.

As diversas experiências narradas neste capítulo clamam pela emergência de novos cenários e nos aproximam de possibilidades de traição!

Trair como reparação!

“Que a intensificação de nossas redes e articulações faça babilônias cissexistas queimarem!”¹³⁷

Estamos com você, Viviane Vergueiro!

São os ativismos e conhecimentos de pessoas trans e travestis que, nesta escrita, ensejam traições como fronteiras e que ampliam nossas possibilidades de viver bem nestas diversidades, pondo em prática “uma cosmologia outra e quem sabe, daí em diante, abraçando a ambivalência, a cisgeneridade não seja só uma forma de se ver como parte de um grupo, mas uma maneira sofisticada de falar sobre uma crise.

Imaginar outros mundos. Pôr em prática nossas ousadias.”¹³⁸

¹³⁷ Viviane Vergueiro, 2016, p. 250.

¹³⁸ Sofia Favero, 2022.

4 Transvivências, Transepistemologias e Transeducação: fabulando outros modos de educar

Fazer refletir sobre como transvivências e transepistemologias elaboram uma concepção educacional outra, aqui chamada de transeducação, e como corporalidades trans e travestis potencializam a produção de conhecimentos em espaços formais e não formais de educação é o que motiva a costura de conversas em diálogo nessa etapa final dessa escrita.

Entrecruzam essas reflexões, um breve panorama do movimento de pessoas trans e travestis no Brasil objetivando situar quem que nos lê sobre essa trajetória histórica no que concerne às práticas educativas, bem como o modo como esse movimento reverberou e ainda reverbera nas *práxis* educativas e nos processos formativos.

Num outro momento, conjecturamos como os saberes ancestrais, numa leitura a partir do reconhecimento das travestilidades enquanto potências epistemológicas e possibilidades de produção de conhecimentos daquelas que nos antecederam, ressoam na fabulação de uma transeducação como prática de liberdade.

4.1 O movimento de travestis e pessoas trans no Brasil como *práxis* educativa: por onde andou a transeducação?

A história da educação formal de travestis no Brasil é marcada pela expulsão dos sistemas educacionais de ensino e pela marginalização social. O ambiente escolar hostil e inseguro, o preconceito, a transfobia e a violência verbal e física mantiveram praticamente ininterruptas as expulsões de seus corpos das escolas e seguem operando com êxito a manutenção da precariedade de suas impossibilidades de acesso e permanência, um processo de expulsão que estigmatiza identidades de gênero não conformes.

Dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), de 2022, revelam que cerca de 70% das pessoas trans e travestis não concluíram o Ensino Médio e

apenas 0,02% dessa população teve acesso ao ensino superior¹³⁹. A Rede Nacional de Pessoas Trans (REDETRANS) através do censo trans de 2022 revela que 64,3% foram expulsas da escola por não encontrarem nela acolhida e suporte para continuar os estudos¹⁴⁰. Ao longo do século XX, essa dinâmica imposta e violenta foi reforçada por práticas institucionais, culturais e sociais que negaram a essas pessoas o acesso a um ambiente educacional seguro e acolhedor.

“Então, a população trans ainda tem um longo caminho a percorrer dentro da sociedade, né?

A gente não vê a população inserida no mercado de trabalho, a escolarização ainda é muito precária devido a todo o processo que permeia nosso universo de violência, bullying...De expulsão, de exclusão.

E é muito interessante: Quanto mais você tem formações, você tem estudos, você não está isento da transfobia, né?

A coisa fica mais velada e as pessoas têm que te engolir.

O que acontece normalmente é isso.”

(Conversa com Júlia, participante da pesquisa, 2024)

A escola, como instituição social, refletiu e reforçou normas rígidas de gênero e sexualidade como ameaçadoras à ordem social e moral, abjetificando travestis, transexuais e outras pessoas que não se conformavam às expectativas de gênero.

A ditadura militar (1964-1985), trouxe uma intensificação da repressão moral e dos valores tradicionais. O regime militar promoveu ainda mais uma visão conservadora da família e da moralidade, o que aumentava ainda mais a marginalização.

Na década de 1990, com a redemocratização e o fortalecimento dos movimentos sociais, começou a haver uma maior visibilidade e organização das demandas LGBTQIA+. Com o avanço dos movimentos sociais e dessas organizações, as questões da educação para travestis e pessoas trans começaram a ganhar maior visibilidade. Entretanto, a expulsão educacional ainda se revela como um problema social grave.

“Pessoas transexuais e travestis são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais,

¹³⁹ <https://www.adufsba.org.br/noticia/5557/instituicoes-de-ensino-sao-espacos-violentos-e-excludentes-para-pessoas-trans-e-travestis>

¹⁴⁰ <https://escolajudicial.trt5.jus.br/sites/default/files/sistema/cursos/2024-04/tathiane-araujo.pdf>

entram na justiça para solicitar a mudança do nome e do sexo; enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: "não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto".¹⁴¹

A partir dos anos 2000, especialmente na década de 2010, houve avanços importantes em termos de políticas públicas e conscientização sobre a necessidade de incluir travestis e outras pessoas trans no sistema educacional. Em 2004, o governo federal lançou o Programa Brasil sem Homofobia, que incluía medidas para combater a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ no ambiente escolar. Este foi um passo importante, pois reconheceu oficialmente a necessidade de políticas específicas para essa população.

Em 2017, o Ministério da Educação (MEC) publicou uma resolução¹⁴² que permitia que travestis e pessoas trans usassem seu nome social em registros escolares, desde a educação básica até o ensino superior. Nos anos mais recentes, várias universidades públicas e privadas no Brasil têm implementado políticas de inclusão para estudantes trans. Algumas universidades criaram cotas específicas para pessoas trans nos processos seletivos, e outras desenvolveram programas de apoio psicossocial e acadêmico.

Apesar dos avanços, ainda existem muitos desafios. A discriminação e a violência nas escolas continuam a ser problemas significativos. Além disso, há uma falta de formação adequada para professores e funcionários sobre questões de identidade de gênero, o que pode perpetuar a exclusão e o preconceito. De acordo com Carolina Romanazzi Freire (2024) “é fulcral que estes os temas gênero e sexualidade sejam abordados na formação inicial docente, investigando o modo como esses conceitos têm ou não lugar na formação inicial docente.”

O processo de exclusão da educação no Brasil é um reflexo das normas sociais e culturais que prevaleceram ao longo do século XX. Embora tenham ocorrido avanços significativos nas últimas décadas, a luta por um sistema educacional verdadeiramente inclusivo e acolhedor para travestis e pessoas trans continua.

¹⁴¹ Berenice Bento, 2011, p. 549-559.

¹⁴² http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=81001-rcp001-18-pdf&category_slug=janeiro-2018-pdf&Itemid=30192

Essa é uma narrativa de luta contínua por reconhecimento e inclusão e que tem no movimento social organizado uma articulação de potências que reverberam atuações para a promoção de políticas públicas para a educação e o tensionamento da expulsão. Movimentos sociais constroem saberes engajando as pessoas na defesa das minorias e grupos vulneráveis como um amadurecimento político e cultural da sociedade.

Como o movimento nacional de travestis e pessoas trans pode aliar-se às práticas educativas promovendo o empoderamento de nossas experiências na constituição e produção de corporalidades em aliança? Como suas articulações atuam também na produção de uma transeducação ?

Somente uma identidade política consolidada é capaz de enfrentar as estruturas.

Para pensarmos sobre o processo da organização política do movimento de travestis e pessoas trans como práxis educativa, é fundamental compreender como se constituíram e se organizaram politicamente as travestis, um levante subversivo dentro de um movimento que também se colocou subversivo, que é o movimento LGBTQIA+. Sem a constituição desse ser político que é ser travesti no Brasil, que é a travestilidade, nada do que estamos vendo hoje seria possível. Muito provavelmente nós estaríamos num processo continuado de colonização identitária e haveria um apagamento ainda maior, não só do termo travesti, mas de todas aquelas que nos antecederam e resistem.

Resistências que elaboram a historicidade de nossa cultura a partir da ancestralidade, ensinando sobrevivências umas às outras.

Como garantir sobrevivência e vida plena?

Como não apagar qualquer possibilidade de existência não normativa, que prende, que caça, que institui dinâmicas de exploração?

Arranjos políticos de resistência que as travestis vieram construindo!

Muitas delas!

Viva Brenda Lee e todo seu pioneirismo por educação, visibilidade e representação para identidades trans e travestis!

Ativista incansável, ela lutou contra a discriminação e a violência advogando por melhores condições de vida, saúde e trabalho. Em 1989, fundou a Casa de Apoio Brenda Lee, também conhecida como Palácio das Princesas, em São Paulo. Esta instituição foi um marco importante, oferecendo abrigo e apoio a travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade. A casa oferecia não apenas um lugar seguro para morar, mas também apoio psicológico, médico e legal, além de promover atividades educativas e de capacitação profissional. Sua presença e suas ações desafiavam estereótipos e preconceitos, promovendo uma imagem mais positiva e humana dessas pessoas.

Brenda Lee é uma figura central no movimento de travestis no Brasil, deixando um legado duradouro de luta pelos direitos humanos e pela dignidade dessa comunidade.

Em 1992, o dia 15 de maio tornou-se um marco do movimento com a fundação do Grupo ASTRAL - Associação de Travestis e Liberados, que buscou responder ao acúmulo de tentativas de apagamento. Foi a primeira Organização de Travestis e Transexuais da América Latina. Até a data não se tinha conhecimento de outra associação específica, feita por e para pessoas trans e travestis. O grupo foi idealizado por seis travestis:

Jovanna Baby, Jossy Silva, Elza Lobão, Beatriz Senegal, Raquel Barbosa e Munique do Bavier.

Uma data histórica para o segmento no Brasil pois pela primeira vez essa população estava se organizando de forma política, o que causou visibilidade e repercussão na mídia, que publicizava a ação, dada a sua importância ao articular essas pessoas em associações, para aumentar as forças coletivas e lutar pela nossa existência.

Em seguida, a criação da RENTRAL (Rede Nacional de Travestis e Liberados) foi um marco importante para a organização e a articulação do movimento que já se constituía no Brasil, permitindo uma maior coordenação e colaboração entre ativistas e organizações em todo o país e desempenhado um papel crucial na defesa dos direitos humanos, na promoção da inclusão social e na luta contra a transfobia. Promovendo avanços importantes na luta por direitos e equidade, articulou ações na

defesa de políticas inclusivas e possibilitou a construção de um movimento mais forte e coeso.

A RENTRAL posteriormente viria a ser RENATA – Rede Nacional de Travestis – e, logo depois, no ano de 1997, tornaria-se ANTRA – Articulação Nacional de Travestis. Até então, essas instituições que atuavam no seio do movimento não tinham conseguido se registrar como personalidade jurídica. Jovanna Baby coordenou a RENTRAL/RENATA e presidiu a ANTRA de 1998 a 2000 e novamente de 2009 a 2001.

“Um episódio que ganhou notoriedade nacional foi quando a então presidente Jovanna Baby conclamou todas as travestis brasileiras a rasgarem seus títulos de eleitores em sinal de protesto ao descaso a que eram relegadas, dizendo:

Se somos reconhecidas como cidadãs apenas em épocas de eleição, não queremos! Vamos rasgar o que nos dá essa única oportunidade, pois queremos ser cidadãs todos os dias!”¹⁴³

Em 2000, a ANTRA passa a ter personalidade jurídica com o nome de Associação Nacional de Travestis e Transexuais, atualmente presidida por Keila Simpson. Trabalhando na articulação de redes regionais e locais, fortalecendo a mobilização e a organização de travestis e transexuais em todo o Brasil, a ANTRA é fundamental para a troca de experiências e para a construção de estratégias comuns de luta. Em 2002, dez anos depois do primeiro momento, em 1992, o projeto TULIPA, Travestis Unidas Lutando Incansavelmente pela Prevenção da AIDS é um marco que tinha o principal objetivo de capacitar representantes dos movimentos trans e travestis, para ajudarem na prevenção da AIDS e na garantia dos direitos humanos. É quando travestis pautam projetos específicos que elas iriam não apenas construir, mas também capacitar e formar. Um processo que buscava, principalmente, emancipar, promovendo o surgimento de grandes lideranças nacionais nas cinco regiões brasileiras e que pudessem constituir outras instituições que viriam a compor a grande rede que é a ANTRA.

¹⁴³Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/visibilidade-trans-conheca-a-antra-organizacao-pioneira-na-luta-pelos-direitos-de-travestis-e-transexuais/>

O Processo Transexualizador é instituído no Sistema Único de Saúde (SUS) em 2008, por meio da Portaria GM/MS nº 1.707, de 18 de agosto, e regulamentado, à época, pela Portaria SAS nº 457, de 19 de agosto de 2008. Em 2013 o programa é redefinido e ampliado, por meio da Portaria GM/MS nº 2.803, de 19 de novembro. Hoje a normativa do Processo Transexualizador está publicada no Anexo 1 do Anexo XXI da Portaria de Consolidação GM/MS nº 2, de 28 de setembro de 2017.

2008 ainda é o ano em que a Transgender Europe começa a fazer o monitoramento de violência contra pessoas trans e travestis a nível global.

Em 2010, o Conselho Federal de Medicina retira a classificação de mutilação das cirurgias de redesignação sexual. A Resolução nº 1955/2010 reconhece o tratamento de transgenitalismo de adequação do fenótipo feminino para masculino e isso só foi possível graças a uma movimentação e articulação dos movimentos trans e travestis que a todo instante estiveram em diálogo e participando junto ao Conselho Federal de Medicina para a construção dessa política.

No mesmo ano de 2010, para atender uma demanda histórica do movimento LGBT brasileiro e com a finalidade de potencializar as políticas públicas para a população LGBT, o CNCD/LGBT (Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos) passa a ter como finalidade formular e propor diretrizes de ação governamental, em âmbito nacional, voltadas para o combate à discriminação e para a promoção e defesa dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Em 2012, a professora cearense Luma Nogueira de Andrade tornou-se a primeira travesti doutora do Brasil. Sua pesquisa vem desvendar as resistências e assujeitamentos das jovens travestis na escola.

Evidenciando o uso de táticas que as travestis fazem para burlar a disciplina e o controle e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência no espaço escolar, Luma faz reflexões necessárias sobre como as estudantes travestis se movem na ordem normativa da escola.

Como constroem sua experiência de ser jovem travesti na escola? Quais as possibilidades de resistência diante desse ciclo de interdição e práticas reguladoras do sexo existentes na instituição escolar?

“A negação das travestis no espaço da sala de aula resulta no confinamento e na exclusão, que as transformam em desviantes e indesejadas. Quando isso ocorre no ambiente escolar, a pressão normalmente é tão intensa que impele as travestis a abandonar os estudos, sendo disseminada a ideia de que foi sua própria escolha. Esta justificativa tenta mascarar o fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola. As travestis pesquisadas se assujeitam e resistem para poder sobreviver; em alguns momentos, elas sucumbiram “ao peso de forças adversas”, mas também conseguiram gozar “as alegrias da solidariedade”¹⁴⁴.

Em 2013 há a criação do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT): uma rede nacional de ativistas da sociedade civil, sem fins lucrativos, a fim de desenvolver e monitorar pesquisas e discussões, oferecer formação política e incentivo à militância, e exercer controle social de políticas públicas para a população transmasculina brasileira.

Ainda em 2013 é lançada a Política Nacional de Saúde Integral LGBTI que é um divisor de águas para as políticas públicas em saúde no país e um marco histórico de reconhecimento das demandas desta população em condição de vulnerabilidade. É também um documento norteador e legitimador das suas necessidades e especificidades, em conformidade aos postulados de equidade previstos na Constituição Federal e na Carta dos Usuários do Sistema Único de Saúde.

Em 2013 pela primeira vez uma travesti recebe o Prêmio de Direitos Humanos da Presidência da República. Na 19ª edição do prêmio, Keila Simpson ganha a premiação por sua atuação diária em defesa da comunidade de travestis e transexuais na categoria Garantia dos Direitos da População LGBT. Promovido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, o prêmio consiste na

¹⁴⁴ Luma Nogueira de Andrade, et al, 2019.

mais alta condecoração do governo brasileiro a pessoas físicas ou jurídicas que desenvolvam ações de destaque na área dos direitos humanos.

O ano de 2014 também marca o aumento da participação de pessoas trans na disputa eleitoral, um recorde de candidaturas com 7 travestis em disputa. Vale lembrar que a primeira travesti eleita no Brasil foi Kátia Tapety em 1992, sendo reeleita em dois pleitos consecutivos, sendo vice-prefeita em 2002 na cidade de Oeiras, no Piauí. No mesmo ano o Conselho Nacional de Combate à Discriminação, através do Ministério da Justiça e do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, estabelece os parâmetros de acolhimento de LGBT em privação de liberdade no Brasil.

O Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS) é instituído ainda em 2014 atuando fortemente ao longo dos anos para o reconhecimento do nome social junto aos governos de estado, ao judiciário, além de campanhas junto à sociedade pelo respeito a essa conquista

São Paulo foi palco da I Marcha Transmasculina do Brasil, no dia 3 de março de 2014, na Avenida Paulista, reunindo cerca de dez mil pessoas.

Em 20 de fevereiro de 2015 acontece o I ENAHT, Encontro Nacional de Homens Trans e Pessoas Transmasculinas na Universidade de São Paulo, organizado pelo IBRAT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidades.

O Decreto n.º 8.727, de 28 de abril de 2016 dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

No mesmo ano, em 2016, cerca de oito pessoas trans são eleitas, todas mulheres trans e travestis, dentre 94 candidaturas.

Em 2017, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexo), passa a ter uma travesti, pela primeira vez, na presidência organizacional. No mesmo ano, a organização inclui intersexo ao nome institucional, mesmo não fazendo a adição da letra "I" na inicial.

No ano de 2017 a ANTRA começa a fazer os levantamentos sobre assassinatos para o enfrentamento da violência contra pessoas trans brasileiras.

Em 2018, há a fundação da Associação Brasileira de Intersexos (ABRAI): uma organização dedicada à defesa dos direitos e à promoção da visibilidade das pessoas intersexo no Brasil, lutando para garantir direitos humanos respeitados existências com dignidade.

A regulamentação do uso de nome social nas instituições de educação básica foi aprovada pelo Ministério da Educação, através da Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 1 de janeiro de 2018. Desde então, jovens maiores de 18 anos puderam solicitar o registro do nome social no ato da matrícula nas escolas.

A Resolução CFP 01/2018 determina que, em sua prática profissional, psicólogas e psicólogos devem atuar de forma a contribuir para a eliminação da transfobia e orienta, ainda, que não favoreçam qualquer ação de preconceito e nem se omitam frente à discriminação de pessoas transexuais e travestis.

Ainda em 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF), entendeu ser possível a alteração de nome e gênero no assento de registro civil mesmo sem a realização de procedimento cirúrgico de redesignação de sexo. A decisão ocorreu no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4275.

Em junho de 2019, em um julgamento histórico, na Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) nº 26, de relatoria do ministro Celso de Mello, o STF, por oito votos a três, decidiu em favor da criminalização da LGBTfobia, reconhecendo, assim, a prática da conduta contra pessoas LGBTQ+ como crime de racismo até o Congresso Nacional elaborar legislação específica sobre o tema. Portanto, a partir da decisão, quem ofender ou discriminar gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros está sujeito a punição de um a três anos de prisão, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Assim como o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível.

Em 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) oficializou durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, a retirada da classificação da transexualidade como transtorno mental da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID). Pela nova edição da **CID 11**, a transexualidade sai, após 28 anos, da categoria de transtornos mentais para

integrar o de “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada como “incongruência de gênero”.

Em 2020, novas regras para a cirurgia de transição de gênero foram publicadas pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). A resolução que saiu no Diário Oficial da União amplia o acesso à cirurgia e também ao atendimento básico para transgêneros. A norma reduziu de 18 para 16 anos a idade mínima para o início de terapias hormonais e definiu regras para o uso de medicamentos para o bloqueio da puberdade. Ainda em 2020 a 3ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJSP) garantiu a uma pessoa que se identifica como do gênero não-binário o direito de mudar de nome para que ele seja neutro e também que no registro civil conste a informação “agênero/ gênero não especificado”.

Em 2022, 19 pessoas trans foram agredidas, em média, por dia, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde. Os dados revelam que mulheres trans e travestis negras são as principais vítimas dessa violência: 64% dos casos de violência contra pessoas trans ocorrem com mulheres e 60% dos casos de violência contra travestis ocorrem com negras.¹⁴⁵

Se, por um lado, nós somos um dos países mais avançados na conquista de direitos para a população trans , por outro, a efetivação desses direitos e a garantia do acesso carecem de extrema urgência!

Habitamos um paradoxo existir? Ganham mais forças pautas conservadoras justamente pelos avanços das pautas trans e travestis?

Às custas do ódio continuaremos a ser revolução!

Por onde andou a transeducação?

¹⁴⁵<https://adiadorim.org/reportagens/2024/01/20-anos-de-visibilidade-trans-no-brasil-avancos-e-desafios/>

4.2 Conversas sobre transeducar: práticas de encantamentos e reinvenções

Intitulada “Tia, você é homem? Trans na/da educação: des(a)fiando e ocupando os cis-temas de pós graduação”, a dissertação escrita por Sara York em 2020, ao buscar responder como alguém marcado pela exclusão educacional conseguiu ir tão longe, aproxima o campo educacional ao corpo travesti, analisando efeitos dessas presenças em espaços públicos, entre eles a escola, e “que geram um bolsão que produz e flerta com várias pedagogias e estéticas da existência na construção de uma educação democrática, laica, pública, feminista e (travesti)epistemologicamente assertiva”.¹⁴⁶

Sara nos convoca a pensar sobre a relação dos espaços de produção de conhecimento e os corpos trans em suas experiências que impõem uma desnaturalização das normas de gênero, trazendo para a ciência e seus espaços o questionamento de hierarquizações historicamente constituídas. Lutando pela afirmação e garantia dos direitos e rompendo estruturas de subalternização, ela nos lança:

“Quem pode falar e quem é ouvido?”¹⁴⁷

Frutos de relações de poder que atravessam as dinâmicas sociais, os discursos sofrem constantemente processos de interdição. Quando travestis e pessoas trans, *c*istematicamente marginalizadas, produzem conhecimentos, também ameaçam a hegemonia silenciadora que as relega compulsoriamente às ruas e à prostituição, como corrobora o imaginário social.

Transepistemicídio: processo de morte aos saberes, vivências, histórias e experiências destas pessoas.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Sara Wagner York, 2020 p. 07

¹⁴⁷ Idem

¹⁴⁸ Sara Wagner York; Megg Rayara Gomes de Oliveira; Bruna Benevides. 2020.

Transeducar: processo de vivificação dos nossos saberes, vivências, histórias e experiências! - grito

Transeducar, é movimentar processos outros de disputas por espaços em meio ao caos e reivindicar possibilidades de desestabilizar as hegemonias. Transeducar é conciliar os diversos saberes que nos constroem e nos constituem. É trazer as ruas, ativismos e experiências para os processos educativos legitimando a construção do conhecimento multifacetada. É encontrar espaços nos becos, nas brechas, nas frestas e “fazer ter a ver”:

“Isadora - O que não tem a ver, eu faço ter a ver.

Onde não há ligações, eu as crio.

Eu costuro, porque eu acho que isso é um movimento também de sabedoria.

Frente à academia, frente ao mundo que exigiu que tudo fosse dividido em disciplinas, em caixotes, mas que na verdade sempre soube que, eu até digo, travesti sempre soube a coreografia das ruas, sempre soube a matemática de que menos uma, mais coragem.

Sempre soube a engenharia das giletes, a engenharia corporal.

A universidade é a universidade que insiste em dividir disciplinas, a gente vai lá e costura.

O corte é também um movimento de costura de alguma coisa.

Bruno - Muito potente isso, muito potente.

Porque, num certo ponto, é como essa habilidade que você falou da travesti, essa capacidade de costura, de o que não tem a ver, fazer ter a ver.

Isadora - Eu acho que, de fato, é esse movimento.

Esse movimento que é pedagogia, que é travecametodologia, né?

Aprender a suturar, não o mundo, esse mundo que está doente, mas suturar a terra, talvez, depois dessa ferida que é o mundo.”

(Conversa com Isadora, participante da pesquisa, 2024)

Isadora, Amiel, Lucas, Júlia, Caio, Ágata e Sirius, participantes em conversas para essa escrita, vem costurando travecas e transmetodologias, na companhia de tantas autorias aqui presentes, como uma “intelectualidade ativista, resistente e afrontosa que tem fomentado no Brasil uma espécie de Renascença Trans, uma chave interpretativa essencial para a superação de nossas atuais limitações e impasses históricos enquanto humanidade, para a trans-formação, quiçá uma transposição, desse projeto em (des)construção.”¹⁴⁹

¹⁴⁹ Jaqueline Gomes de Jesus, 2020, p. 128.

“Quem ouve e lê a intelectualidade trans, que falamos e escrevemos praticamente todos os dias? Somos, inevitavelmente, qualquer que seja o tema que abordemos, ativistas intelectuais, porque nossa simples existência é resistência, e nosso pensamento é, sobretudo, AFRONTA!”¹⁵⁰

Pensada a partir e, principalmente, com as epistemologias trans e travestis, uma transeducação enseja autorizar e reconhecer existências e experiências também nas desobediências aos currículos como “um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida; com diversas possibilidades de modos de vida, de povos e de seus desejos, com um mundo a explorar. Afinal, mesmo sendo um espaço disciplinar, por excelência, muitas coisas podem acontecer em um currículo.”¹⁵¹

Marlucy Alves Paraíso, propõe encharcar o currículo de desejos e experiências, rompendo com o já conhecido e produzindo alegrias, viver afinal, fazer crescer a potência de vida e alegria, expandir territórios, caminhar por novos trilhos:

“Tenho escrito que os/es/as trans/travestis são os corpos mais deslegitimados da/na escola, mas que serão também os responsáveis pela atualização deste lugar, que persiste em caminhar por novos trilhos. Eu arriscaria afirmar que sendo, boa parte da população mundial transgressora das regras e normas do sexo e/ou do gênero (ainda que microevidentes), aquelas que mais destoam no recorte, serão as mais necessárias, para atualização de uma nova sociedade. Se uma vez vistas, lidas e ouvidas, não há volta, será revolucionário.”¹⁵²

É no manifesto que abre seu livro que Maria Clara Araújo dos Passos, como parte da população transgressora de regras e normas, irrompe: “Optei por Pedagogia com a esperança de poder ser um diferencial. De finalmente pautar a busca por uma educação que nos liberta e não mais nos acorrente.

A escolha é apenas uma: lutar ou lutar.”¹⁵³

Maria Clara, Jaqueline e Sara, orquestradas sob a luta, fazem transeducação!

¹⁵⁰ Jaqueline Gomes de Jesus, 2020, p. 128.

¹⁵¹ Marlucy Alves Paraíso, 2009 p.278.

¹⁵² Sara Wagner York, 2020.

¹⁵³ Maria Clara Araujo dos Passos, 2022, p.23.

A partir de suas atuações, saberes e ativismos afirmam e produzem uma transeducação como fabulação do agora, comprometida com a gestão de presenças e lugar de encontro para todas as corporalidades!

Juntas, na quebrada - enlutadas até - transeducam como tática de (re)nascimento!

“Talvez o que a gente precise seja passar por um luto da educação.

Mas um luto da educação não é porque a educação precisa ser aniquilada, como vem sendo feito por governos fascistas.

Não é por aniquilação. A gente precisa que a educação tenha uma boa morte e que ela se transforme em outras coisas, se transforme em outras formas de viver com o outro, se transforme em outras formas de aprender, inclusive, com aquilo que foi destituído de vida.”
(Conversa com Isadora, participante da pesquisa, 2024)

A experiência do aniquilamento da educação, trazida por Isadora, é também renascimento. Para além de destruição e extermínio, é transformação, levando em consideração que é importante “compreender a singularidade e a funcionalidade do espaço escolar na experiência de vida de sujeitos LGBT, especialmente referente ao exercício da cidadania e da garantia do direito humano à educação.”¹⁵⁴ As tentativas de aniquilação de existências dissidentes por parte da sociedade cisheteronormativa é cotidiana relegando o sucesso escolar a uma categoria de exceção tornando-o fracasso individual ao invés de um problema estrutural preconceituoso e silenciador.

Foi buscando encontrar outros modos para reverter essa realidade que Júlia vislumbrou um projeto de resgate e acolhimento onde transeduca contra o preconceito e a exclusão:

“Bruno - Me fala sobre a Casa Amarela, que é essa possibilidade, então, como você disse, de produzir transeducação.

Como é que vem a ideia da Casa Amarela?

Julia - Eu acho que é o retrato de toda a identidade que fui construindo ao longo da minha vida, minha infância, minha adolescência, até a minha docência.

É um espaço que eu considero um espaço de educação não formal, um espaço de educação antirracista, educação transcetrada, voltada para o gênero, para a sexualidade e a inclusão.

Então nós já tivemos vários eventos, que aqui é um espaço múltiplo onde fazemos saraus, indígenas, saraus afro.

¹⁵⁴ Samira de Moraes Maia Vigano; Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin. 2017 p. 656.

A gente trabalha com toda essa gama de diversidade, de minorias, com o objetivo de promoção de igualdade, de valorização, de conhecer mesmo e até desconstruir estereótipos..

Elá é o reflexo de todo esse meu processo de construção.

Uma educação libertadora que possa promover a igualdade.

Os alunos consomem a Casa Amarela, os alunos da rede.

Bruno - Ah, os alunos da rede municipal do Rio de Janeiro?

Julia - Sim! Eu trago eles porque a escola que eu leciono é próxima.

Aí dá pra vir andando.

Aí às vezes eu preparo uma aula, venho dar uma aula aqui, uma contação de histórias.

Os eventos, eles vêm também, eles participam dos eventos da casa, tem os percussionistas que tocam aqui nos eventos também, que também são da rede.

Então é um espaço de educação mesmo e de construção de igualdade, de construção de identidade, porque aqui a gente fala de várias pautas.

A pauta indígena, a pauta feminista, a pauta LGBT, a pauta negra e entre outras pautas também.

Jaqueline Gomes de Jesus, inclusive, já palestrou aqui.

Ela veio trazer esses recortes também de gênero e sexualidade.

É uma casa aberta, né?

Apesar de hoje a gente não ter muito fomento, apoio, mas é uma casa aberta.”

(Conversa com Júlia, participante da pesquisa, 2024)

Ao pôr em prática, a partir de suas memórias e história, um espaço de educação, Júlia reflete sobre a práxis educativa e os desafios inerentes à educadoras e educadores no que concerne aos modos como diferentes corporalidades tem ou não lugar nos processos educativos, fabricando a todo tempo linhas de fuga no combate às violências que se sustentam amparadas nas relações de poder. Quando propõe possibilidades de uma educação outra, preconizada pela Casa Amarela, também reinventa e transeduca: acolhendo, promovendo e resistindo. Os modos como investimos nos processos de educar e suas problematizações, como visto no relato, podem coibir discursos e práticas preconceituosas e produzir posições críticas no contexto da própria formação docente. É o que nos mostra o trecho da conversa com Sirius:

“Eu sou bolsista num projeto de pesquisa que fala de autoavaliação, então a gente está pensando outros modelos de avaliação na formação de professores, e uma das questões que a gente vê muito latentes é da escrita de si, é um caminho para produzir uma avaliação, mas para que a gente, enquanto educador em formação, educadora em formação, que a gente possa escrever textos que falem das nossas experiências enquanto pessoas fora do contexto da faculdade, mas também dialogando com os textos que a gente está vendo, com as discussões que aparecem em aula, com as práticas que a gente vê num estágio, para

que seja uma formação mais enriquecida, que possa permear a minha experiência enquanto aluno, enquanto professor, professor de formação e uma série de outras coisas”.
(Conversa com Sirius, participante da pesquisa, 2024)

As insuficiências na formação docente protagonizadas na pele por pessoas trans e travestis que sofrem diariamente os efeitos transfóbicos, devem ser constantemente problematizadas. A presença fundamental de Sirius num projeto de pesquisa sobre avaliação na formação de professores produz enfrentamentos à posicionamentos e pensamentos, ainda infelizmente arraigados na formação docente, responsáveis por reiterar regimes de verdade que ao serem atravessados por verdades outras, relacionadas às vidas trans, podem enriquecer e transeducar. Uma educação para todas as pessoas, como vem nos contar Lucas:

*“Por que eu acho que a transeducação pode ser a porta para fazer tudo isso?
Para mim, a palavra trans é liberdade.
Trans é tudo o que você pode ser, inclusive o que você não quer ser, não quer se tornar.
Eu acho que a transeducação pode nos libertar dessas amarras coloniais, que é falar dessas terras, falar desses corpos e, assim, acolher as identidades num nível onde chegue um momento que a gente possa transcender as identidades.
A gente vai precisar chegar nesse momento.
Eu percebo que nós estamos vivendo um período de afirmação da identidade.
Ele é muito necessário.
E vai chegar o momento onde a gente vai ter que superar as identidades.
Só que até lá é uma longa caminhada, mas eu acho que é interessante a gente pensar nisso.
A transeducação tem uma outra epistemologia.
Ela tem um currículo que é vasto, ele é plural, ele é muito mais que multicultural, ele é envolvido com essas questões todas que são parte da nossa história, do nosso corpo.
Ele não tem medo das possibilidades múltiplas que a gente pode se tornar, acolhe as pessoas nas suas multiplicidades, com as suas formas de comunicar, de produzir, de entender, eu vejo possibilidades de esgarçamento das fronteiras.
A transeducação pode ser essa gira que envolve, encanta, liberta.
Uma educação que seja para todas as pessoas e que traga esse Brasil indígena, caboclo, LGBT, cheio de Xicas, Tibira e tantos outros nomes.
Todo o nosso ativismo, toda a nossa luta, toda nossa contribuição ancestral.
E eu acho que tudo que eu tenho escrito, produzido, feito, falado hoje é para encantar e para libertar, porque eu não vejo possibilidades da vida ser boa se não for assim.
Não vai ser.”*
(Conversa com Lucas, participante da pesquisa, 2024)

4.3 Ancestralidade Travesti e Transeducação: que fios tecem a nossa história?

O fio que tece o tecido é o mesmo fio que tece a vida, com sua sucessão de idas e voltas: ciclo de existência!¹⁵⁵

Saber ancestral sobre fazer e (des)fazer!

Resistência anticolonial com fios!

Me conta das suas ancestralidades?

Que histórias vamos continuar a fazer? Que fios tecem a nossa história?

Que ancestralidades virão a partir de nós?

Outro fim do mundo é possível?

Ao nos mostrar caminhos entre escrever e viver, mergulhada por questões de raça, gênero e classe no contexto brasileiro, a poeta e escritora Conceição Evaristo nos impacta com uma escrita que faz costurar experiência pessoal e ativismo, refletindo a ideia de escrever a partir de experiências vividas.

Para ela, é mais do que apenas contar histórias!

É subverter a lógica que por tanto tempo inscreve como legítima apenas a versão de grupos socialmente hegemônicos!

É uma maneira de resgatar e valorizar as vozes marginalizadas e contar as histórias que muitas vezes foram ignoradas ou silenciadas pela história oficial: uma forma de empoderamento, dando espaço para narrativas por tanto tempo omitidas.

Conceição escreve e vive as experiências de mulheres negras no Brasil e suas complexidades em meio às relações sociais e raciais:

“(...) Biliza viera da roça para a cidade. (...) Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar em casa para buscar o pai, a mãe e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no

¹⁵⁵ <http://www.omenelick2ato.com/mais/arte-textil-origens-e-africanidades>

fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos.

Biliza se desesperou.

Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa.

Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela.

Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro por brincadeira, para assustá-la talvez. A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho.

Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida.

O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada Biliza era tão limpa e parecia tão ardente.

Biliza não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa. (...)”¹⁵⁶

Através de suas obras, ela cria um diálogo sobre a injustiça, a desigualdade e a resistência. Seus contos, romances e poesias enfatizam a importância da memória, da história oral e da tradição, ao mesmo tempo em que desafiam as narrativas dominantes e as estruturas de poder tradicionais. Portanto, o conceito de escrevivência é uma ferramenta poderosa para iluminar as histórias de pessoas que têm sido marginalizadas e para reivindicar espaço e representatividade na literatura e na sociedade.

Conceição me faz reinventar os sentidos da escrita:

Escrever para resistir e reimaginar mundos mais justos e inclusivos!

Escrever enquanto resgate e pertença!

Escrever como enfrentamento a processos de colonização, violências de gênero e racismo pandêmico!

Uma escrita antidiaspórica ancestral de arrebatamento aos movimentos compulsórios de dispersão e violação de nossas histórias, nossos costumes, nossas religiosidades e tantas formas próprias de identificação.

¹⁵⁶ Conceição Evaristo, 2003, p. 84.

A construção e os deslocamentos das identidades femininas, a partir de Conceição, nos revelam como a identidade e a territorialidade estão intimamente interrelacionadas na construção das mulheridades negras, exalando histórias de escravidão, de violência e de exílio social.

**Ao nos entregar Ana Davenga, Luamanda, Lumbiá, Juventina, Pérola,
Angelina, Dolores e Dalva, Conceição também faz
reviver Xica!**

Através da representação de suas personagens na literatura afro-brasileira e revisitando a história de mulheres fraturadas, também traz à tona o resgate de mulheres que “transformam seus corpos em instrumentos de luta e resistência às políticas de morte, impostas por um sistema violento e opressor”¹⁵⁷.

Conceição materna Xica ao transbordar de lágrimas afetos insubmissos!

Mulheridades em dororidade!

Viva Xica Manicongo e toda a ancestralidade travesti!

“Mais uma Francisca entre tantas que lutam diuturnamente para sobreviver, em meio ao ódio e ao preconceito que nos cerca, ontem e hoje”.¹⁵⁸

Xica faz parte da história da diáspora africana no Brasil, que é uma parte fundamental da ancestralidade de muitas pessoas no país, sobretudo pessoas trans e travestis.

É absolutamente urgente falar de Xica por aqui!

Você já ouviu falar sobre Xica Manicongo?

“A ausência de um contexto histórico contribui para restringir a existência de travestis e mulheres transexuais nas sociedades contemporâneas ocidentais, bem como a determinados espaços”¹⁵⁹.

Conhecida por sua resistência e luta contra a escravidão, foi trazida para o Brasil como escravizada, mas se rebelou contra seu status opressivo.

¹⁵⁷ Humberto Gomes Pereira; Natália de Souza Lisboa. Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d' água, de Conceição Evaristo. 2019.p. 160.

¹⁵⁸ Jaqueline Gomes de Jesus, 2019, p. 252.

¹⁵⁹ Megg Rayara Gomes de Oliveira; Paula Regina Costa Ribeiro, 2018, p. 69.

Ao simbolizar a ancestralidade a partir de Xica Manicongo, quero contribuir para ampliar nossas compreensões sobre a diversidade de experiências e identidades ao longo da história, reconhecendo e celebrando as contribuições das pessoas trans e travestis para a resistência, a cultura e a luta por justiça social.

Xica desafiou ativamente as estruturas de poder coloniais buscando sua própria liberdade e a liberdade de seu povo.

Pode essa resistência ser vista como um exemplo inspirador para travestis que historicamente enfrentaram e continuam a enfrentar transfobias cotidianas, discriminação e marginalização?

Sua história nos convida a refletir sobre as diversas maneiras como a população trans têm existido ao longo da história e como travestis desempenham papéis significativos em diferentes contextos históricos.

“A reconstrução da trajetória dos usos da história de Xica Manicongo visa a reiterar o caráter de seleção e reconstrução contínua da memória coletiva, a partir do processo de identificação dos indivíduos com os seus grupos”.¹⁶⁰

Jovanna Cardoso e Letícia Carolina anunciam “Travestilidades Negras como parteiras do movimento LGBT” e tecem críticas ao silêncio que paira sobre as experiências de travestis e mulheres transexuais negras, como pesquisadoras e como sujeitas sociais e políticas. O texto publicado em 2022 no livro “Gritarias Epistêmicas: (r)existências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil”, também organizado por Megg Rayara e Jaqueline Gomes de Jesus, faz um “convite para que possamos olhar a história do movimento LGBT tentando reposicionar as travestis, em especial as negras, em seus lugares de protagonismo, denunciando o apagamento e invisibilização que perpassa as corporalidades de travestis negras, que desde a Colônia, tanto nos EUA, como no Brasil, desafiaram os padrões cisheteronormativos e estiveram na linha de frente da resistência”.¹⁶¹ As análises apontadas nesta publicação por cerca de mais de vinte autoras travestis questionam os processos de governamentos de seus corpos desde as experiências

¹⁶⁰ Jaqueline Gomes de Jesus, 2019, p. 255.

¹⁶¹ Jovana Silva Cardoso; Letícia Carolina Nascimento, 2022, p.24.

coloniais preservadas na memória, e que de algum modo “podem ser o resultado de reflexões atualizadas por vivências de hoje, colocando em evidência fatos que emergem vários períodos da história do Brasil e dos países atingidos pela diáspora africana, confirmando que suas caminhadas vem de longe”.¹⁶²

Foi preciso gritar nossas histórias !

Gritos contra os “isolamentos, exclusões, violação de direitos, violência física e psicológica que atravessaram e autorizaram em certa medida, o apagamento, dificultando o reencontro com o passado e com uma ancestralidade ancorada no corpo e na corporalidade, portanto sem relação direta com parentesco ou linguagens”¹⁶³.

A filosofia africana oferece uma perspectiva rica e multifacetada sobre a ancestralidade, que é entendida de maneira profundamente interconectada com as crenças, práticas culturais e estruturas sociais das comunidades africanas: uma dimensão vital e dinâmica da vida humana, que conecta os indivíduos às suas raízes culturais, espirituais e comunitárias. Esta perspectiva enriquece a compreensão do papel dos ancestrais na formação da identidade, na coesão social e na orientação espiritual, sublinhando a importância da continuidade e interconectividade entre gerações.

Ancestralidade como rede de relações que transcende o tempo e o espaço, unindo o presente, o passado e o futuro.

Como fio no tecido: costura de nós!

Como tecer o tempo ? Como ancestralizar também o presente?

Que ancestralidades virão a partir de nós?

Outro fim do mundo é possível?

(GritoFaloPensoEscrevo)

Escreverviver como escrevertecer!

¹⁶² Megg Rayara Gomes de Oliveira; Leticia Carolina Nascimento; Jaqueline Gomes de Jesus, 2022. p. 12.

¹⁶³ Idem

Escrevivência como escritatessitura!

Ancestralizar-se!

Tecer conversas epistemológicas e aquilombar teorias em coro para pensar uma ética da liberdade na educação e experiências de (re)existências entre diferentes vozes insurgentes.

Teoria como lugar de cura!¹⁶⁴

“Que esses saberes ancestrais em travessia possam nutrir solos existenciais calejados e quem sabe acender fogueiras de luta, que junto a tantos lutos, servem como faróis em meio a tempestade”¹⁶⁵.

Conhecida por seu trabalho inovador sobre gênero e sociedade africana, Oyèrónkẹ Oyěwùmí é uma acadêmica e teórica feminista e seus estudos desafiam as percepções ocidentais sobre gênero, cultura e história africana. Em "A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero"¹⁶⁶, ela argumenta que os conceitos ocidentais de gênero foram impostos às sociedades africanas através do colonialismo. As sociedades iorubás pré-coloniais não organizavam suas estruturas sociais primariamente em torno do gênero, como feito nas sociedades ocidentais. Em vez disso, a linhagem, a idade e a senioridade eram mais significativas. Aspectos importantes da cultura e sociedade africana que estão intimamente ligados a temas de ancestralidade e identidade perpassam sua obra problematizando como as estruturas coloniais e a modernidade ocidental reconfiguraram e muitas vezes distorceram as práticas culturais africanas, incluindo a forma como a ancestralidade é compreendida.

Como a imposição de categorias ocidentais pode ter alterado a percepção e a prática das tradições ancestrais? De que forma essa determinação pode impactar o papel crucial da ancestralidade na formação das nossas identidades e das relações sociais?

¹⁶⁴ bell hooks, 2017.

¹⁶⁵ Izabela Caixeta. 2021, p. 145.

¹⁶⁶ Oyèrónkẹ Oyewùmí, 2021.

Os efeitos profundos do colonialismo na memória coletiva e individual das sociedades africanas é discutido por Achille Mbembe em sua obra "Crítica da Razão Negra"¹⁶⁷, contando como a experiência colonial e a escravidão moldaram as identidades africanas e afro-diaspóricas.

Mbembe põe em correnteza um devir-negro do mundo!

“Quisemos escrever este livro à semelhança de um rio com muitos afluentes , neste preciso momento em que a história e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo. Efetivamente esse é o grande acontecimento ou, melhor diríamos, a experiência fundamental da nossa época”¹⁶⁸.

A memória coletiva e a recuperação da história são essenciais para a compreensão da ancestralidade, pois envolvem a revalorização das narrativas e tradições que foram suprimidas ou distorcidas pelo colonialismo. A dinâmica estruturante com que estados modernos escolheram exercer o controle sobre a vida e a morte, nos mostram como o poder e a violência determinam as existências humanas, a própria relação com a morte e o legado de ancestrais.

Sob a égide de um estado necropolizador, como assevera Mbembe, como as memórias e os corpos ancestrais são tratados em contextos de poder colonial e pós-colonial?

Como diferentes percepções do tempo influenciam a compreensão da história e da ancestralidade?

Mbembe é um forte defensor da descolonização do conhecimento e do desmantelamento das estruturas coloniais que ainda dominam a produção e a disseminação do saber. Este processo inclui a valorização e a incorporação das tradições e saberes ancestrais africanos, que foram historicamente marginalizados. A descolonização do conhecimento como forma de reconectar-se com a ancestralidade, reconhecendo e revitalizando as tradições e histórias.

¹⁶⁷ Achille Mbembe, 2014. p. 9.

¹⁶⁸ Idem

Como a memória, a história e a identidade nas sociedades africanas estão profundamente interligadas com a ancestralidade?

Sua crítica à colonialidade e sua defesa da descolonização do conhecimento são centrais para a valorização das tradições e memórias ancestrais, oferecendo uma perspectiva crítica e enriquecedora sobre como as heranças do passado moldam o presente e o futuro.

Que ancestralidades virão a partir de nós?

Outro fim do mundo é possível?

Como as estruturas coloniais moldaram e influenciaram a percepção de identidades de gênero diversas?

A chegada dos colonizadores europeus impeliu uma visão binária e rígida de gênero, baseada nas normas cisheteropatriarcais europeias. Essas normas foram impostas às populações colonizadas, resultando na marginalização e perseguição de pessoas cujas identidades e expressões de gênero não se encaixavam no modelo europeu. A truculência colonial trouxe consigo leis e práticas que criminalizavam, patologizavam e demonizavam práticas e identidades de gênero não conformes.

“As construções subjetivas dos povos originários do continente foram apagadas. Assim, na construção colonial epistemológica, o conhecimento advindo da Europa sempre foi considerado correto, científico, racional e superior, enquanto toda a produção advinda de outra origem geográfica foi configurada como inferior e não racional”¹⁶⁹.

Nossas identidades trans e travestis têm uma longa história de resistência contra as normas impostas pelo colonialismo em suas múltiplas formas de opressão e que hoje continuam a desafiar as narrativas e estruturas cisheteronormativas. Experiências que foram moldadas não apenas pelas identidades de gênero, mas também por posições dentro de um sistema pós-colonial que ainda perpetua desigualdades e exclusões com base em raça e classe.

¹⁶⁹ Fernando Joaquim Ferreira Maia; Mayara Helenna Veríssimo de Farias, 2020.p. 583.

Megg Rayara Gomes de Oliveira buscou localizar historicamente pessoas especialmente negras e africanas que expressavam identidades de gênero que escapavam às normas da cisgeneridade. No artigo “Transexistências Negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX”¹⁷⁰ Megg faz um trajeto histórico que vem sendo negligenciado pela pesquisa acadêmica, para além dos debates que naturalizam situações de exclusão.

“Essa “neutralidade acadêmica” continua operando em favor da branquidade e norma da cis heterossexualidade, contribuindo para que lacunas a respeito do trajeto histórico percorrido por travestis e mulheres transexuais, principalmente negras, não sejam adequadamente preenchidas. Entendo que a raça, além da identidade de gênero, contribui de maneira efetiva para estruturar as experiências de travestis e mulheres transexuais, já que o racismo acaba sendo um elemento adicional que opera para hierarquizar existências e definir os papéis sociais”.

A autora quer romper com a invisibilidade relativa à existência de travestis e mulheres transexuais negras, identificando historicamente suas presenças no Brasil, na contramão do colonialismo e da supremacia masculina. Se esforçando grandemente na releitura dos períodos históricos e consequentemente na produção de presenças, também denuncia a transfobia e o racismo em curso em nossa sociedade e rompe com posturas normatizantes e normalizadoras que reafirmam tanto a branquitude, quanto a cisgeneridade.

Viva Xica! Viva Yaya Mariquinhas! Viva Rosalina!

“É preciso estudar o colonizador, é preciso estudar as colonialidades que envolvem e esmagam nossas diversidades (mesmo que com um cínico sorriso de „acolhimento” nos lábios), para melhor prepararmos e organizarmos nossas estratégias de enfrentamento, resistência e desmantelamento: das colonialidades e dos colonizadores que delas se alimentam (em variadas dietas)”¹⁷¹.

¹⁷⁰ Megg Rayara Gomes de Oliveira; Paula Regina Costa Ribeiro, 2018, p. 69.

¹⁷¹ Viviane Vergueiro, 2016, p. 73-74.

Como resgatar e reivindicar histórias e identidades que foram esmagadas pelo colonialismo?

Como criar novas formas de existência e resistência e desafiar as estruturas coloniais remanescentes?

Como recuperar e valorizar histórias e narrativas que foram distorcidas pelo colonialismo?

É preciso compartilhar histórias de pessoas trans e travestis que desafiam as normas coloniais e nos são exemplos de resistência e resiliência!

Ao relacionar as identidades trans e travestis com o colonialismo ficam evidentes as dinâmicas de poder histórico e contínuo que afetam e influenciam nossas vidas e lutas. As estruturas coloniais não desapareceram com a descolonização política; elas continuam a influenciar as instituições e as culturas de muitas sociedades perpetuando as normas de gênero coloniais que nos marginalizam ainda hoje através de políticas anti-LGBTQ+ e a violência de gênero.

Reconhecer a ancestralidade travesti é um movimento de afirmação da identidade e da história que esta escrita, celebra, tece e quer preservar.

Vem dizer das reconexões de nossas identidades tantas vezes excluídas da narrativa histórica dominante, com suas tradições culturais e comunidades ancestrais.

“Tal reconstrução histórica participa, de maneira relevante, da construção de outras perspectivas sobre a multiplicidade de experiências relacionadas à vivência de uma identidade de gênero trans, a partir do protagonismo do próprio grupo social, que apreende seu passado, questiona o presente e constroi o próprio futuro.”¹⁷²

O reconhecimento de uma ancestralidade travesti pode nos aproximar de uma potencialidade transformadora ao abrir espaços para inclusão de outras formas de ser e existir se nos permitir subverter a hegemonia cisnormativa e colonial que sempre procurou interromper nossas identidades?

¹⁷² Jaqueline Gomes de Jesus, 2019, p. 259.

Mas como esse reconhecimento poderia provocar possibilidades de reinvenção da educação ?

Como os saberes ancestrais podem contribuir para a formulação de práticas de liberdade através de uma transeducação?

Afirmar a possibilidade de uma transeducação, título desta enTESEada escrevivência, vem de encontro às tantas questões que vão surgindo na conversa com você que me lê e nas conversas que viemos fazendo entre pares, entre nós, pessoas trans e travestis. Nossas aproximações surgiram das redes de afetos e resistências pessoais, acadêmicas e ativistas que vem sendo possíveis graças ao enfrentamento à invisibilização de nossas histórias.

Nossas ações tecidas em rede querem ancestralizar o presente!

“São estes os ativismos e conhecimentos que, em seus processos de resistência e luta, viabilizam a existência dessa e de outras perspectivas em espaços acadêmicos, e espero que possamos, enquanto comunidades, fortalecê-los crescentemente para consolidar avanços e ampliar nossas possibilidades de viver bem nestas diversidades.”

Viviane Vergueiro¹⁷³

São os ativismos e conhecimentos de travestis e pessoas trans que corajosamente tem nos permitido reorganizar táticas e estratégias para não morrer. É assim que também fazemos educação para além das formalidades, para além dos espaços hegemônicos de formação, a partir de espaços partilhados e modalidades diversificadas. Iniciativas educacionais perspectivadas pela decolonialidade, pela interseccionalidade, pela ancestralidade, por nossas histórias e que são fundamentais para combater a discriminação e a ignorância sobre as nossas identidades.

É necessário contar as nossas histórias e contribuições!

É fundamental (trans)formar a educação!

¹⁷³ Viviane Vergueiro, 2016 p.250.

**Educação que transcende os limites do tradicional e rompe as fronteiras da
cisnormatividade: por onde andou a transeducação ?**

“Foram as TRAVESTIS, principalmente negras, que abriram os caminhos!

Foram elas que reivindicaram as primeiras políticas. Foram elas que disputaram narrativas e espaços...

A normalização e normatização racista, machista e transfóbica de um movimento cooptado pelo capitalismo, tentou apagar essa história.

Se hoje ocupamos diversos espaços é porque as ANCESTRAS lutaram para que isso acontecesse. Muitas dessas EXUS seguem firmes na luta e é pra elas que eu bato cabeça e peço licença.

É pelas TRAVESTIS que eu luto! É para as TRAVESTIS que eu presto conta!

Laroyê Xica Manicongo, Cintura Fina, Tomba Homem, Aloma Divina, Marcinha da Corinto, Jovanna Cardoso, Keila Simpson ”

Gratidão, Megg Rayara

Por uma transeducação: um manifesto pela reinvenção do imaginário num tempo presente e possível!

Que mundo é este?¹⁷⁴ Que corpos importam?

Diante do teclado e a tela quase vazia repito - sem parar - o que acabo de escrever, não sem tanto insistir num movimento intenso de enrolar com as pontas dos dedos os pelos que invadem boa parte do meu rosto.

Fric(a)ção? Olho em volta!

Gestos, quase parecidos com os meus, rodeiam minha presença sob o controle de algumas pessoas também à frente de uma tela, já escrita - ou não - quem sabe? Algo parece nos conectar por ali. O silêncio, estampado numa placa de acrílico bem próxima a mim e em letras garrafais, nos lembra de que estamos numa biblioteca pública - lugar morada que acolheu grande parte dessa escrita - e que não, não se pode ali nem ao menos balbuciar.

Mas como?

Se as palavras e pensamentos parecem ter vida própria e causam eu meu corpo um reboliço frenético que, até certo ponto, acredite você ou não, as pessoas parecem ouvir...

Pensamentos em conversa para além de mim!

Escrita falada!

“...é preciso uma outra escrita para além da já aprendida, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma rede de comunicação, que indique, talvez, uma escritafala, uma falaescrita ou uma falaescritafala”¹⁷⁵

¹⁷⁴ Judith Butler., 2022.

¹⁷⁵ Nilda Alves, 2008, p. 30-31.

Pesquisa som! Tese falada!

É uma quinta feira do ano de 2025, são quase 14 horas, faz frio por aqui e eu estou buscando sentidos para além da escrita, deslocamentos para continuar *escrevivendo...*

“Preciso não escrever sobre como atravessar um processo sobre o qual me sinto perdida. Preciso não escrever sobre o que fazer quando estou paralisada. Se posso arrancar da paralisia e da confusão outro modo de escrita, preciso escrever sem garantias de que escrever mostrará as saídas; escrever com o risco de mergulhar em espiral negativa e me afogar no ar seco da dúvida.

Preciso não escrever, mas insisto e escrevo.”¹⁷⁶

Que mundo é este? Que corpos importam? - não paro de repetir entredentes

Lá se vão quatro anos em que, de algum modo, mais continuamente, os pensamentos que aqui arrisco transcrever se tornaram condições primordiais para tecer o ‘como’ busco viver! Tem sido essas escritas - e as que faço também sem papel e caneta, sem tela e teclado - companheiras aguerridas de minha história, na profusão de nossas experiências, teorias, ativismos e militâncias com/pela educação.

Com elas venho fazendo traição! Sem elas não seria possível a transição!

Na quebra! Juntas!

Encantravei-me! Encantravemos todas!

Sem encantravamentos não pode haver Transeducação!

Ao (auto)carto(coreo)grafar escritas por essas laudas, desde o início, em isolamento de nós numa dança pandemicizada, fui me dedicando a estilhaçar paradigmas para pensar uma educação outra. Resgatando a infância e parte da vida adulta fui compreendendo, nas afinidades com as transgeneridades, que nossas experivivências, constantemente sob algum efeito ameaçador, também poderiam ser constituídas de novas possibilidades de fruição de processos educacionais a partir

¹⁷⁶ Jota Mombaça, 2021, p.27.

dos modos como aprendemos a nos organizar, elaborando táticas de reinvenção do imaginário num tempo presente e possível:

Fazendo Transeducação!

Os movimentos disruptivos de uma pesquisa ao longo de quatro anos, atravessada por acontecimentos quase sempre implicados por ela, foram estabelecendo com a dinâmica da escrita um exercício de aprendizagem que se deflagrou em ato próprio de educar. As constantes conversas entrelaçadas no texto entre autorias insurgentes, tramadas em meio aos traumas de um regime cisheteronormativo, percorreram comigo um roteiro traidor das normas e ousadamente educativo. Inauguradas em diários de *tempovidapandêmico*, as reflexões entrecruzaram teorias e transepistemologias como munição de sobrevivência em meio ao caos, dançando com as palavras como modo de produzir alegria e subverter o sofrimento! Foi em meio às tantas teorias e bricolagens transvestis que um manifesto se forjou para além do texto.

A pesquisa por ora escrita saltou a pagina e fez-se corpo: travestiu-se!

Uma TESEdiário se fez também metaTESE!

Ao mesmo tempo em que conclamava uma transeducação também me transeducava e semeava, com a escrita, um roteiro de memórias do futuro, sobre continuidade e outros modos de atualização de um fazer educativo possível para a liberdade de todas as pessoas.

Ao fazer dialogar ao longo de todo texto autorias trans e cis, sob a ética transfeminista, intentei produzir diálogos para além. Emaranhado de presenças, leituras, teorias, afetos e amizades pude vivificar a dimensão de um sujeito transcoletivo e como a partir dos nossos posicionamentos éticos, estéticos e políticos ensaiaríamos outras dinâmicas sobre educar.

Tecer a pesquisa-vida ao mesmo tempo em que me fiz pesquisa-viva foi também transeducar.

Propor uma transeducação é fazer sutura, corte e fissura em um jogo de forças silencioso e violento de reprodução e perpetuação de uma educação ainda aquém de nossas subjetividades e dissidências plurais. Transeducar é um movimento de

plena atenção, escuta afetiva e ruptura com qualquer possibilidade de eliminação e apagamento das outreridades.

As conversas realizadas em pesquisa acabam por denunciar a instituição escolar como promotora na perpetuação das vidas que podem ou não existir naqueles contextos onde as dinâmicas de violência e opressão prevalecem desenhando a fortes traços a expulsão. Entre ordens e regras que atendem a um exercício constantemente cisheteronormativo, sexista e misógino as vidas trans têm amputados seus direitos à educação num país que cada vez mais avança de forma fundamentalista e conservadora.

Manifeste por uma Transeducação!!!

Muito do que se observou a partir dos relatos dentro das escolas é o que se vê também fora delas, numa reprodução desenfreada e criminosa de julgamentos e padrões cisnormativos presentes na sociedade.

Desmontar, desordenar e resistir! Juntas!

“Mas cá chegamos. Este capítulo é um ato de resistência, sobreviveu à depressão, ao desprezo, ao ódio e ao cansaço, e eu ofereço para que você multiplique a mensagem e quebre o silêncio: nós, população trans, temos uma história”¹⁷⁷

E são as histórias, compartilhados com os trechos de nossas conversas ao longo das últimas páginas, detonadores e fazedoras de um pulsar transformador só possível com

uma *práxis* educativa travesti por uma transeducação!

O que se aprende com a educação travesti?

O que se aprende com pessoas trans na educação?

Suas práticas, formais e não formais, tensionam a discussão sobre educar, promovem debates e levantam questões importantes sobretudo nos modos como instauram relações com alunos e alunas e a própria instituição. Suas identidades e direitos, cotidianamente atravessados por preconceitos e invisibilizações que negam

¹⁷⁷ Jaqueline Gomes de Jesus, 2018, p.380.

seus reconhecimentos, promovem, em contrapartida, transversalidade de temas como gênero, preconceito e violência apontando caminhos possíveis sobre transeducar.

Linhas de fuga por um manifesto que fazemos num tempo presente e ainda possível!

“Alinhamo-nos ao manifesto em produção textual múltipla, pois propõe outras relações éticas, estéticas e de afetos. Esta produção múltipla do manifesto é marcada por uma posição política dentro de uma determinada conjectura cultural e política, e incide com certa urgência. Esta urgência do manifesto nos faz abarcar a atualidade na sua forma mais convulsa, contemporânea, plena em agora.” ¹⁷⁸

Há por trás e com esse manifesto por uma transeducação, condições urgentes de emergência a partir da função que ele cumpre em nossa sociedade e história, combatendo hegemonias biopolíticas de governança sobre a morte de pessoas trans e travestis.

Do luto à luta!

Há também, através dele, alguma possibilidade de enfrentamento, traindo padrões cisgêneros que autorizam discursos transfóbicos ainda muito presentes na educação, fazendo perceber como a cisnormatividade atua nos processos de patologização de pessoas trans e travestis e como estabelece relações que tornam essas populações inimigas da sociedade.

Um manifesto pela Transeducação fortalece o coletivo e ensina comunidade.

Viva bell hooks!

É apropriação de forças de nossas vivências e demandas na instrumentalização de mecanismos de luta, de proteção e de empoderamento. É reconhecer na ancestralidade travesti um movimento de afirmação de nossas identidades e história.

¹⁷⁸ Sara Wagner York; Megg Rayara Gomes de Oliveira; Bruna Benevides, 2020, p.02.

Transeducar é um movimento contínuo de vai e vem, fiar e desfilar, embrenhar, conversar, contar, recontar e compartilhar o que vou vivendo, através de você que me lê!

É por em circulação afetos quebradiços, é fazer giras que encantam: é deslocar da fronteira o trauma e ao mesmo tempo tramá-lo.

Distante de propor soluções que são atravessadas por toda uma estrutura social e transfóbica bastante complexa e centenária levo comigo outros pontos importantes a serem refletidos com maior profundidade em outras oportunidades de pesquisa, tal qual analisar com mais afinco as interseções que permeiam a educação de pessoas trans e travestis com marcadores de classe e raça, e que tem grande impacto na forma de se educar, visto que no Brasil a educação formal é elitizada, apresentando desigualdades sociais e um sistema de avaliação seletivo.

Espero que você ainda esteja aqui...

É hora de fazer o corte, suturar e seguir!

E continuar, orgulhosamente, a transexistir!

Com Isadora,

“E se use do que a arte, do que a gente já construiu de metodologia também, sabe, Bruno? Se use de programa performativo, se use de montagem, se use de tudo aquilo que é tecnologia da gente, que a gente construiu pra poder se armar, né? Essas tecnologias, elas estão aí, ancestralmente falando, e não tô falando aqui de uma necessidade de hormônios, nada disso, certo? Não tô falando de um fundamentalismo, ou de o essencialismo travesti não, ou trans não. Tô falando de.. se use do que tá disposto porque se atravessou o tempo com a tecnologia é porque serve. Pra alguma coisa serve, né? Serve inclusive pra alterar, pra desordenar as coisas. E eu acho que a transmutação ela é mais sobre desordem do que sobre o mundo organizado, né? Quem é ordenado é a norma. É o mundo que é ordenado, né?”

Com Caio,

“Eu não aceito fazer pesquisa. Para falar a verdade, eu sou super contra, mas quando é uma pesquisa humanizada, eu consigo entender. Eu acho que a forma que você está fazendo é humanizada, é verdadeira.

Eu que agradeço por estar colocando minha vivência para que você transcreva, eu que agradeço o espaço também, porque sem essas pesquisas humanizadas, nós não chegaríamos em lugar algum, que é o que eu faço.

Eu tento fazer minhas pesquisas da melhor forma possível, humanizada, para poder conseguir tirar dali o melhor para mim e para a pessoa que está sendo, não sei qual a palavra que eu falo, a pessoa que está sendo pesquisado, a pessoa que está o avaliada, uma pessoa que está sendo lida.

Então, acho muito importante que o pesquisador tenha esse sentimento de que o contato é essencial.

Então, eu agradeço, de verdade.”

Com Sirius,

“As pessoas mais velhas são as que tornam o caminho possível.

Se você está há 21 anos na educação básica, eu bato a cabeça pra você, com todo respeito mesmo. O que você vai produzir sobre transeducação, tudo o que a gente vai produzir enquanto amigos, amizades, como sujeitos, fora disso também, da leitura acadêmica, vai me ensinar a ser um professor, um sujeito educador melhor. Eu te agradeço por isso.

Eu acho que eu vou ser muito mais forte pelo que ouvi e aprendi com você. Fiquei muito feliz da gente conseguir conversar, queria muito...”

Com Lucas,

“Agradeço muito por esse convite, por esse envolvimento.

Você tem uma sensibilidade que eu acho fundamental para travar essa luta.

E você também está incorporando esse trabalho.

E você é livre, nós somos.

Não é fácil fluir nessa sociedade, mas eu acredito na nossa sensibilidade, na nossa poética, no nosso encantamento, sabe?

É muito bonito, o legado que a gente vai deixar.

As fontes que a gente está bebendo, as pessoas que a gente se alia.

Então, muito feliz de fazer parte dessa história e que seja só o começo, que a gente construa muitas coisas e que seja linda a sua caminhada na finalização dessa tese também.”

Com Julia, com Ágata

E com você...

REFERÊNCIAS

ADAD, S. J. H. C.; NASCIMENTO, L. C. P. do; MARTINS, L. R. Aprendizagens em educação e as diferenças – resistências ao heteroterrorismo cultural: que só os beijos te tapem a boca. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e614985928, 2020. Disponível em:

<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/5928> Acesso em: 15 jan. 2025.

.ALV

ES, N.; GARCIA, R. L. (Org.). **A invenção da escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA; I. B. de; ALVES, N. (Orgs.). **Pesquisas nos/dos/com os cotidianos**: sobre redes de saberes. 3ª ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

AMARO, Ivan, COUTO JÚNIOR, Dilton Ribeiro, GANEM, Bruno Rodrigues. “EU REBOLO ATÉ O CHÃO MESMO!”: vidas precárias e corpos de gênero dissidentes no cotidiano escolar. **Revista Exitus**, vol.11, 2011. Disponível em: [“EU REBOLO ATÉ O CHÃO MESMO!”: vidas precárias e corpos de gênero dissidentes no cotidiano escolar](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: [Assujeitamento e disrupção de um corpo que permanece e resiste: possibilidade de existência de uma travesti no ambiente escolar | Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde](#) Acesso em: 5 jan. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> Acesso em: 15 jan. 2025.

ARARUNA, Maria Léo. **Bricolagem travesti**. Brasília: Padê, 2019.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Máquinas discursivas, ciborgues e transfeminismo. **Revista Gênero**, v. 14, n. 1, 2013. Disponível em: [MÁQUINAS DISCURSIVAS, CIBORGUES E TRANSFEMINISMO | Revista Gênero](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: [ASSASSINATOS E VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2020](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 549-559 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>

Acesso em: 15 jan. 2025.

_____. Nome social para pessoas trans: cidadania precária e gambiarra legal. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 1, p. 165-165, 2014. Disponível em:

<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197>

Acesso em: 15 jan. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOJUNGA, Lygia. **Intramuros**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso Acesso em: 15 jan. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Que mundo é este?: Uma fenomenologia pandêmica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

_____. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAIXETA, Izabela. **Tecendo resistências contra-coloniais entre azmies:**

travessias possíveis para uma ética da liberdade. **Teoria e Cultura**, v. 16, n. 1, p.

143-152, 2021. Disponível em: [Tecendo resistências contra-coloniais entre azmies: | Teoria e Cultura](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

CERTEAU, M.A. **Invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CESAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "epistemologia"**. Educar em Revista, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em:

<[Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "epistemologia"](#)> Acesso em: 15 jan. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs-vol. 5**. Editora 34, 2012.

DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral**. São Paulo: Hucitec, 2012.

FILHO, Luís Massilon Da Silva. **Por uma pedagogia sensível, transgressora e libertadora: notas reflexivas de paulo freire e bell hooks**. Anais VIII EPEPE...

Campina Grande: Realize Editora, 2022. p. 5303-5307. Disponível em: [POR UMA PEDAGOGIA SENSÍVEL, TRANSGRESSORA E LIBERTADORA: NOTAS](#)

Acesso em: 15 jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: NUNES, Isabella Rosado, DUARTE, Constância Lima (orgs.) **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

FAVERO, Sofia. Medo de um planeta cis. **Revista Docência e Cibercultura**, janeiro de 2022. Disponível em: [Medo de um planeta cis | Revista Docência e Cibercultura](#) . Acesso em: 15 jan 2025.

FÁVERO, Sofia. **Psicologia Suja**. Salvador: Devires, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Carolina Romanazzi. “O que anda na cabeça e bocas” das/dos licenciandos em pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF)? In: Seminário Internacional as Redes Educativas e as Tecnologias - Tessituras de Solidariedade e de Convivências nos Diferentes Espaços Tempos Educativos 12. 2024, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, FEBF, 2024. Disponível em: [“O que anda na cabeça e bocas” das/dos licenciandos em pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense \(FEBF\)? | Doity](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Ana Luiza Casasanta. Relatar a si mesmo: crítica da violência ética.

Revista Relicário, v. 4, n. 8, 2017 Disponível em:

<https://revistarelicario.museudeartesaerauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/1> Acesso em: 15 jan. 2025.

GARCIA, Carla Cristina. Prefácio. In PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das Travestilidades**. Civilização Brasileira, 2022. **preciso saber o nome do texto dessa pessoa**

GASPODINI, Icaro Bonamigo; JESUS, Jaqueline Gomes de. Heterocentrismo e ciscentrismo: Crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. **Revista Universo Psi**, v. 1, n. 2, p. 33-51, 2020. [Heterocentrismo e Ciscentrismo: Crenças de Superioridade sobre Orientação Sexual, Sexo e Gênero | Revista Universo Psi](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

GAUTHIER, Jacques; ADAD, Shara Jane Costa. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. **Educazion e Aperta: Rivista di Pedagogia Critica**, n. 7, 2020.

GONCALVES JR, Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 28, n. 3, 2020. Disponível em: [Manifestações textuais \(insubmissas\) travesti | Revista Estudos Feministas](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

GUEDES, Adrianne Ogêda et al. Quando escrever é mover: por uma (des) educação performativa na escrita acadêmica. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 44, p. 1-20, 2022. Disponível em: [Quando escrever é mover: por uma \(des\)educação performativa na escrita acadêmica | Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia**: E breves lições para o mundo pós-coronavírus (artigos e entrevistas). São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Pensamento trans universalizando a parcialidade cis-centrada. In: ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. Salvador: Devires, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Oliveira Silveira na UnB: Memória Coletiva e Políticas de Inclusão Racial. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 7, n. 15, 2014a. p. 4-24. Disponível em: [//abpnrevista.org.br/site/article/view/112](http://abpnrevista.org.br/site/article/view/112) Acesso em: 15 jan. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Travessia: caminhos da população trans na história. In: QUINALHA, Renan. et al. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica MANicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 250-260, 2019. Disponível em: [XICA MANICONGO: A TRANSGENERIDADE TOMA A PALAVRA | Revista Docência e Cibercultura](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. *Revista reflexão e ação*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011. Disponível em: [EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO | Reflexão e Ação](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

LEAL, Dodi. **De trans pra frente**. São Paulo: Patuá, 2021.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. **Conceição/Conception**: Campinas, v. 10, 2021. Disponível em: [Fabulações](#)

[travestis sobre o fim | Conceição/Conception](#) Acesso em: 15 jan. 2025. Acesso em: 15 jan. 2025.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera**: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Acesso em: 15 jan. 2025.

LORDE, Audre et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes, *et al.* (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020. Disponível em: [Escrita acadêmica performática... Escrita F\(r\)iccional: Pureza e perigo | Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

MAIA, Fernando Joaquim Ferreira; FARIAS, Mayara Helenna Veríssimo de. Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América. *Campo Grande: Interações*, v. 21, p. 577-596, 2020. Disponível em: [Colonialidade do poder: a formação do eurocentrismo como padrão de poder mundial por meio da colonização da América | Interações \(Campo Grande\)](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

MARQUES, Luciana Pacheco. A conversa como caminho metodológico na pesquisa com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Aiwu, p. 15-20, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte. São Paulo: N-1, 2018.

MOMBAÇA, Jota. **Ñ vão nos matar agora**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Modos de educar entre jovens transvestigeneres na universidade**: cartografias desejantes. 96f. Tese de Doutorado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2023.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. Mostra-Florescer: feminilizando práticas educativas. In: ADAD, Shara Jane Holanda; LIMA, Joana D'Arc de Sousa,

BRITO, Antônia Edna. **Práticas educativas**: múltiplas experiências em educação. Fortaleza, CE: Editora da UECE, p. 286-306, 2021.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. Quantas solidões habitam a corpa de uma travesti negra e gorda? **Psicologia & Sociedade**, v. 35, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/w8xK4v9c76pRWcWLMCDdqs/?lang=pt> Acesso em: 15 jan. 2025.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação**. 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. A cobaia agora é você: Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 36, p. 157-178, 2023. Disponível em: [A cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais | Caderno Espaço Feminino](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de; NASCIMENTO, Leticia Carolina; JESUS, Jaqueline Gomes de. **Gritarias Epistêmicas**: [re]existências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil. Salvador: Devires, 2022.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Transexistências negras: O lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX. **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação**, p. 69, 2018.

OYĖWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. 2021. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PARÁISO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 02, p. 277-293, 2009. Disponível em: [Currículo, desejo e experiência | Educação & Realidade](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

PEREIRA, Humberto Gomes; LISBOA, Natália de Souza. Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo. **ANTARES: Letras e Humanidades**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 159-177, 2019. Disponível em: [Análise decolonial das personagens femininas da obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo | ANTARES: Letras e Humanidades](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Maria Clara Araújo dos. **Pedagogias das Travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

PESSOA, Fernando. O Guardador de Rebanhos. In: **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. 10ª ed. Lisboa: Ática, 1993.

POCAHY, Fernando. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: [Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção | Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUINALHA, Renan. et al. **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

RAVENA, Isadora. Prototese para travecametodologias de criação em arte contemporânea. **Revista Poiésis**, v. 23, n. 40, p. 95-103, 2022.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? In: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Aivu, 2018.

RODOVALHO, Amara Moira. Cis by trans. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: [CIS by TRANS | Revista Estudos Feministas](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Aivu, 2018.

SILVA, Jovanna Cardoso da; NASCIMENTO, Letícia Carolina. Travestis negras: parteiras do movimento LGBT. In: OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de; NASCIMENTO, Letícia Carolina; JESUS, Jaqueline Gomes de. **Gritarias Epistêmicas: reexistências de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil**. Salvador: Devires, 2022.

SILVA, A. H. B. da. A relação entre sexualidade, escola e sujeito: notas Queers. **Communitas**, [S. l.], v. 7, n. 16, p. 104-117, 2023. Disponível em: [A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE, ESCOLA E SUJEITO | Communitas](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa uma metodologia menor? in: SAMPAIO, Carmen Sanches;

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora. 2023.

SANTOS, Helane Súzia Silva dos. Ninguém fluindo de máquinas desejantes. **Linha mestra** v. 9 n. 27, p. 77-79, 2015. Disponível em: <https://lm-teste-03.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1199> Acesso em: 15 jan. 2025.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L. (orgs). **Enlaçando sexualidades**: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 249-270, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade / Viviane Vergueiro. - 2016. 244 f.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ. São Paulo: n-1, 2020.

VIGANO, S. de M. M.; LAFFIN, M. H. L. F. Desafios da educação: relações de gênero e sujeitos LGBT. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 3, p. 656-673, 2017. Disponível em: [DESAFIOS DA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES DE GÊNERO E SUJEITOS LGBT | Revista Inter-Ação](#) Acesso em: 15 jan. 2025.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. e75614, 2020.

YORK, Sara Wagner et al. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação**: Des (a) fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2020.

ZANELA, Maria TRAVESTILIDADE E ANCESTRALIDADE: experiências racializadas e generificadas – Por uma Pedagogia do Campo-Pista Tese. 2024

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU
Doutorado em Educação.

Pesquisa: “Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade”.
Vinculada ao Grupo de Pesquisa NuDES - Núcleo de Estudos e Pesquisas
Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades. Linha de Pesquisa: Gênero,
Sexualidades e Cotidianos Escolares: atravessamentos entre as políticas públicas, a
produção acadêmica em educação e as práticas pedagógicas.
(dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2861357598212115)

Pesquisador: Bruno Rodrigues Ganem

Tel: (21) 981816490 E-mail: ganenbruno@yahoo.com.br

Professor Orientador: Dr Ivan Amaro

Tel: (21) 98305-4279 E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado/a a participar como voluntário/a da pesquisa: “Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade”. Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não desejar participar e pode desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Para participar desta pesquisa, não haverá qualquer custo, nem receberá qualquer remuneração e/ou vantagem financeira. Todas as informações que você fornecer serão utilizadas somente para esta pesquisa. Suas respostas, bem como seus dados pessoais serão mantidos sob sigilo e o seu nome não aparecerá em lugar algum, nem quando forem

apresentados os achados. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos e, após este tempo, serão destruídos. Caso deseje ter acesso aos resultados dessa pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador.

Eu, _____,
portador do documento de identidade nº _____,
inscrito no CPF de número _____
responsável pelo/a aluno/a _____
fui informado/a dos objetivos da pesquisa “Por uma transeducação: do pacto narcísico à traição da cisgeneridade”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em sua participação e autorizo que os dados produzidos a partir dessa participação sejam utilizados com objetivos estritamente acadêmicos e científicos, permitindo seu uso para fins de ensino, pesquisa e publicação. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20xx.

Assinatura do/a participante ou do/a responsável

Assinatura do/a Pesquisador/